

João é mesmo Elias?

- considerações a uma refutação.

Introdução

No momento, estamos em fase final do texto "Manifestação de espíritos, a Bíblia é uma das provas", do qual transcrevemos:

De início, queremos deixar bem claro duas coisas: primeira, que o presente estudo tem como objetivo principal o público espírita e os simpatizantes com o Espiritismo, também o estendemos a qualquer pessoa de mente aberta, que seja receptivo a ver e analisar outras explicações diferentes da que possa ter sobre esse assunto; e segunda, que não queremos provar o Espiritismo pela Bíblia, mas provar que o Espiritismo está na Bíblia, o que, para nós, é bem diferente.

Ademais, concordamos, por ser óbvio, que o fato de algo estar na Bíblia isso não o torna verdadeiro, pois ela não é, e nunca foi, um compêndio de Ciência, portanto, aos que tomam a Bíblia como verdade revelada, isso poderá chocar, visto que, em sua maioria, tem conceitos diferentes dos que iremos apresentar aqui. Porém, é bom que se diga: a manifestação de espíritos, ou em outras palavras, a comunicação com os mortos é, para nós, os espíritas, uma ocorrência completamente natural, portanto, mesmo que não a encontrássemos na Bíblia isso não faz a menor diferença, porque não fará que ela deixe de existir.

Poderão nos perguntar: por que motivo você usa tanto a Bíblia, se não crê totalmente nela, aliás sempre está dizendo que ela está cheia de contradições? Certamente, que parecerá incoerente para algumas pessoas, entretanto, não é bem o caso. A nossa razão de usá-la é bem simples: tomamos da mesma arma que os detratores utilizam para nos atacar. É o que estamos sempre a dizer: "não faça da Bíblia uma arma, a vítima pode ser você". Se alguns não gostam disso, é um problema que não nos aflige, porquanto, julgamos ter no mínimo o direito de defesa, algo tão relevante que é uma das garantias Constitucionais a todo cidadão brasileiro.

Queremos ressaltar que não somos intransigentes naquilo que nós pensamos, por isso fazemos nossas estas palavras de Kardec: "Como antes de tudo procuramos a verdade, e não temos a pretensão de sermos infalíveis, quando ocorre que nos enganamos, não hesitamos em reconhecê-lo. Não conhecemos nada mais tolo do que se obstinar sobre uma opinião errônea". (KARDEC, 2000a, p. 289).

Temos plena consciência de que este estudo não será lido pelos céticos, que não acreditam na existência do espírito, a eles, sem querer desmerecê-los, diremos, com Kardec: "Jamais tivemos a pretensão de coordenar a liberdade de ninguém, nem de impor nossas ideias a quem quer que seja, não as considerando como devendo fazer lei". (KARDEC, 1999, p. 79).

Quanto aos fanáticos, que, como os céticos, não são nosso público alvo, conforme já deixamos bem claro, ninguém consegue demovê-los de seus dogmas; razão tinha Oliver Wendell Holmes (1809-1894), médico, professor, palestrante, considerado por seus pares como um dos melhores escritores do século XIX (Wikipédia, 2011), quando disse essa frase: "A mente de um fanático é como a pupila do olho: quanto mais luz incide sobre ela, mais se irá contrair". (HOLMES, 2011, Web).

Há pessoas que não admitem a mínima hipótese de mudar de opinião sobre alguma coisa, e para não terem esse desconforto, passam a combater qualquer ideia que poderia levá-los a sair de sua zona de conforto. Vive, assim, nessa doce ilusão. A estas diríamos, com sinceridade: por favor, não percam tempo lendo este texto.

Mudando apenas de assunto, vale para a nossa convicção de que a reencarnação aparece, sim, na Bíblia. Entretanto, reconhecemos que somente para “quem tem olhos de ver”, os dogmáticos e os céticos jamais verão, pois nunca abdicam de uma posição firmada sobre algo, seja ela verdadeira ou não, o que mais lhes importa é não mudar de opinião. Além disso é preciso ser coerente e não dizer que a crença atual é exatamente igual à que nela consta.

Faz tempo que não temos a preocupação de rebater alguma refutação aos nossos textos, pois uma coisa já conseguimos perceber ao longo do tempo, e que o escritor Eduardo de Castro Bezerra Neto, foi muito feliz em expressá-la da seguinte forma:

**“Não há proposta lógica que não possa ser contestada,
nem proposta absurda que não possa ser defendida.”**

Como vemos é total perda de tempo tentar convencer a quem quer que seja, aliás desde quando iniciamos a colocar os nossos pensamentos em textos já suspeitávamos disso, o que foi cada vez mais sendo reforçado. Nunca nos iludimos em converter ninguém à nossa maneira de pensar, mas isso não quer dizer que não exporemos nossas opiniões. Tanto isso é a verdade, que a ninguém, que não pensa como nós, enviamos qualquer um dos nossos textos para “provar” que estamos certos e ele errado; porém, o contrário já temos visto aos montes.

Estamos fazendo com o de agora, visto o autor ter espalhado sua refutação, certamente, pensando que conseguiu “detonar” os nossos argumentos, pois, via de regra, e não estamos dizendo que é o caso dele, as pessoas acham que somos um bando de otários que nada entende de Bíblia; embora, muitas vezes, não o digam é, certamente, o que pensam. E já deixaremos bem claro que não entraremos nessa de ida e volta, assim, nossas considerações resumir-se-ão somente às presentes considerações. Se ficarmos num tipo de pingue-pongue, estaremos comportando como a maioria dos que se julgam “donos da verdade” que querem impor seus pensamentos aos outros, em razão disso, insistem até cansarem seus “adversários”, que acabam desistindo de continuar o debate, e assim sentem-se orgulhosos de que “venceram” o debate.

Sabemos pelas respostas, que temos dos leitores, que muita coisa do que escrevemos tem ajudado-os a entenderem determinados assuntos, é isso o que nos interessa. Aos que não comungarem com as nossas ideias, não tenho nada a dizer para demovê-los da posição que assumiram, apenas podemos desejar-lhes que sejam felizes com sua crença, já que somos com a nossa.

Para melhor visualização, iremos destacar os textos com planos de fundo diferentes:

Paulo Neto – transcrição de trechos de algum de nossos textos

Paulo Neto – o nosso texto objeto da refutação

Moisés Montalvão – a refutação

Todos os nossos comentários, sobre a refutação do autor mencionado, estarão sem plano de fundo.

O texto, que iremos comentar, recebemo-lo, pelo nosso site, em 30.03.2011:

Este é um e-mail de pedido de informações via
<http://www.paulosnetos.net/> de: moisés montalvão
[<moizesbrasil@oi.com.br>](mailto:moizesbrasil@oi.com.br)

O título: **A REENCARNAÇÃO E A BÍBLIA**

Trata todo ele de uma refutação ao nosso texto “João é mesmo Elias?”. Vamos aos nossos comentários.

APRECIÇÃO PRELIMINAR.

Reencarnação é uma proposta que cativa o anseio religioso de muitos: a suposição de que seja possível voltar à vida em condições melhores, evoluindo sempre, leva não poucas pessoas a desejarem adentrar nesse hipotético

universo de múltiplas vivências. A ideia de que progride-se a cada nova existência é idealização divulgada pelo espiritismo kardecista. Allan Kardec reformulou concepções orientais e criou tese particularizada, que alega ser o destino do homem experienciar variadas idas e vindas reencarnativas, até que o espírito se depure de suas imperfeições e chegue ao estado de "puro".

Vendo à nossa volta, podemos dizer que a reencarnação não cativa mais do que a ideia de salvar-se "de graça", apenas por crer em Jesus ou que o seu sangue "lavou" os seus pecados e pronto, que ganha de imensa goleada da opção que abraçamos. Estão aí as igrejas lotadas de pessoas assim, que, infelizmente, pagam em suaves prestações, via dízimo, o seu "lote" no "céu", que nem existe como um local; mas, tão somente um estado íntimo: "*pois o reino de Deus está dentro de vós*" (Lc 17,21).

Mas vamos ser bem sinceros, no nosso caso, realmente, essa ideia cativa mesmo, muito mais do que qualquer uma outra. Por ela é que vemos um Deus justo, que dá a mesma coisa para todos os espíritos, uma vez que se "*Deus é Pai de todos*" (Ef 4,6) será, portanto, "*Pai dos Espíritos*" (Hb 12,9). Certamente, como pai não estabelece nenhum tipo de privilégio, conforme podemos confirmar com a afirmativa de que "*Deus não faz acepção de pessoas*" (Dt 10,17; 2Cr 19,7; At 10,34; 15,9; Rm 2,11; Gl 2,6; Ef 6,9; Cl 3,25, 1Pe 1,17). É com ela, também, que todos os espíritos, um dia, chegarão a condição de poder desfrutar de Sua presença, podendo com isso reencontrar com as pessoas que amavam e que partiram para o "além" antes delas. Pelo menos é o que entendemos da admirável comparação de Jesus com o pastor e suas ovelhas, que foi buscar uma que havia se perdido, deixando as noventa e nove (Mt 18,12-13), e arremata categórico: "*é da vontade de vosso Pai celeste, que não se perca um só destes pequeninos*" (Mt 18,14). É, vamos dizer, uma "salvação" universal, bem ao contrário daquela egoísta e sectária pregada por aí.

A ideia de um "céu", para poucos e do "inferno", para a grande maioria, nunca nos seduziu, pois o "nosso" Deus nunca, jamais, em tempo algum, para sermos bem redundante, colocaria alguém para "assar" indefinidamente, numa pena com um tempo incomensuravelmente maior do que aquele gasto na falta. Seria tão absurdo, algo como um pai humano (ou desumano, seria melhor?) que colocasse um filho de primeira infância num castigo pelo resto de sua vida, simplesmente porque ele, para não ficar com "água na boca", comeu o bombom que estava em cima da mesa. Ora, uma maneira de agir assim, jamais se coaduna com a assertiva de que "*Javé corrige aqueles que ama, como o pai corrige o filho preferido*" (Pr 3,12), comparação interessante, pois, se o amor de Deus para com cada um de nós é igual a de um pai com o filho preferido (nós humanos temos disso), então quem ficará de fora do seu amor? Resposta: "*Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado*". (Sb 11,24).

Que fique claro de que o Deus que estamos falando é aquele que Jesus nos apresentou como sendo "Pai Celestial", que nada tem a ver com aquele deus terrível do Antigo Testamento, que nos sentimos aliviados quando conseguimos identificá-lo: "[El, o deus os hebreus politeístas](#)".

O fiel que não aceita a reencarnação, via de regra, o faz porque já se julga salvo, não passa pela sua mente a possibilidade de que, ao invés do "céu" esperado, poderá ir "desesperado" para o "inferno". E aí, sim, gostaríamos de saber se continuaria a acreditar que a sua hipótese – a do "céu e inferno" –, contraria a reencarnação, é melhor. Por outro lado, também nem chega a pensar que pode ocorrer que uma pessoa, a qual devota muita estima – pai, mãe, filho, parente, amigo - esteja no "inferno" e ele no "céu", a não ser que acredite que "do outro lado" passará à condição de não mais amar essas pessoas, tornando-se um egoísta no mais alto grau. Mas os egoístas "cabem" no "céu"? Resposta: "*... as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, rivalidade, divisão, sectarismo, inveja, bebedeira, orgias e outras coisas semelhantes. Repito o que já disse: os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus*". Gl 5,19-21).

O que estamos falando aqui, não é para enquadrar o autor que refuta o nosso texto, é apenas um desabafo de nossa parte.

O que achamos engraçado nisso tudo, é que outras doutrinas muito mais antigas que a nossa, creem na reencarnação e não vemos ninguém molestá-las por conta disso, a

implicância é mesmo contra o Espiritismo. Será que é por medo da verdade ou isso lhes dá algum *status*? O que se há de fazer, se até ao nosso Mestre Jesus, perseguiram... Aliás, tem um dito de Jesus (Mt 7,12), cujo sentido é: "Não faça aos outros aquilo que não quer que os outros vos façam", que se todos seguissem, viveríamos em paz uns com os outros, sabendo, inclusive, respeitar o direito dos outros em crer naquilo que acharem melhor para si. E, de mais a mais, não deveriam se preocupar tanto conosco, pois Jesus asseverou "*Toda planta que meu Pai Celestial não plantou será arrancada*". (Mt 15,13).

Erro crasso do autor é dizer que Kardec reformulou crença oriental, simplesmente não tem o mínimo conhecimento do motivo, pelo qual, ele chegou a esse ponto. Aliás, uma tese particularizada pode não combinar muito bem com crença comum, como nos foi dito pelo autor, refutando o nosso texto "[Kardec e a reencarnação](#)", do qual transcreveremos somente este trecho:

Muitas pessoas, querendo depreciar o Espiritismo, dizem que a reencarnação, na qual acreditamos, foi tomada do hinduísmo ou de uma crença popular qualquer. Certamente que apelando para o tal de "paganismo", como se isso fosse o bastante para derrubar a nossa convicção nessa lei divina. Para que fique bem claro, vejamos o que o próprio Kardec disse a esse respeito:

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus, com respeito aos homens de formação moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam. (KARDEC, 2006, p. 155). (grifo nosso).

O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Jamais dissemos que a Doutrina Espírita fosse uma invenção moderna. Por constituir uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos em provar que se encontram sinais dele na mais remota Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, onde existia desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das raças formava, pois, uma crença vulgar, admitida pelos homens mais eminentes. De que maneira chegou até eles? Por uma revelação, ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma ideia não atravessa os séculos e nem é aceita pelas inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a antiguidade dessa doutrina seria mais uma prova a seu favor do que uma objeção. Todavia, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação há, como também se sabe, uma grande diferença: a de os Espíritos rejeitarem de maneira absoluta a transmigração da alma do homem para os animais e vice-versa. (KARDEC, 2006, p. 177). (grifo nosso).

Vós estáveis, sem dúvida, dizem também alguns contraditores, imbuídos dessas ideias, e eis porque os Espíritos se aterraram à vossa maneira de ver. Aí está um erro que prova, uma vez mais, o perigo dos julgamentos apressados e sem exame. Se essas pessoas tivessem se dado ao trabalho de lerem o que escrevemos sobre o Espiritismo, teriam se poupado apenas de uma objeção feita muito levianamente. Repetiremos, pois, o que dissemos a esse respeito, saber que, quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, ela estava tão longe do nosso pensamento, que tínhamos feito, sobre os antecedentes da alma um sistema diferente, de resto, partilhado por muitas pessoas. A doutrina dos Espíritos, sob esse assunto, portanto, nos surpreendeu; diremos mais, contrariou, porque derrubou as nossas próprias ideias; ela estava longe, como se vê, de ser-lhe o reflexo. Isso não é tudo; não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos a nossa opinião, levantamos objeções, e não nos rendemos senão à evidência, e quando vimos a insuficiência do nosso sistema para resolver todas as questões que esse assunto levanta. (KARDEC, 2001a, p. 295-296) (grifo nosso).

Raciocinamos, como dissemos, abstração feita de todo ensino espírita que, para certas pessoas não é uma autoridade. Se nós, e tantos outros, adotamos

a opinião da pluralidade das existências, não foi somente porque ela nos veio dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica, e que só ela resolve as questões até agora insolúveis. Se viesse se um simples mortal e a adotariamos do mesmo modo, e não hesitariamos antes em renunciar à nossas próprias ideias; do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar obstinando-se numa ideia falsa. Do mesmo modo, teríamos repellido, embora vinda dos Espíritos, se ela nos parecesse contrária à razão, como as repelimos muitas outras, porque sabemos, por experiência, que não é preciso aceitar cegamente tudo o que vem de sua parte, não mais do que vem da parte dos homens. (KARDEC, 2001a, p. 301-302). (grifo nosso).

Temos, pois, como se vê, muitos motivos para não aceitarmos, levemente, todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando uma nos surge, nos limitamos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deslumbrarmos pela imponência de nomes pomposos; nós a examinamos como se ela emanasse de um simples mortal, e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação que não adotamos, embora vinda dos Espíritos, senão depois de reconhecer que só ela, mas só ela, podia resolver o que nenhuma filosofia ainda não resolvera, e isso abstração feita das provas materiais que dela são dadas, cada dia, a nós e a muitos outros. Pouco nos importa, pois, os contraditores, fossem eles mesmo Espíritos; desde que ela é lógica, conforme a justiça de Deus; que eles não podem substituí-la por algo mais satisfatório, não nos inquietamos mais com eles do que com aqueles que afirmam que a Terra não gira ao redor do Sol - porque há Espíritos dessa força e que se dão por sábios - ou que pretendem que o homem tenha vindo inteiramente formado de um outro mundo, carregado nas costas de um elefante alado. (KARDEC, 2000, p. 108-109). (grifo nosso).

O próprio princípio da reencarnação que tinha, no primeiro momento, encontrado mais contraditores, porque não era compreendido, hoje é aceito pela força da evidência, e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível dos maiores problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação, para-se a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional; se ela encontra ainda alguns adversários, mais sistemáticos do que lógicos, o número deles é muito restrito; ora, quem a inventou? Não foi, seguramente, nem nós e nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos, eis tudo o que fizemos. De todos os sistemas que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, sobretudo, entre as pessoas que julgam sob um primeiro aspecto, e, frequentemente, segundo ideias preconcebidas ou preconceitos; mas é evidente agora que, quem se dá ao trabalho de aprofundar todas as questões e julga friamente, sem prevenção, sem hostilidade sistemática, sobretudo, é invencivelmente conduzido, pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que prevalece hoje, pode-se dizer, em todos os países do mundo. (KARDEC, 1993, p. 135-136). (grifo nosso).

Temos, então, acima, os motivos que levaram Kardec a aceitar a reencarnação, o que indica, certamente, que não foi buscá-la no hinduísmo, conforme querem fazer crer os que, na falta de bons argumentos, tentam levar as coisas para o lado do paganismo, com o objetivo de liquidar a questão. Por outro lado, fica aí registrada mais uma prova concreta de que os que assim agem nada sabem sobre o Espiritismo, fato lamentável para quem se propõe a criticar os outros sem conhecimento de causa.

Se o autor prefere não acreditar no que Kardec disse acima, por querer manter-se firme contra a reencarnação, nada podemos fazer; porém, os fatos estão aí.

Existem conjecturas reencarnativas que veem o processo de forma negativa, e admitem a possibilidade de reencarnação em corpos de animais, vegetais, ou mesmo minerais. Algumas religiões asiáticas supõem a existência de vaivém reencarnativo praticamente infinito. No jainismo, grupo religioso com certa expressão na Índia, prega-se que a matéria sempre impregna a alma de forma

prejudicial, o que leva o ente a reencarnar inumeráveis vezes. Somente poucas almas saem da perene roda de vidas e ganham liberdade, incorporando-se ao cosmo. O feito se consegue por meio de práticas ascéticas e do completo abandono do desejo de viver; porém essas almas libertas não estão fora de risco: se de algum modo, qualquer parcela de matéria voltar a contaminá-las, reinicia-se o ciclo.

Vale colocar mais um trecho do texto “Kardec e a reencarnação”, no qual falamos justamente desse ponto:

Como essas críticas já existiam em seu tempo, Kardec não deixou de responder a essa acusação de que a reencarnação não seria senão uma renovação da doutrina da metempsicose de Pitágoras. A isso rebateu dizendo:

A metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma do homem nos animais, o que implicava uma degradação. Demais, essa doutrina não era o que se vulgarmente se crê. A transmigração pelos corpos dos animais não era considerada como condição inerente à natureza da alma humana, mas como punição temporária; é assim que se admitia que as almas dos assassinos iam habitar os corpos dos animais ferozes, para neles receberem castigos; as dos impudicos, os porcos e javalis; as dos inconstantes e estouvados, as aves; as dos preguiçosos e ignorantes, os animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos, conforme a culpabilidade, a alma, saindo dessa espécie de prisão, voltava à humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta; ela, como se vê, aliava-se à encarnação humana, e a prova disso é que a punição dos homens tímidos consistia em passar a corpos de mulheres, expostas ao desprezo e às injúrias. Era uma espécie de espantinho para os simples, antes que um artigo de fé para os filósofos. Assim como dizemos às crianças: "Se fordes más, o lobo vos comerá", os antigos diziam aos criminosos: "Vós vos tornareis em lobos", e hoje se diz: "O diabo vos agarrará e vos levará para o inferno".

A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquele a encarnação da alma humana nos corpos de animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre. Suas diferentes existências corpóreas se cumprem na humanidade, sendo cada uma um passo que a alma dá na senda do progresso intelectual e moral; o que é coisa muito diversa da metempsicose.

Não podendo adquirir um desenvolvimento completo em uma só existência, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em uma nova encarnação, o que ela não pôde acabar em outra, ou de recommençar o que fez errado. A expiação na vida corporal consiste nas tribulações que nela sofremos.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências da alma é ou não contrária a certos dogmas da Igreja, limito-me a dizer o seguinte:

Ou a reencarnação existe, ou não; se existe, é uma lei da Natureza. Para provar que ela não existe, seria necessário demonstrar que vai de encontro, não aos dogmas, mas a essas leis, e que há outra mais clara e logicamente melhor que ela, explicando as questões que só ela pode resolver. Além disso, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram nela sanção racional, hoje aceitos por aqueles que os repeliam outrora, por falta de compreensão. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que pela força das coisas será feito mais tarde.

Aqueles que não queiram aceitar a interpretação ficam perfeitamente livres, como ainda hoje o são, de crer que é o Sol que gira ao redor da Terra. A ideia da pluralidade das existências se vulgariza com pasmosa rapidez, em razão de sua extrema lógica e conformidade com a justiça de Deus. Quando ela for reconhecida como verdade natural e for aceita por todos, que fará a Igreja?

Em resumo: a reencarnação não é um sistema imaginado pelas necessidades de um ideal, nem uma opinião pessoal; é ou não um fato. Se está demonstrado que certos efeitos existentes são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso admitirmos que elas são a consequência desta; logo, se está em a Natureza, não pode ser anulada por uma opinião

contrária. (KARDEC, 2001b, p. 142-143). (grifo nosso).

Com isso Kardec fecha a questão quanto à origem de sua crença na reencarnação, evidenciando que, para sustentá-la, usou a razão e a lógica; não a fé cega e dogmática, imposta por dirigentes de determinados ramos ditos cristãos, visando seus próprios interesses.

Não é preciso acrescentar mais nada, o que está aí, basta.

Os adeptos da reencarnação ocidental esforçam-se por ver a crença demonstrada por todos os meios possíveis. Uma das maneiras de tentar dar validade ao reencarnacionismo é procurá-lo na Bíblia. Nesse ingente esforço, os garimpeiros da reencarnação parecem obter algum sucesso, pois conseguem selecionar textos que são apregoados serem evidências de que o conceito de vidas múltiplas está explanada nos Testamentos.

Se com os “adeptos” o autor quer se referir a nós espíritas, diremos que está redondamente enganado, pois não temos a menor preocupação em provar que a reencarnação está na Bíblia, conforme já foi dito. O que fazemos é apenas tomar da mesma Bíblia que usam para nos atacar, para nos defender, ou seja, estamos usando a mesma arma, por acharmos no direito de fazê-lo. Só isso! Estão ou não na Bíblia, para nós não faz a menor diferença, porquanto, a consideramos como uma lei natural, que mais dia menos dia será aceita pela ciência dita oficial.

Entretanto, essas “vitórias” são obtidas por conta de estratégias pouco produtivas. O resultado de tal atitude se mostra em estudos frágeis, que, em vez de esclarecer o interessado no tema, confundem e desinformam. Algumas dessas táticas são as seguintes:

1. desprezo pelo contexto em que a mensagem foi formulada. Em vários casos, o assunto em exposição aborda questões que, nem de longe, podem ser consideradas referências à reencarnação. Porém, por conta de certas expressões que, com boa dose de imaginação, parecem ter cunho reencarnacionista, os apologistas catalogam o texto como apologético das muitas vidas;
2. mutilamento do conteúdo do texto. A fim de salvaguardar a interpretação reencarnacionista, certos ensinamentos são apresentados parcialmente. Há casos em que versículos são explanados só com a parte inicial ou final, tudo com o fito de levar o leitor a concluir que a reencarnação é tema bíblico.

No decorrer da presente explanação encontraremos variados exemplos das atitudes referidas.

Eis aí o inconsciente colocando para fora o que o autor quer com sua refutação: “vitória”, já qualificando, ou melhor, desqualificando os nossos argumentos como sendo “estudos frágeis”, certamente, porque tem a convicção íntima de que o dele é um “estudo forte”. Parabéns, pela humildade! E diremos mais, preferimos “desprezar o contexto” do que agir dessa forma, e se em algum momento tivermos caído nessa tentação, que nos desculpe a fraqueza.

Até hoje não ouvimos senão os argumentos de que desprezamos os textos bíblicos e usamo-los fora do contexto; porém, não se dão conta de que fazem exatamente aquilo que nos supõem fazer. Que ironia!

Consciente de que alguns textos levam sim, para a ideia da reencarnação, busca refúgio em afirmar que neles não se diz “múltiplas vidas”, muito bem, mas quem disse sobre isso que eles pensavam exatamente como nós? O fato de acreditarem que uma pessoa possa voltar a uma nova vida, já nos basta. Até mesmo porque, sabemos que, naquela época, não tinham ideia precisa sobre o processo reencarnatório. O que não é de admirar-se, pois, até nos dias atuais, em pleno século XXI, tem muita gente que não o entende, e, alguns, pela falta de compreensão, acabam tal e qual Dom Quixote de La Mancha, atacando moinhos de ventos.

Para os que desejarem se aprofundar no tema, sugerimos as obras constantes nesta lista: [“Reencarnação – Bibliografia-v9”](#), que, atualmente, conta com setenta e cinco títulos, a

maioria de autores não espíritas, é bom que se diga. Estamos indicando-as porque temos todas elas em nossa biblioteca particular. Ai os antirreencarnacionistas terão material de estudo e pesquisa que lhes proporcionariam uma excelente oportunidade para verem que negar a reencarnação é uma atitude muito simplista, pois a coisa é bem mais complexa do que imaginam. Para conferirem a quanto andam as investigações, sugerimos que façam uma visita ao site: <http://existemespiritos.com/reencarnacao.html>

Por outro lado, concordamos plenamente que alguns apologistas espíritas extrapolam, quando apontam textos, que, em nada, dão evidências da crença na reencarnação. Mas em todas as correntes religiosas, infelizmente, encontraremos pessoas assim, como se diz: é da natureza humana! Porém, acreditamos que se os contraditores não se esforçassem tanto em tentar negá-la como constante da Bíblia, talvez não acontecessem esses excessos. Mas se há excessos do nosso lado, também os há entre os contrários, que não querem ver a reencarnação em nenhum dos textos bíblicos, por isso, jogar pedras no telhado do vizinho não é uma boa política.

O maior equívoco dos esforçados adeptos da reencarnação é o inexplicável desprezo pela temática central da Bíblia, que é a salvação pela graça de Deus. Jesus apresentou-se objetivamente como o enviado divino para redimir a humanidade de forma ampla, geral e irrestrita. Embora tenha deixado preciosas orientações para uma vida bem sucedida nesta vida, a missão principal de Cristo foi deixar-se imolar pelo bem da espécie humana. A Bíblia também notifica que Jesus Cristo ressuscitou e tornou-se o primeiro representante do projeto definitivo de Deus para o mundo.

É muito difícil encontrar um adepto das igrejas tradicionais que não atribui aos espíritas o epíteto de herege, aqui no caso, apenas mudou a palavra usando a expressão: “desprezo pela temática central da Bíblia”. Quantas pessoas não foram covardemente mortas por conta disso! E até quando teremos o pleno direito de pensar livremente?, especialmente, levando-se em conta que se houver algum prejuízo, este cairá somente sobre nossas próprias cabeças.

Mas se porventura houver algum desprezo, certamente, não será pelos textos bíblicos, que apesar das incontáveis incoerências e contradições, os respeitamos; porém, quanto às interpretações de conveniência, não nos garantimos. E, por mais que possa parecer incoerente, há um passo em que nós os seguimos incondicionalmente: “*Examinai tudo, retende o que é bom*” (1Ts 5,21). Para examinar há que se fazer uma crítica séria, bem como se afastar do dogmatismo, que os teólogos impuseram aos fiéis, aliás, isso é primordial.

“Salvação pela graça de Deus”, não; o que querem mesmo é salvação “de graça”, ou seja, sem ter que fazer absolutamente nada, especialmente, buscar as virtudes afastando-se dos vícios e dos sentimentos inferiores, a tal ponto que se possa aplicar em suas vidas o “*amar ao próximo como a si mesmo*”, que é a síntese de todo o ensinamento de Jesus, até arriscamos a dizer: fora disso não há salvação.

Mas se Cristo “apresentou-se para redimir a humanidade de forma ampla geral e irrestrita” por qual motivo ela ainda não está salva, mas somente um bando de privilegiados que dizem estar salvos? Falhou nessa missão que lhe atribuem? Mais ainda “se sua missão principal foi imolar-se pelo bem da espécie humana”, por que todos nós ainda não desfrutamos desses bens? Se ele veio para algo “amplo, geral e irrestrito”, por que algumas pessoas estão de fora, só porque não seguem as orientações de determinada Igreja ou não acreditam em Jesus à maneira delas?

Pessoas que pensam que Jesus veio “imolar-se pelo bem da espécie humana” ainda se encontram apegados aos rituais pagãos nos quais ofereciam-se animais para aplacar a ira dos deuses; o que, na verdade, faziam era apenas tentativas de subornar suas divindades.

Algumas vezes iremos generalizar, porquanto, alguns pensamentos expressos pelo autor, não é só dele, representam os de muitas outras pessoas. Se nos acusa de não obedecer ao contexto bíblico, nós, sem querer desmerecê-lo, podemos, por nossa vez, acusá-lo de estar fugindo ao contexto histórico, que, julgamos, ser importantíssimo para entender o propalado contexto bíblico.

Quando de suas oferendas, para expiação dos pecados, os judeus nunca pensaram que

elas iram servir para pecados futuros, ou seja, possíveis de acontecer; porém, aqueles já praticados, para ficar estritamente dentro do contexto histórico. Essa era a razão dos sacrifícios de animais, com os quais pensavam agradar a Deus, ao matá-los e espalharem seu sangue sobre o altar, cuja tetricidade choca a todo ser humano com alguma sensibilidade e amor aos animais.

Diante disso, colocamos:

a) como um ritual totalmente pagão, pode resolver a nossa salvação, pois os sacrifícios aos deuses pagãos são, indiscutivelmente, a origem dos rituais de expiação dos pecados que os judeus adotaram, ou plagiaram, e que, infelizmente, os cristãos absorveram e fizeram do Cristo o seu bode expiatório, pena que a grande maioria dos fiéis ainda não enxergou isso. Sabemos que a culpa não é deles; mas dos seus líderes que não os deixam pensar livremente;

b) como não há pagamento de pecados futuros, a prática dos judeus era, conforme já o dissemos, para os pecados já cometidos, então nós teremos que arrumar um segundo Cristo para morrer pelos pecados que a humanidade praticou depois da morte do primeiro Cristo até hoje e assim, sucessivamente, um terceiro, um quarto... *ad aeternum*.

c) considerando que *"não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios"* (Jr 7,22) e *"aprendei o que significa misericórdia quero, e não sacrifícios"* (Os 6,6; Mt 9,13; 12,7), como atribuir algum valor expiatório aos sacrifícios, incluindo, aí, o que imputam a Jesus?

d) alguém consegue explicar qual a lógica: Deus desce do "céu", encarna como homem (Jesus), morre na cruz como sacrifício, ofertando o seu sangue a ele mesmo (Deus), para pagar pelos pecados de quem não está nem aí para isso;

e) Se a morte de Jesus pagou todos os pecados, por qual motivo dizem que nascemos com o pecado de Adão e Eva, que, inclusive, é flagrantemente contrário ao *"os pais não morrerão pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa do seu próprio crime"* (Dt 24,16; Jr 31,29-30; Ez 18,20)?;

f) devemos jogar no lixo (é para ficar forte mesmo) os ensinamentos de Jesus expressos na parábola do juízo final, quando estabelece que a separação dos bons e maus será pela ação de cada um (Mt 25,31-46), revogar o *"a cada um segundo suas obras"* (Mt 16,27) ou, ainda, invalidar a moral evangélica contida na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37)?

Esse ensinamento está claramente explicitado no texto sagrado. Ora, se Jesus autodenominou-se "salvador", como poderia apresentar outro plano para a recuperação do homem, qual a reencarnação? Seria uma notável contradição!

Ele pode até, em última instância, ser mesmo considerado "salvador"; porém, não como querem que ele seja, para não ter que se fazer nada e mesmo assim ganhar "de graça" o reino do "céu". Contradição é não fazer absolutamente nada e achar que está salvo.

A salvação que muitos esperam dele é igual a um naufrago que deseja que alguém venha pegá-lo para colocá-lo na praia, quando, na verdade, Jesus apenas entrega uma boia a cada um de nós e aponta a direção correta que devemos seguir para chegar à praia. Essa boia nada mais é que os seus ensinamentos e não sua morte ou seu sangue derramado na cruz. Ele é nosso salvador pelo motivo de que, ninguém mais que ele, conseguiu ensinar-nos o caminho da salvação:

Mt 19,16-22: *"Um jovem se aproximou, e disse a Jesus: 'Mestre, que devo fazer de bom para possuir a vida eterna?' Jesus respondeu: 'Por que você me pergunta sobre o que é bom? Um só é o bom. Se você quer entrar para a vida, guarde os mandamentos'. O homem perguntou: 'Quais mandamentos?' Jesus respondeu: 'Não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; honre seu pai e sua mãe; e ame seu próximo como a si mesmo'. O jovem disse a Jesus: 'Tenho observado todas essas coisas. O que é que ainda me falta fazer?' Jesus respondeu: 'Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha, e siga-me'. Quando ouviu isso, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico"*.

O jovem era cumpridor dos deveres para com Deus (Dez Mandamentos), mas, mesmo assim, não fazia tudo, faltava-lhe algo, que só seria possível alcançar se vendesse tudo que tinha e desse aos pobres, ou seja, desprendimento de seus bens e de si mesmo que é a única forma de amar ao próximo em plenitude. Fora disso não há salvação, repetimos. Ou seja, a salvação aqui é algo que o próprio indivíduo tem que conquistar, fazendo o máximo de esforço, e não algo "de graça" que cai do "céu" na sua cabeça. Esse tipo de "salvação" pode beneficiar até mesmo os maiores criminosos, que também creem em Jesus, e que, por incrível, que pareça, por essa salvação "de graça" eles poderão estar no mesmo lugar que um Gandhi, um Francisco de Assis, uma Madre Tereza de Calcutá, entre outros, que, realmente, viveram e morreram, seguindo incondicionalmente as orientações de Jesus: "*amar ao próximo como a si mesmo*".

Vejamos este outro passo:

Lc 19,1-10: "Tendo Jesus entrado em Jericó, ia atravessando a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, o qual era chefe de publicanos e era rico. Este procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura. E correndo adiante, subiu a um sicômoro a fim de vê-lo, porque havia de passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa; porque importa que eu fique hoje em tua casa. Desceu, pois, a toda a pressa, e o recebeu com alegria. Ao verem isso, todos murmuravam, dizendo: Entrou para ser hóspede de um homem pecador. Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido".

Aqui, temos o tiro mortal na ideia da salvação "de graça". A fala de Jesus "*hoje veio a salvação a esta casa*", é significativa, pois prova que foi a mudança de atitude de Zaqueu, que levou a essa consequência, nada, portanto, de salvar-se somente por crer em Jesus ou algum outro motivo. Crer em Jesus ele, Zaqueu, creu; porém, foi pela sua nova postura diante da vida que a salvação chegou à sua casa. É dentro deste conceito, que "*o filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido*", muito diferente da salvação "de graça", pregada por aí, que muito agrada a espíritos preguiçosos.

Então, a proposta clara de Jesus é que devemos agir no bem, fazer as boas ações, amar a todas as pessoas indistintamente, incluindo aí, é bom ressaltar, **o dever de respeitar os que pensam de forma diferente que nós**. Ora, isso aplicado ao nosso dia a dia contam-se, nos dedos de uma mão, quem consegue fazer; assim, fatalmente, a grande maioria dos seres humanos irá de "cabeça para baixo" para o "inferno". Que triste destino, será que o bom pastor falhou e não conseguiu recuperar suas ovelhas desgarradas?

Como esse tema da salvação implica em maiores considerações, que não cabe fazê-las aqui, recomendamos o nosso texto: "[O que efetivamente nos salva?](#)".

A reencarnação entra no processo como único meio de fazer com que todos se salvem, e também fazer com que a vinda de Jesus à terra não tenha sido em vão, pois dessa forma ele, o bom Pastor, conseguirá recuperar todas as suas ovelhas tresmalhadas. O que não fizemos numa vida, faremos noutras, até atingir a perfeição proposta por Jesus ao jovem rico.

Voltamos a dizer, quem acredita nessa salvação "de graça" é porque já se julga salvo, muito mais fácil, convenhamos é mais cativante que domar seus instintos maus, perdoar "*setenta vezes sete*", "*amar ao próximo como a si mesmo*". Pobres iludidos!

Por outro lado, Jesus tinha muito mais coisas para dizer, segundo suas próprias palavras, infelizmente não pode fazê-lo, talvez, "*pela dureza dos vossos corações*" (Mc 10,5) ou quem sabe porque "*agora vocês não seriam capazes de suportar*" (Jo 16,12). Inclusive, isso é um bom argumento para contestar a afirmação de que se Jesus não ensinou a reencarnação ela não existe. Ora, se ele não ensinou, como acreditam, não foi, certamente, porque a reencarnação não existe, mas, bem provavelmente, pelo motivo que não suportariam essa verdade. Fato confirmado pelos negadores da atualidade.

algumas opções se oferecem aos adeptos das múltiplas existências: 1) rejeitar o conteúdo bíblico; alegar que são postulações fantasiosas; ou que a proposta reencarnacionista seja melhor, etc. Não é de boa medida, contudo, distorcer o sentido dos escritos sagrados para transformá-los em discurso favorável à reencarnação. Fariam melhor trabalho, os diletos kardecistas, se simplesmente asseverassem que o conteúdo na Bíblia não lhes diz respeito e que apoiam crença que têm por melhor fundamentada, ou algo do gênero.

Ora, se o conteúdo bíblico presta para que com ele nos ataquem, certamente, também deverá prestar para nos defendermos. Aliás, é uma boa oportunidade de lançarmos um desafio: nos aponte uma só passagem na qual Jesus tenha desrespeitado, ridicularizado, menosprezado ou condenado a opção religiosa de alguém. Até onde sabemos, ele foi intransigente com a hipocrisia, daí ter usado palavras enérgicas contra os fariseus: “raça de víboras”, “sepulcros caiados”, etc. Ficamos nos perguntando se podemos classificar de hipócritas os que querem usar do direito de acreditar no que lhes convém sem dá-lo aos outros?

Pode não ser uma boa medida apresentar a reencarnação como uma proposta melhor, entretanto, se não é melhor para a salvação, ela é para demonstrar a justiça de Deus, porquanto abrange a todas as criaturas, independentemente de credo, etnia, cor, opção sexual, condição social etc.

Também fariam melhor que parassem de usar a Bíblia para nos atacar; certamente, que devolveríamos na mesma moeda, ou seja, não a usaríamos para nos defender.

Pior é quando distorcem os textos bíblicos para sustentar a liderança religiosa. Quer um exemplo? Simples: o dízimo. Em todo o contexto bíblico ele somente foi pago com os produtos da terra, nos quais o homem não faz nada para que cresçam e produzam, porquanto, são ações que pertencem a Deus, daí deveriam “pagar por isso”, em dez por cento dos PRODUTOS AGRÍCOLAS. Se quiser ver todos os nossos argumentos basta ler: [Dízimo, deve-se ou não pagar?](#), inclusive, será uma boa oportunidade para conferir se usamos ou não o contexto bíblico.

Para que não se diga que ficamos nos acusativos sem demonstrar o que foi afirmado, selecionamos reflexão de consagrado autor espírita, na qual se propõe comprovar que Jesus noticiou cristalino evento reencarnacionista quando declarou que João Batista era o Elias que havia de vir.

Ser “consagrado autor espírita” para nós é uma grata surpresa, não imaginávamos que já tínhamos chegado a esse patamar. Pena que depois de nos elevar a tanto, procura puxar-nos o tapete. E, para reafirmar, nossos textos são para aqueles que, de fato, têm mente aberta, bem como para os simpáticos ao Espiritismo.

O texto do autor é apresentado em parágrafo recuado. Nossas objeções seguem após o termo COMENTÁRIO. Os realces nos textos foram de nossa iniciativa. Conquanto apresentemos o escrito que será analisado por inteiro, caso haja quem se interesse em examinar o trabalho, antes de ler nossos comentários, o artigo está disponível em: http://www.espiritismogi.com.br/colunistas/joao_mesmo_elias.htm

Embora não seja de grande importância, ficamos sem entender porque o texto não foi tirado diretamente do nosso site, uma vez que foi nele que o autor postou sua refutação. É que em nosso site os textos são atualizados, enquanto, os que constam de outros sites nem sempre. A última versão é a de fevereiro do corrente ano (http://www.paulosnetos.net/attachments/054_Joao_Batista_e_mesmo_Elias.pdf), a usada é de janeiro de 2007.

João Batista é mesmo Elias?
PAULO DA SILVA NETO SOBRINHO

“Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da

autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso" (DESCARTES)

"A verdade não conhece mistérios, nem dogmas, nem milagres. A necessidade de enganar, de iludir faz parte sempre dos mesmos mistérios, dogmas e milagres". (MELO, M. C.)

"O que é preciso, ao homem que reflete, é alguma coisa que fale à sua inteligência". (KARDEC, A.)

PAULO NETO: 1.- Introdução

Pelo fato de não aceitarem a reencarnação, muitas pessoas têm defendido a tese de que João Batista não teria sido Elias em nova encarnação. Evidentemente, partem de uma interpretação pessoal, completamente associada ao dogmatismo religioso em que vivem, resultando em algo que pouco ou nada tem a ver com os textos bíblicos.

COMENTÁRIO: na visão de Paulo da Silva Neto, a não-aceitação de que Elias reencarnara em João Batista se deve ao repúdio da hipótese reencarnacionista e a interpretações particulares, estas descartadas do real sentido dos textos bíblicos. Afirma, pois, que o único juízo admissível seria o de que João Batista fora reencarnação de Elias.

O surpreendente é que tal afirmativo, relativo a "interpretação pessoal", parte de adepto do espiritismo-kardecista, agremiação que, normalmente, não tem grande atenção na leitura dos escritos bíblicos, até mesmo forçando certas ilações, como é o caso da tese da pluralidade dos mundos habitados: Kardec foi buscar na palavra de Cristo, "na casa de meu Pai há muitas moradas" o arrimo para a insustentável ideia de que todos os orbes celestes agasalham vida.

A realidade é que nem todos os corpos celestes são habitados; e, se formos rigorosos, podemos asseverar que, até o momento, nenhum orbe, afora a Terra, pode ser considerado possuidor de vida inteligente, visto que não se encontrou indício disso (embora seja factível supor que em alguns astros haja viventes). É sabido que Kardec, Flammarion, Chico Xavier, dentre outros, "contemplaram" vida inteligente em quase todos os planetas do sistema solar; visões que não se confirmaram. De certa maneira, pode-se afirmar que Kardec constrangeu Jesus a apoiar uma suposição que não há como ser sustentada.

E repetimos, não fosse as interpretações particulares dos que mais defendem posições pessoais, que verdades bíblicas, a reencarnação seria aceita naturalmente como constante dos ensinamentos de Jesus ainda que de forma não tão explícita quanto desejamos, mas que está lá, isso está: "para quem tem olhos de ver", é claro!

O que mais nos aparece são pessoas que apenas ouviu dizer isso ou aquilo do Espiritismo; porém, nunca buscaram as informações na fonte ou até mesmo verificando *in loco*, ou seja, indo a um Centro Espírita para, pessoalmente, ver o que fazemos ou deixamos de fazer. Kardec bem que dizia: "julgar o que não se conhece é uma falta de lógica, o de apreciar sem provas é um esquecimento das conveniências" (KARDEC, 2001, p. 59)

Dizemos isso por uma questão bem simples: é que o autor disse que normalmente "não temos grande atenção na leitura dos escritos bíblicos", tivesse ele um pouco mais de conhecimento veria que a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e diga-se de passagem não é um outro evangelho (sobre este assunto [clique aqui](#)), contém estudos de várias passagens do Novo Testamento, obviamente, sob a ótica espírita; portanto, damos mais valor aos ensinamentos de Jesus do que os de Moisés, como os adeptos de outras religiões tradicionais fazem. Aí, cabe a pergunta de Kardec: "Trata-se de saber se a Igreja coloca a lei moisaica acima da evangélica; assim será, por certo, se ela for mais judia que cristã." (KARDEC, 2001, p. 139). Aliás, para nós, Jesus revogou o Antigo Testamento (sobre este assunto [clique aqui](#) e [clique aqui](#)).

Além disso, na maioria das casas espíritas nas reuniões públicas estuda-se o Evangelho, seja tomando esta obra citada, seja baseando-se em outros "milhares" de livros espíritas, que estudam várias passagens bíblicas. O estudo tem como objetivo explicar os ensinamentos de Jesus de forma tal que possamos colocá-los em prática no nosso dia a dia, portanto, buscamos essencialmente a transformação moral e não a salvação "de graça", até mesmo porque, conseguida a primeira a outra é consequência.

Podemos ainda acrescentar que todas as nossas reuniões iniciam-se e terminam com

uma prece a Deus, pedindo ou agradecendo a Sua proteção e a Sua assistência através dos espíritos, que cumprem a Sua vontade. E seria bom esclarecer: Jesus é para nós o modelo e guia da humanidade, e não o bode expiatório que morreu na cruz em sacrifício salvatério. Aliás, para ser bem coerente com o contexto bíblico e histórico ele foi simplesmente assassinado a mando do poder político de sua época, obviamente, incentivado pelos líderes religiosos que não o suportavam.

E já que tocamos no assunto bode expiatório, vale a pena colocar algumas opiniões sobre isso:

Os judeus da Palestina nunca acreditaram em sacrifício humano, nem na crucificação do messias pelos pecados do mundo. Os pagãos acreditam que seus deuses, Adonis, Attis, Osiris e Mitra morreram pelos pecados da humanidade. Foi Paulo que adotou a ideia de bode expiatório acentuando-a sobre o Cristo crucificado. A teoria do "pecado original" e redenção pela morte do Filho de Deus foi invenção de Paulo. Para mais esclarecimentos, veja Shamas, J. D., *Where Did Jesus Die?*, London Mosque, Londres, cap. 10, chamado "Redemption". (HASSANAIN, s/d., p. 119). (grifo nosso).

Infelizmente, porém, a ideia do bode expiatório que morreu para o judaísmo, continua no cristianismo, com a diferença de que agora o bode expiatório não é mais um animal inocente, que, morrendo, extingue os pecados humanos, mas sim o único homem sem pecados que, segundo a teologia, paga com sua morte os pecados da humanidade.

Depois desse pagamento dos pecados da humanidade pelo sangue de Jesus, era de se esperar que o homem estivesse quite com a justiça divina; mas os teólogos ensinam que todo homem nasce de novo em estado de pecado, vive e morre cheio de pecados – não se sabe em virtude de que lógica... (ROHDEN, s/d, p. 96-97). (grifo nosso).

As religiões de salvação, baseadas no culto de seres divinos ou semidivinos que morrem e ressuscitam, não só influenciaram sobre o modo de apresentar a ressurreição de Jesus, como tornaram mais fácil a sua aceitação, até transformar esta questão de fé num elemento decisivo do sucesso da nova religião (DONINI, 1965, p. 295) (grifo nosso).

89- JESUS FOI O NOSSO "BODE EXPIATÓRIO"?

o Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Abordarei nesta resposta o mito antigo e bárbaro do perdão de nossas faltas por meio da oferta de sacrifícios expiatórios a Deus, com o derramamento de sangue da vítima, rito esse praticado não somente pelo povo hebreu, mas por muitos outros povos mais antigos. Mediante esse velho rito mítico, seres humanos (principalmente heróis, crianças e moças virgens) eram sacrificados para agradar aos deuses e obter deles favores e perdão dos pecados. Foi esse mito que gerou a doutrina cristã mítica da salvação defendida por Paulo de Tarso e pelo cristianismo dogmático, ou seja, "Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele" (VASCONCELOS, Yuri. *O Homem que inventou Cristo. SUPER Interessante*. Edição 195, dez, 2003) (negrito meu).

Com o passar dos tempos, animais (como bois, bodes, cordeiros, ovelhas e pombas) substituíram os seres humanos nos sacrifícios expiatórios.

No judaísmo, anualmente, no Dia da Expição dos Pecados, conforme Levítico 16, um bode era sacrificado como oferecimento pelos pecados dos judeus e outro bode era enviado ao deserto, conduzindo os pecados do povo hebreu.

Foi sobretudo esse mito judaico do "bode expiatório" que deu origem à doutrina cristã dogmática (paulinista) da "expição" do "pecado original" pelo sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, Jesus (o mítico) passou a ser interpretado como o bode (ou o cordeiro) expiatório final e definitivo pelos pecados de todos os seres humanos deste planeta.

Mais explicitamente, o Jesus mítico sempre foi visto pelos cristãos dogmáticos (paulinistas) como a personificação da prática mítica antiga de transferir os pecados de um grupo para um animal ou para um bode expiatório humano, que seria banido ou mesmo sacrificado como meio de expurgar as faltas cometidas pelos membros da sociedade.

Esse animal, ou ser humano, era algumas vezes revestido de divindade e, assim, um homem-deus podia morrer como um bode expiatório e transformar-se num "redentor". Por isso, o Jesus mítico é "o Cordeiro de Deus", o "redentor" da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz.

A doutrina central do cristianismo dogmático da expiação dos pecados da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz é vista, com razão, por muitos escritores modernos como cruel, repugnante e masoquista (ou sadomasoquista).

"Masoquista" (ou "sadosoquista") é uma pessoa que busca o sofrimento, a humilhação, ou até mesmo a morte, sentindo muito prazer (cf. Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, verbete **masoquismo**). Nesse sentido, refletamos sobre o que escreveu o escritor Richard Dawkins:

Agora o sadosoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expiação* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado de Adão: pecados *futuros* também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los! [...] Se Deus quisesse perdoar nossos pecados, por que não perdoá-los, simplesmente, sem ter de ser torturado e executado em pagamento ... ? [...] Paulo ... estava impregnado do velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação. [...] [Em suas epístolas], ele diz exatamente isso. Os estudiosos progressistas da ética hoje em dia já acham difícil defender qualquer tipo de teoria retributiva da punição, imagine então a teoria do bode expiatório - executar um inocente para pagar pelos pecados dos culpados. [...] E, para completar, Adão, o suposto executor do pecado original, nem existiu: [...] Ah, mas é claro, a história de Adão e Eva era apenas *simbólica*, não era? *Simbólica*? Então, para impressionar a si mesmo, Jesus fez-se ser torturado e executado, numa punição indireta por um pecado *simbólico* cometido por um indivíduo *inexistente*? (DAWKINS, 2007, p. 325, 326 e 327).

Mesmo não sendo ateu, concordo plenamente com o que escreveu o escritor ateu Richard Dawkins nesta citação. Como é que Jesus pode ter morrido para pagar o pecado original, cometido por Adão, se nem Adão nem o pecado original existiram historicamente, mas apenas simbolicamente? E se a história de Adão e Eva é apenas *simbólica*, como defendem atualmente, com razão, muitos teólogos cristãos, como é que Jesus pode ter sido sacrificado na cruz para pagar uma culpa apenas *simbólica*, cometida por indivíduos *inexistentes*?

Essa argumentação lógica é mais do que suficiente para desmentir, à luz da "fé raciocinada", o dogma cristão da redenção de nossos pecados pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Essa doutrina mítica, cruel, repugnante e sadomasoquista é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

"Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos" (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que Jesus não é o nosso "bode expiatório". Ele não foi morto para pagar nossos pecados. Somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos pecados, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos. (SOUZA, 2011, p. 170-173). (grifo do original).

Pena que a maioria dos dogmáticos não têm o mínimo conhecimento disso.

Mas as nossas "ilações" têm recebido dos países desenvolvidos verbas astronômicas, objetivando o contato com seres de outros planetas, pois vidas em outros planetas já é ponto pacífico a grande possibilidade de existir. Os dogmáticos terão que se curvarem aos fatos, tal qual os que outrora tiveram que se dobrar diante da tese de Galileu Galilei.

Mas acreditar que a Terra, esse ínfimo grãozinho de areia, diante do Cosmo infinito, é o único planeta que tem vida é amesquinhar Deus, pois coloca-O fazendo uma imensidão de mundos, cuja quantidade ainda não tivemos condições de mensurar, para nada ou quem sabe, apenas para enfeitar as noites para que os casais de namorados se deliciem.

Quanto a afirmativa de que todos os planetas do sistema solar são habitados, pode ter havido uma generalização, entretanto, também não se deve descartar a possibilidade de que habitantes de outros planetas tenham constituição física completamente diferente da nossa; porém, adaptadas às condições físicas do orbe no qual vivem. Então, se alguém for a Marte, por exemplo, não poderá falar que não existe vida lá, o máximo, que poderá afirmar é que não há vida da forma que ele conhece, pois a sua referência é apenas a Terra, planeta insignificante, diante do Cosmo.

Transcrevemos do nosso texto: "[A reencarnação é uma impossibilidade total?](#)":

A Revista Galileu, maio/2000, em matéria de capa intitulada "Vida lá Fora – começa a grande busca", o autor José Tadeu Arantes fala do satélite europeu Corot em cuja missão está também a de procurar vida fora da Terra. A reportagem assinada por José Tadeu Arantes teve a colaboração dos astrônomos José Renan de Medeiros, presidente da Sociedade Astrônomo; Duília de Mello, pesquisadora do Observatório Espacial de Onsala, Suécia e de Roberto Boczko, pesquisador do Instituto Astronômico e Geofísico da USP. Dessa reportagem transcrevemos:

Rumo ao contato

A Via Láctea possui aproximadamente 100 bilhões de estrelas. Entre elas, no mínimo 10% são parecidas com o Sol - e, portanto, potencialmente dotadas de sistemas planetários. Se cada uma dessas estrelas tiver um planeta que seja, isso significa que, somente em nossa galáxia, existem cerca de 10 bilhões de planetas. É preciso possuir uma mente muito estreita para duvidar que, nesse formidável conjunto de corpos celestes, haja vários capazes de abrigar a vida e pelo menos alguns nos quais tenham se desenvolvido organismos inteligentes.

Mas como fazer contato com civilizações localizadas a dezenas ou centenas de anos-luz de distância? No final dos anos 50, Giuseppi Cocconi e Philip Morrison, dois físicos da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, propuseram uma forma esperta de cortar caminho: rastrear as ondas de rádio recebidas do espaço, em busca de um tipo de sinal que pudesse ser atribuído a emissões inteligentes.

Não se deve concluir, apressadamente, que qualquer ponto do universo que emita ondas de rádio possua seres vivos evoluídos. O Sol e todas as demais estrelas produzem radiação nessa faixa - bem como em outras bandas do espectro eletromagnético. Mas nem por isso se supõe que abriguem vida, quanto menos vida inteligente. O que determina a possibilidade de haver uma civilização na outra ponta da linha é o padrão da onda. Se for sempre igual, ou variar de forma caótica, é pouco provável que decorra de uma atividade intencional.

Porém, se apresentar um padrão sistemático de variação, podemos desconfiar que existe alguém, lá longe, tentando se comunicar.

Pois é isso que acontece nas emissões terrestres de rádio e TV, nas quais uma onda portadora, de frequência constante, carrega numerosos sinais de frequências variáveis. Vasculhar o céu à cata de alguma fonte de rádio com padrão sistemático parece ser a forma mais simples de se pesquisar possíveis nichos de vida inteligente fora da Terra. (ARANTES, 2000, p. 37) (grifo nosso).

Nessa reportagem ainda encontramos uma abalizada opinião. Leiamo-la:

A opinião do diretor do Hubble

Um número cada vez maior de cientistas de primeiro time vem apoiando com entusiasmo os trabalhos do novo Seti. Entre eles, está o astrônomo israelense Mario Livio, diretor do programa científico do instituto do Telescópio Espacial (Hubble). "Por que a Terra seria o único planeta privilegiado com a vida? Não é apenas deprimente, mas também muito pouco provável que estejamos sozinhos no Universo", afirmou Mario Livio a Galileu. "De qualquer forma, não é recorrendo a especulações estatísticas que saberemos se existem mesmo civilizações extraterrestres. Isso só poderá ser descoberto por meio de observações, como as propostas pelo Seti e outros projetos de vanguarda".

(ARANTES, 2000, p. 38).

Certamente, tem razão o crítico; pois nenhum gênio provou isso; entretanto, muitos gênios acreditam nessa possibilidade. Por ter afirmado (dentre outras heresias da época), que existiria um número infinito de mundos, e, portanto, de outras raças inteligentes e à imagem de Deus no Universo, Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição e Galileu também quase foi parar na fogueira por ter desafiado as imposições do “conhecimento” oficial da Igreja Católica. Antes de morrer, declarou o rebelde Giordano Bruno aos juízes: “Talvez o seu medo em me passar esse julgamento seja maior do que o meu de recebê-lo”, e isso resume bem o que existe por trás da intolerância e do dogma: simplesmente medo. Já existe um que hoje é chamado o “Galileu da reencarnação” (Dr. Ian Stevenson), e quem sabe, um dia aparecerá um outro “Galileu” com provas definitivas de vida inteligente no Universo, mesmo a contragosto dos contrários?

As questões 55 a 57 de *O Livro dos Espíritos*, podem explicar a dúvida do crítico, que tivesse mesmo o tempo de estudo do Espiritismo, que alegrará mais adiante, certamente, não a teria.

55 – Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

- *Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como crê, o primeiro em inteligência, em bondade e perfeição. Todavia, há homens que se creem muito fortes, que imaginam que somente seu pequeno globo tem o privilégio de abrigar seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que Deus criou o Universo só para eles.*

56 – A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

- *Não, eles não se assemelham de modo algum.*

57 – A constituição física dos mundos não sendo a mesma para todos, seguir-se-á tenham organização diferentes os seres que os habitam?

Sem dúvida, como para vós os peixes são feitos para viverem na água e os pássaros no ar.

(KARDEC, 1987, p. 60).

Assim, após enviar uma sonda a Marte ou a qualquer planeta, o máximo que se poderia dizer é: vida igual a que conhecemos na Terra não existe. Tirar outra conclusão fora disso é pura conjectura. Antes de se inventar o microscópio seria loucura dizer que a havia “vida” numa gotinha d’água; entretanto...

Além do mais, se hoje não temos nenhuma prova, amanhã poder-se-á tê-la. Nesse caso, a falta de provas não é “prova” de que não existem seres em outros mundos. Os entendidos em Ufologia, afirmam que provas há aos montes, porém, não são divulgadas, escondem-nas, até mesmo para não causar histeria na população. Gostaríamos de estar vivos quando ocorrer de vazar alguma dessas provas, só para ver o que os bibliólatras irão dizer.

PAULO NETO: Faremos um estudo para ver qual é a realidade, esperando responder à pergunta inicial, mas, como sempre, em relação a esses, de quem falamos, não alimentamos a mínima pretensão de demovê-los de suas ideias com o que resultar desse estudo. A única coisa que irá modificar-lhes o pensamento é, por ironia do próprio destino, só mesmo a reencarnação, já que ela é uma lei natural que não pergunta a ninguém se nela crê ou não, para que lhe sujeite e se cumpra o “é necessário nascer de novo”.

COMENTÁRIO: o autor está desanimado de convencer os que rechaçam a reencarnação; para esses, brande a certeza de que as “múltiplas existências” seja “lei natural”, portanto, quer se acredite, quer não, ela agirá e todos reencarnarão. Aqui, depara-se raciocínio cristalinamente falacioso, pois considera comprovado o que é hipótese. O maior pesquisador da reencarnação – Ian Stevenson – foi cauteloso de não defender conclusão taxativa de suas pesquisas; no que fez muito bem, uma vez que aguarda-se que comprovação firme apareça, coisa que está difícil.

Conquanto muitos espíritas alardeiem que a reencarnação é presentemente

comprovada, o que parece ser o caso de Paulo da Silva Neto, fala-se que Stevenson previra que em 2010 a suposição estaria cientificamente demonstrada. Se for assim, falhou a previsão. Hernani Guimarães, outro grande adepto da conjectura reencarnacionista, falecido em 2003, profetizou que “no máximo” até 2015 o reencarnacionismo se tornaria certeza científica. Seria mais um que – se vivo fosse – veria suas expectativas frustradas.

No âmbito religioso, entretanto, cabe respeitar a fé daqueles que acreditam nessa tal “lei natural”. O caso é que não se pode extrapolar uma certeza de foro íntimo, e de cunho eminentemente religioso, transformando-a em fato corroborado pela ciência.

Na verdade, uma expectativa pode ser frustrada, porém não se pode dizer que ela nunca ocorrerá. Se tivessem a mente mais aberta, veriam que os dados que dispomos hoje sobre a reencarnação seriam suficientes para aceitá-la como uma lei natural. Porém, como ainda temos cientistas materialistas e religiosos dogmáticos, isso até agora não aconteceu; mas, não se duvide, acontecerá mais dia, menos dia, seja em 2015, 2020, 2050, o certo é que acontecerá, “quem sobreviver verá”.

O que colocamos em nosso texto: “[A ciência desmente o Espiritismo?](#)”, foi:

Vejamos o que Hernani de Guimarães falou sobre o futuro das pesquisas sobre reencarnação:

À semelhança do que se passou com as afirmativas de Aristarco de Samos (300 a.C.), de Nicolau Copérnico (1473-1543), de Giordano Bruno (1550-1600) e de Galileu Galilei (1564-1642), acerca da esfericidade e movimento da Terra e dos planetas ao redor do Sol, a teoria da reencarnação também será aceita com uma lei da Natureza. Pelos nossos cálculos, este evento ocorrerá até mais ou menos no ano de 2010.

Seria bom que nossos críticos lessem mais.

Portanto, está aí o que nós colocamos em nosso texto que o Dr. Hernani disse e não Ian Stevenson, e observe-se “até mais ou menos no ano de 2010”, diferente de precisar que seria exatamente em 2010. Ainda podemos acrescentar com o que ele nos disse, em particular, por e-mail:

Meu caro amigo Prof. Paulo Neto

Seu trabalho, “*Reencarnação, a Prova Definitiva*” está muito bom e atual. Não fosse a “teimosia” dos chefes religiosos e a “indiferença” dos atuais “donos” da Ciência, a *reencarnação* já estaria fazendo parte das leis definitivamente aceitas, pelo nosso atual sistema científico. Seria levada à conta das leis biológicas conhecidas e que explicam a biogênese, especialmente o processo da vivificação da matéria orgânica, sem embargo da ação da entropia. A entropia, ou “Segundo princípio da Termodinâmica” tem sido uma barreira quase intransponível para as tentativas de explicação da origem da vida, apenas lançando-se mão dos postulados materialistas-reducionistas da Ciência oficial.

Ao meu modesto modo de ver, a obra do Dr. Ian Stevenson, *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birth Marks and Birth Defects*, e a sinopse desse livro, *Where Reincarnation and Biology Intersects: A Synopsis*, não-só representa a evidência definitiva da reencarnação, como “deita uma pá de cal”, em cima de qualquer argumentação negativista contra a “Lei da Reencarnação”. Não há mais lugar para dúvidas. De agora em diante, restará apenas a sofisticada e inútil controvérsia acerca da natureza “daquilo” que passa de uma encarnação para outra... (Ver: *Você e a Reencarnação*, p. 100-107).

Parabéns pelo seu artigo.

Abraços fraternos do seu admirador

Hernani

(HERNANI, 2003) (grifo nosso).

Quanto ao Dr. Ian Stevenson, ele trabalhou com prudência, porém, encontramos pessoas que veem a sua extensa pesquisa, de cerca de 2600 casos, como uma prova, entre elas, citamos o Dr. Hernani Guimarães Andrade, cujo nome já foi mencionado. Para nós é uma opinião importante, porquanto vem de um pesquisador, ou seja, alguém que colocou “a mão na massa” e não de ouvir dizer. O nosso texto que ele menciona isso pode ser visto em nosso site: [clique aqui](#).

Do nosso texto “[Os fatos provam a reencarnação](#)”, transcrevemos o trecho de nossa fala sobre Dr. Brain Weiss:

Estaremos utilizando o seu livro, *A cura através da Terapia de Vidas Passadas*, para demonstrar que a experiência está confirmando a reencarnação.

Oportuno buscarmos algumas de suas colocações, a fim de bem situarmos o seu pensamento e a eficácia da técnica de regressão que utiliza em seus pacientes, que, segundo ele, já realizou em quatro mil deles:

[...] Descobri que cerca de 40% dos meus pacientes precisam se aprofundar em outras existências para resolver seus problemas da sua vida clínica atual. A regressão a um período primitivo da existência atual costuma ser bastante proveitosa para a maior parte dos demais. (WEISS, 2003, p. 26). (grifo nosso).

Muitos destes pacientes passaram por terapias convencionais antes de me procurarem, mas essas terapias tinham sido ineficazes ou apenas parcialmente eficazes. Para estes pacientes, a terapia de regressão a vidas passadas foi necessária para erradicar os sintomas por completo e encerrar de uma vez por todas estes ciclos recorrentes de comportamento nocivo e desajustado. (WEISS, 2003, p. 28). (grifo nosso).

Descobri que a hipnose combinada com a terapia de regressão explora o inconsciente mais profundamente do que técnicas psicanalíticas como a livre associação, em que o paciente permanece num estado relaxado porém consciente, simplesmente fechando os olhos. [...] (WEISS, 2003, p. 28). (grifo nosso).

Como terapeuta ou paciente você não precisa acreditar em vidas passadas ou na reencarnação para que a terapia de vidas passadas funcione. A prova está na eficácia. [...] (WEISS, 2003, p. 55). (grifo nosso).

A pesquisa médica neste campo está só começando. Contudo, posso afirmar que a terapia de vidas passadas deve ser seriamente considerada como um poderoso e eficaz acréscimo ao rol de terapias holísticas eficazes, ou seja, de terapias que têm por objetivo não só aliviar um sintoma ou um problema, mas curar a pessoa como um todo, corpo e mente. (WEISS, 2003, p. 60). (grifo nosso).

Aqui temos, então, o que a experiência vem nos apontando da prática da regressão a vidas passadas na cura de variados sintomas das pessoas.

E do nosso texto: “[A reencarnação é uma impossibilidade total?](#)”, transcrevemos:

A Revista Planeta do mês de março/2006, abordando o assunto Ciência e reencarnação, trás, em reportagem de capa, o seguinte: Amit Goswami – Reencarnação e Ciência, física quântica explica vida após a morte. Esse autor é renomado professor de física da Universidade de Oregon e pesquisador do Institute of Noetic Sciences, cuja opinião transcrevemos do seu livro *A Física da Alma*:

P: Assim, em sua abalizada opinião, a reencarnação é científica?

R: A resposta é um retumbante sim. Pense. Os dados sobre reencarnação dão-nos evidência definitiva de que a mente não é o cérebro, pois ela sobrevive à morte do corpo físico. Além disso, o propósito da ciência é levar as realizações, experiências e sabedoria das pessoas ao cenário público, por meio de teorias e experimentos em desenvolvimento, dos quais todos podem

participar e todos julgam úteis. Creio que o modelo que estudamos aqui cumpre esse propósito. (GOSWAMI, 2005, p. 243-244). (grifo nosso).

Citamos também C. J. Ducasse (1881-1969), cientista e professor, foi presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Brown, da Associação Americana de Filosofia e vice-presidente da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, declarou em 1958:

Sendo ou não verdadeira, a pluralidade das vidas na Terra (reencarnação), é algo perfeitamente coerente e compatível com inúmeros fatos existentes hoje. De todas as concepções que explicam o significado da humanidade na Terra, a hipótese da reencarnação, que compara cada vida da pessoa a um dia na escola, é a única que faz realmente sentido. Senão, como explicar que uma pessoa nasce um gênio e outra uma tola; uma é bela e a outra feia; uma é saudável e a outra tem deficiências? O conceito de renascimento na Terra, talvez após um intervalo em que o indivíduo possa se esquecer do que viveu e manter somente a sabedoria que adquiriu, nos permitiria crer que realmente existe justiça no Universo. (STEMMAN, 2005, p. 26). (grifo nosso).

Acreditamos serem opiniões que devem merecer profunda reflexão por parte dos contrários.

Nessa mesma linha de pesquisa do Dr. Ian Stevenson, podemos citar o Dr. H. N. Banerjee, diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, Índia, que em 25 anos de pesquisa conseguiu catalogar mais de 1100 casos.

Outra pesquisadora que não podemos deixar de mencionar é a Dra. Helen Wambach, psicóloga, autora do livro *"Recordando Vidas Passadas"*, no qual relata o resultado da regressão a vidas passadas realizadas em 1083 pacientes. Sua pesquisa é interessante porque estabeleceu cerca de dez datas escolhidas, no período compreendido de 2.000 a.C. ao ano de 1.900, para as quais "dirigia" seus pacientes, visando coletar dados sobre sexo, aparência, vestuário, ambiente, alimentação, tipo de moeda usado para cada data que seu paciente, em hipnose, era conduzido a ir para reviver suas experiências de outras vidas. Montou vários gráficos estáticos, dos quais tirou várias conclusões e se espantou, por exemplo, pelo fato da divisão dos sexos (49,4% de mulheres e 50,6% dos homens) e a distribuição das densidades populacionais nesse período coincidirem com os argumentos da Biologia e com os dados estatísticos atualmente aceitos. Todos os dados coletados dos diversos pacientes corresponderam ao histórico da humanidade, provando a consistência de sua pesquisa.

Cabe agora ao autor corroborar com a Bíblia, utilizando-se de algum protocolo científico aceito, que não há reencarnação, buscando, evidentemente, jogar por terra todas as pesquisas que acabamos de citar.

PAULO NETO: 2.- Passagens bíblicas para análise

O povo hebreu esperava a volta de Elias confiante numa profecia do Antigo Testamento, que afirma sobre o seu retorno. Leiamos-la:

"Vejam! Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam. Olhem! Ele vem! - diz Javé dos exércitos" (MI 3,1).

COMENTÁRIO: a versão utilizada por nosso amigo está um tanto "moderna", vamos ver o texto numa redação mais conservadora:

"Eis que eu envio o meu mensageiro, e ele há de preparar o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, e o anjo do pacto, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos exércitos."

Até aqui praticamente não há controvérsia: temos o anúncio de que o mensageiro do Senhor precederia seus passos, preparando-lhe o caminho. Neste ponto, ele não é identificado: adiante, na parte final da mensagem, a identidade desse anjo é revelada. Entretanto, pensando melhor, existe um ponto controverso, sim: em realidade não era o profeta Elias (o mensageiro) quem o povo "esperava", como sugere a redação de Paulo Neto. Esperado era o Messias (o enviado de Deus).

Para melhor se compreender o recado desse profeta, precisamos atentar para a situação da nação de Israel naqueles tempos.

O quadro que Malaquias descreve é contristador. Boa parte da população era filha dos que retornaram do exílio, liberados pelos persas, após a conquista da Babilônia. Esses egressos trouxeram consigo costumes novos e, também, diminuído interesse pela lei de Moisés. O profeta, ao início de sua mensagem, descreve várias atitudes que reputava calamitosas, dentre as quais, citamos:

- 1 – esfriara o amor para com as coisas divinas;
- 2 – sacrifícios a Deus realizados desrespeitosamente;
- 3 – sacerdotes corruptos;
- 4 – casamentos mistos, pondo em risco a integridade da nação;
- 5 – desprezo por parte dos homens para com suas mulheres;
- 6 – não observância dos mandamentos;
- 7 – não entrega dos dízimos.

Malaquias almejava que as tradições e costumes tornassem a ser observados, pois, assim haveria harmonia social: pais e filhos se honrariam mutuamente, cessando o que hoje chamariamos “conflito de gerações”.

Pesava sobre a nação a ameaça do castigo divino, o “terrível dia do senhor” avizinhava-se e se não houvesse retorno aos modelos de comportamento estabelecidos pela lei, o castigo de Deus seria inclemente; mas, para os que se reconcilhassem com Javé havia a promessa de perdão e de muitas vitórias.

Era essa, de forma simplificada, a mensagem de Malaquias. Naqueles tempos muitos punham em dúvida as promessas proféticas de chegada do Messias. Nos dois séculos e meio anteriores a Malaquias, Judá e Israel sofreram invasões de assírios, egípcios e babilônios. Grande leva de judeus foram deportados, principalmente do reino de Israel. Depois houve o retorno, para um reino debilitado e que adotava procedimentos contrários aos ditames da lei. Então, o profeta encerra seu comunicado, informando que os transgressores estarão sujeitos ao castigo divino; mas os que honrassem a Javé seriam tratados com misericórdia, conforme comentaremos adiante.

Pois é... e apesar de “modernizar” os textos bíblicos, vê-se que em todas as traduções ainda têm o disparate de dizerem seguir **FIELMENTE OS TEXTOS ORIGINAIS**. Isso é uma grande mentira, pois os textos originais não existem, o que temos são cópias de cópias de cópias... (não se sabe quantas vezes). Portanto, tanto faz tomar essa ou aquela tradução, nenhuma delas reflete o texto original mesmo.

Quanto ao “em realidade não era o profeta Elias (o mensageiro) quem o povo ‘esperava’,... Esperado era o Messias (o enviado de Deus)”, correta a análise, entretanto, isso não muda o fato de que esperavam Elias justamente porque era ele quem iria confirmar a vinda do Messias; assim, no caso, a ordem dos fatores não altera o produto: se Elias veio, então o Messias já chegou; se o Messias já chegou então Elias já veio é isso que importa.

Vejamos o que sobre isso nos diz Champlin:

[...] Era ideia comum entre os judeus que o Messias não chegaria enquanto Elias não tivesse cumprido seu ministério, como precursor do Messias. Esse ministério seria a verdadeira indicação de que o Messias já estava entre o povo. Jesus quis mostrar que tal ministério já se cumprira, e que, através de João Batista, o profeta que tinha visto e ouvido, e que era maior de todos os profetas, segundo o testemunho de Jesus, poderiam saber que o Messias também já estava presente. (CHAMPLIN, 2005a, p. 376) (grifo nosso).

Portanto, Champlin corrobora o que dissemos.

PAULO NETO: Mais à frente esse mensageiro é identificado pelo profeta Malaquias, que, segundo pudemos levantar, viveu cerca de 400 anos a.C. (Bíblia Sagrada, Barsa, Dicionário Prático, p. 165): *“Lembrem-se da Lei do meu servo Moisés, que eu mesmo lhe dei no monte Horeb, estatutos e normas para todo o Israel. Vejam! Eu mandarei a vocês o profeta Elias, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os*

filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total" (Mt 3,22-24 [[1]]).

COMENTÁRIO: novamente, vejamos o texto em outra versão, mais tradicional, e mais ampliado:

Pois eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como restolho; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo.

Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, trazendo curas nas suas asas; e vós saireis e saltareis como bezerras da estrebaria.

E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos exércitos.

Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e ordenanças.

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.

Observa-se que a tônica da advertência é que o "dia do Senhor" seria terrível e que haveria piedade para os que "temessem" seu nome. Entretanto, algo nos soa insólito quando se faz a comparação entre o conteúdo da profecia e o ministério de Cristo, o messias anunciado. Malaquias descreve panorama ameaçador e transmite a ideia de um grande julgamento, no qual os bons seriam premiados e os maus punidos, mas nada disso ocorreu, ao menos não nos moldes descritos pelo profeta.

O que teria havido? A profecia era falsa, falhada? Não é bem assim: Malaquias falava o que o povo e a liderança religiosa precisava ouvir naqueles tempos. Um reino desanimado, alquebrado, sem condição de resistir ao assédio de invasores, que votava a Javé adoração muito chocha; uma sociedade com essa configuração necessitava de exortação incisiva, podemos dizer: era para que ficassem mesmo amedrontados; porém, juntamente com a ameaça vinha a indicação de haver saída para a situação calamitosa que se prenunciava.

Na visão de Malaquias, Elias seria enviado como precursor do Messias, promovendo a harmonia entre filhos e pais. Mas, de que maneira Elias seria enviado? Reencarnando? Nossos amigos espíritas têm grande dificuldade em compreender que não cabe reencarnação nessa profecia. O entendimento que os judeus tiveram da palavra profética era que Elias "ressurgiria" de entre os mortos. Não esperavam uma reencarnação, sim o retorno efetivo do profeta Elias. Tanto é assim que a tradição dos escribas e doutores da lei cunhou expressão que se tornou conhecimento comum: é mister que Elias venha primeiro. A maneira de inserir a ideia reencarnacionista no texto passa pela espúria transformação da mentalidade judaica em partidária do conceito de múltiplas existências, o que não corresponde à realidade.

Em verdade, ninguém sabia ao certo como se daria o retorno de Elias, tampouco como seria o "o grande e terrível dia do Senhor". A ideia geral é a de que aconteceria literalmente conforme o escrito: Elias ressuscitaria, prepararia o caminho do Messias e, então, este entraria em ação, a recolher os justos e condenar os pecadores...

O que os adeptos da tese das várias vidas não conseguem ver é que o texto de Malaquias não tem cunho reencarnacionista, pois diz apenas que Elias seria "enviado" para converter o coração dos filhos aos pais e vice-versa. É de todo incorreta a interpretação de que esse "envio" se efetivaria por meio da reencarnação. Em outras palavras, os judeus não abrigavam qualquer suposição reencarnacionista relativa à vinda de Elias.

Os intérpretes das escrituras ensinavam que antes da vinda do Messias, o profeta Elias retornaria de entre os mortos. Eis por que, séculos mais tarde, os discípulos, após presenciarem Jesus transfigurar-se diante deles (evento que os espíritas, erroneamente, qualificam de "sessão mediúnica"), indagaram: "Mestre, por que, então, os escribas dizem que Elias viria primeiro?". A pergunta não cobrava de Jesus explicações reencarnacionistas, questionava a respeito do cumprimento da profecia.

Em Mateus lemos que nos fins dos tempos "*as estrelas cairão do céu*" (Mt 24,29), será que devemos tomar essa afirmação ao pé da letra? E tudo o que consta no livro Apocalipse,

devemos também fazer isso? Ora, é claro que a linguagem figurada foi utilizada em muitos passos bíblicos, além de outros em que foram usados aquilo que poderíamos chamar de “força de expressão”. As passagens que “pintam” o fim dos tempos estão sempre acompanhadas de imagens fortes para ferir a imaginação do crente, não são ou serão, portanto, uma realidade objetiva. O terrível dia do Senhor seria “Segundo o ensinamento dos profetas, o dia em que Deus iria castigar os israelitas incrédulos e os inimigos do povo de Israel (Jl 2.1-11; Sf 1.7-18)”. (KASCHEL e ZIMMER, 2005, p. 94).

Russell P. Shedd, explica-nos o que o autor colocou para ampliar o passo (Mt 3,19-21):

Expõe a diferença de destinos, com mediana coerência de imagens e por um sistema de oposições. Podemos imaginar um dia em que se acende uma grande fogueira para nela queimar o nocivo e o inútil; depois, vem outro dia, amanhece um sol libertador e restaurador; os inocentes podem sair, livres e felizes, para desfrutar o sol e da liberdade; os opressores já não são mais que pó sob os pés daqueles. E não se enuncia o ocaso. Entre as oposições se deve assinalar: agir mal/respeitar meu nome; opõe às obras uma relação pessoal. (Bíblia Shedd, p. 2312). (grifo nosso).

Quem disse que a profecia de Malaquias se cumpriu, foi o próprio Jesus “*É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'*”. (Mt 11,10). Ora, se isso for verdade o mensageiro, conforme vimos, foi identificado por Malaquias como sendo Elias, então, não é difícil concluir que a única forma de João ser Elias, é pela volta dele a um novo corpo, o que significa reencarnação, por mais que isso doa aos contrários. O máximo que se poderia protestar é que isso não implica em reencarnar várias vezes, com o que concordaremos, entretanto, como também não se fecha questão quanto a esta possibilidade é o que nos importa.

A afirmativa de que “O entendimento que os judeus tiveram da palavra profética era que Elias 'ressurgiria' de entre os mortos”, tenho minhas dúvidas de que não significava reencarnação, porquanto, com uma linguagem pobre, vamos assim dizer, as palavras tinham, muitas vezes, vários significados. Aliás, até parece-nos meio estranho, porquanto, muitos deles acreditavam que Elias não havia morrido, como então acreditavam que de “entre os mortos”, ele ressurgiria? Essa afirmação, portanto, nos leva a concluir que algumas pessoas, que não temos como quantificar, acreditavam que Elias havia morrido e que voltaria, ora, nessa situação somente pela reencarnação que isso pode-se dar. E põe por terra a hipótese de Elias ter sido arrebatado de corpo e alma como crença geral, parece-nos mais ser uma lenda que foi se espalhando aos poucos.

Quanto ao querer incutir na mentalidade judaica a crença na reencarnação, iremos demonstrar mais a frente, com o historiador hebreu Flávio Josefo, quem tem razão sobre isso.

Muito difícil encontrar algum crente que goste quando classificamos o fenômeno dos espíritos Moisés e Elias se manifestando a Jesus como autêntica sessão mediúnica, mas, de fato é, o que podemos fazer se não querem entender.

Os discípulos vendo Elias, ficaram em dúvida quanto à profecia sobre a volta de Elias, pois a consequência disso é que Jesus não seria o Messias, daí a razão da pergunta. Porém, da pergunta surgiu uma resposta que, por fazer parte do contexto, não pode ser desconsiderada. Jesus confirma que, de fato, as escrituras falavam da volta de Elias, porém, afirma ele, de forma categórica, que: “*Elias já veio e não o reconheceram*” (Mt 17,12), ou seja, não foi reconhecido porque agora animava um outro corpo, o de João Batista. É tão difícil assim entender isso?

PAULO NETO: O passo seguinte é quando, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias recebe a visita de um anjo, que lhe anuncia que sua mulher Izabel, apesar de estéril, daria a luz a uma criança, cujo nome deveria ser João (Lc 1,5-13). Descrevendo essa criança, o anjo Gabriel declara a Zacarias:

“... ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente

deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto" (Lc 1,14-18).

Afirmando que a criança virá "com o espírito e o poder de Elias", se usa da linguagem de época, para confirmar que aquela criança seria o espírito de Elias reencarnado. Isso se confirma quando, na sequência, é dito "a fim de converter os corações dos pais aos filhos", exatamente como disse Malaquias na profecia que anteriormente citamos (Ml 3,22-24), na qual também afirma categoricamente que Elias haveria de voltar: "eu mandarei a vocês o profeta Elias".

COMENTÁRIO: se o dileto comentarista se detivesse um pouquinho mais no exame do anúncio feito pelo anjo compreenderia que não se tratava nada de "linguagem de época", para "falar de reencarnação". Houvesse no episódio aviso reencarnacionista, seria proferido algo como: "Elias voltará a viver no corpo de seu filho". No entanto, o mensageiro divino foi claro, "no (ou com) espírito e poder de Elias". O que se anunciava era a presença das qualidades de Elias em João, provavelmente uma discreta alusão ao ditame profético de Malaquias.

Não basta que a frase distantemente pareça reencarnacionista para que se torne tal.

Aliás, cabe registrar que as leituras espíritas da Bíblia costumam traduzir reencarnacionistamente qualquer texto que minimamente pareça alusão às múltiplas vivências. Desse modo, quando no livro de Jó se lê "somos de ontem e nada sabemos", alguns espíritas alegam tratar-se de referência à reencarnação; outro autor, garante que expressões tais qual "levantou o senhor em Israel um profeta", significam que o tal profeta reencarnou. A atitude equivale à filosofia do "se parece então é". Tal atitude é pouco produtiva, pois desvia os estudantes de boas exegeses, e, pode ainda significar despreparo de quem interpreta ou mesmo má-fé.

Para que a expressão "com o espírito e poder" apontasse para múltiplas existências, ao menos, deveria haver evidenciamentos em outros textos que corroborassem tal suposição. A Bíblia refere-se várias vezes a "espírito", porém, nenhuma com a acepção reencarnacionista que Paulo Neto pretende impingir ao noticiamento recebido por Zacarias. Neto realiza interpretações particularíssimas da Bíblia, no intuito de enquadrá-las como referências à reencarnação.

Um detalhe importante, que os espíritas ou não conhecem ou fazem não conhecer, é que se a reencarnação fosse crença comum do judaísmo a língua possuiria termos que expressassem o conceito, mas não possui. No grego, por exemplo, existem palavras que aludem às variadas vidas, quais: metempsicose, metensomatose, palingenia, etc. Se no hebraico a concepção reencarnacionista estivesse presente, nas traduções para o grego as palavras indicadoras de reencarnação apareceriam. Entretanto, tal não se vê nas versões gregas do Velho Testamento. Também, no Novo Testamento (vertido em grego) os vocábulos gregos que indicam reencarnação raramente são utilizados e quando acontece é claro o significado não-reencarnacionista.

Vejamos variados exemplos de uso do termo "espírito" sem que nenhum deles possua laço com a reencarnação.

Salmo 51:10: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto."

Oseias 4:12: "O meu povo consulta a sua madeira, e a sua vara lhe responde, porque o espírito da luxúria os engana, e prostituem-se, apartando-se da sujeição do seu Deus."

Isaías 4:4: "Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém, do meio dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor."

Ezequiel 36:26: "E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne."

Ageu 1: 14,15: "E o SENHOR suscitou o espírito de Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e o espírito de Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e o espírito de todo o restante do povo, e eles vieram, e fizeram a obra na casa do SENHOR dos Exércitos, seu Deus. Ao vigésimo quarto dia do sexto mês, no segundo ano do rei Dario.

II Crônicas 36:22: "Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (para que se cumprisse a palavra do SENHOR pela boca de Jeremias), despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo:"

Êxodo 28:3: "Falarás também a todos os que são sábios de coração, a quem eu tenho enchido do espírito da sabedoria, que façam vestes a Arão para santificá-lo; para que me administre o ofício sacerdotal."

Deuteronômio 20:27: "Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver um espírito de necromancia ou espírito de adivinhação, certamente morrerá; serão apedrejados; o seu sangue será sobre eles."

Provérbios 11:13: "O mexeriqueiro revela o segredo, mas o fiel de espírito o mantém em oculto."

Provérbios 25:28: "Como a cidade derrubada, sem muro, assim é o homem que não pode conter o seu espírito."

Números: 14:24: "Porém o meu servo Calebe, porquanto nele houve outro espírito, e perseverou em seguir-me, eu o levarei à terra em que entrou, e a sua descendência a possuirá em herança."

II Reis 2:9: "Sucedeu que, havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peça-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim."

II Reis 2:15: "Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vieram-lhe ao encontro, e se prostraram diante dele em terra."

Querer que alguém daquela época fosse tão objetivo a ponto de dizer "Elias voltará a viver no corpo de seu filho" é pedir muito. Porém, insistimos, disse-o em outras palavras "com o espírito e o poder de Elias", que nada tem a ver com João ter as qualidades de Elias, porquanto, a promessa era da volta de Elias e não de que viria alguém que teria a suas qualidades, isso para não fugirmos do contexto da narrativa da profecia de Malaquias. Ademais, ainda teríamos estas dificuldades:

- a) Deus prometeu enviar Elias antes da vinda do Messias e não enviou;
- b) João Batista veio no lugar de Elias, descumprindo a promessa de que Elias era quem viria, portanto, mandou alguém que ele não havia prometido;
- c) Jesus mentiu quando disse, textualmente, que João Batista era Elias;
- d) Se João, segundo alguns, está cumprindo um ministério semelhante ao de Elias, também Deus prometeu uma coisa e fez outra;

Ou seja, de qualquer jeito que se mexe só pioram as coisas, aí a tal de "inerrância" da Bíblia vai por água abaixo. E faz do passo Mt 3,6: "*Eu sou Javé, e não mudo*", uma afirmação mentirosa.

Se os textos não têm evidência da reencarnação, como quer fazer crer o autor, pior ainda quando não têm e mesmo assim acreditam nele, como é o caso da TRINDADE.

Sim, concordamos que há excessos, porém, conforme já dissemos se não tivessem tanta implicância para conosco, eles, certamente, não apareceriam.

E, da mesma forma, poderíamos acusar o autor de também ter "interpretações particularíssimas da Bíblia" visando negar a reencarnação.

Quanto a questão de no judaísmo não existir a palavra que exprime a reencarnação, não concordamos com o autor, pois o verbo "ressuscitar" tem, em alguns passos, exatamente essa ideia de voltar à vida num novo corpo, que é reencarnar, no máximo, o que se poderia discutir é se a entendiam acontecer uma ou várias vezes. E, como dito, uma palavra pode ter vários significados. Em relação a ser crença dos judeus, voltaremos ao assunto quando citarmos Josefo.

E mais ainda, se existem tantas traduções bíblicas "à moda da casa", quem garante que a crença da reencarnação entre os judeus não foi surrupiada dos textos bíblicos, para atender aos interesses dogmáticos? Pois acréscimos sabemos que existem, como por exemplo, o passo Mt 28,19-20, colocado para tentar-se levar as pessoas a crer na Trindade.

A lista das passagens para provar que o termo espírito não tem ligação com a reencarnação pode servir para ele, não para nós, porque o correto era ver o verbo ressuscitar, para daí ver se, em alguma passagem, ele sugere a ideia de voltar a uma nova vida, ou seja, reencarnação, foi isso o que fizemos. Podemos apresentar algumas que sugerem a ideia da preexistência do espírito, princípio que está intimamente ligada ao princípio da reencarnação:

Jó 38,21: "*Certamente você sabe disso tudo, pois já então havia nascido e já viveu muitíssimos anos*".

Sl 51: "*Eis que eu nasci na culpa, e minha mãe já me concebeu pecador*".

Sl 71,6: "*Já no ventre materno eu me apoiava em ti, e no seio materno tu me sustentavas. Eu sempre confiei em ti*".

Ecl 3,15: "*O que existe, já havia existido; o que existirá, também já existiu. Deus busca aquilo que foge*".

Sb 8, 19-20: "*Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha*".

Jr 1,4-5: "*Recebi a palavra de Javé que me dizia: 'Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci; antes que você fosse dado à luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações'*".

Jo 1,29-30: "*No dia seguinte, João viu Jesus, que se aproximava dele. E disse: "Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. Este é aquele de quem eu falei: 'Depois de mim vem um homem que passou na minha frente, porque existia antes de mim'*".

Jo 8,58: "*Jesus respondeu: "Eu garanto a vocês: antes que Abraão existisse, Eu Sou."*

Jo 17,5: "*E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse*".

Vai aceitar isso? Certamente, que não; porém, como se diz popularmente: "Para quem sabe ler, pingo é letra".

Outro princípio intimamente ligado à reencarnação é o da lei de causa e efeito ou lei de ação e reação, conhecida popularmente como carma.

Lv 24,19-20: "*Se alguém ferir o seu próximo, deverá ser feito para ele aquilo que ele fez para o outro: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. A pessoa sofrerá o mesmo dano que tiver causado a outro*".

1Sm 2,3: "*Não multipliquem palavras soberbas, nem saia arrogância da boca de vocês, porque Javé é um Deus que sabe, é ele quem pesa as ações*".

Jó 4,8: "*Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem*".

Jó 34,11: "*Deus paga ao homem conforme as suas obras e retribui a cada um conforme a sua conduta*".

Sl 28,4: "*Trata-os conforme suas obras, segundo a malícia dos seus atos! Dá-lhes conforme a obra de suas mãos, paga-lhes o salário devido!*".

Sl 62,12-13: "*Deus falou uma vez, e duas vezes eu escutei: "A Deus pertence o poder, e a ti, Senhor, pertence o amor, porque tu pagas a cada um conforme as suas obras"*".

Pv 24,12: "*Você pode dizer que não tem nada com isso, mas Deus pesa os corações e tomará conhecimento. Aquele que vigia sobre a sua vida sabe de tudo, e pagará a cada um conforme as obras que tiver feito*".

Eclo 11,26: "É fácil para o Senhor, na hora da morte, pagar ao homem conforme a conduta de cada um".

Eclo 16,13-15: "Sua misericórdia é tão grande quanto o seu castigo, e ele julga o homem conforme as obras de cada um. O pecador não fugirá com o seu roubo, e a paciência do fiel não ficará frustrada. Todo aquele que dá esmola terá uma recompensa, e cada um será tratado segundo as próprias ações".

Jr 17,10: "Eu, Javé, penetro o coração e sondo os pensamentos, para pagar a cada um conforme o seu comportamento e segundo o fruto de suas ações".

Jr 32,19: "Grande em projetos e poderoso em ações, teus olhos estão abertos sobre a conduta dos homens, para dar a cada um conforme a conduta deles e conforme o que merecem suas ações".

Lm 3,64: "Tu lhes pagarás, Javé, como suas obras merecem".

Ez 24,14: "Eu, Javé, o digo, e assim acontece. Não deixo por menos, não me compadeço, nem me arrependo. Eu julgarei você conforme a sua conduta e as suas más ações - oráculo do Senhor Javé".

Ez 33,20: "Mas vocês continuam dizendo: 'A maneira de agir do Senhor não é justa!' Pois bem, casa de Israel! Eu vou julgar vocês de acordo com a maneira de viver de cada um".

Mt 16,27: "Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta".

Mt 16,5: "Jesus, porém, lhe disse: "Guarde a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão".

Jo 5,14: "Depois Jesus o encontrou no templo, e disse-lhe: Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior".

Jo 8,34: "Jesus respondeu: "Eu garanto a vocês: quem comete o pecado, é escravo do pecado".

Ap 2,23: "Farei também com que os filhos dela morram, para que as igrejas fiquem sabendo quem eu sou: conheço bem dentro de cada um, os rins e o coração; vou retribuir de acordo com a conduta de cada um".

Ap 20,12-13: "Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. E foram abertos livros. Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então os mortos foram julgados de acordo com sua conduta, conforme o que estava escrito nos livros. O mar devolveu os mortos que nele estavam. A morte e a morada dos mortos entregaram de volta os seus mortos. E cada um foi julgado conforme sua conduta".

E até mesmo parece ser uma crença comum naquela época:

Jo 9,1-7: "E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus. Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Dito isto, cuspiu no chão e com a saliva fez lodo, e untou com lodo os olhos do cego, e disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa Enviado). E ele foi, lavou-se, e voltou vendo".

Para haver sentido na pergunta "se foi o cego de nascença quem pecou ou os seus pais", teriam que acreditar que, numa outra vida, uma pessoa pudesse cometer pecados, para poder nascer com alguma deficiência em virtude disso, e, no caso em questão, ter nascido cego. É tão simples, quando não se quer complicar apenas para, sistematicamente, negar a reencarnação. E, naquele caso, Jesus afirma que não, porquanto, o homem não estava

cumprindo um carma; mas, veio em missão, para que as obras de Deus se manifestassem.

Transcrevemos de nosso texto "A profecia sobre a volta de Elias se realizou?":

Vejamos a opinião de Champlin, a respeito desse assunto, quando de sua análise do passo Jo 9,2: "*Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?*":

Era crença comum, entre os judeus, que os méritos e os deméritos dos pais se refletiam em seus filhos, e que até mesmo os *pensamentos da mãe* podiam afetar o estado moral de seus filhos ainda não nascido. A apostasia manifestada por certo rabino, muito conhecido, foi atribuída, segundo a credence popular, ao deleite pecaminoso de sua progenitora, que ela teria experimentado quando passava por determinado bosque idólatra. O ensinamento rabinico enfatizava as advertências do A. T. que os pecados dos pais têm efeitos em seus descendentes. (Exemplos dessas advertências temos em Êxo. 20:5; 34:7; Núm. 14:18 e Deut. 5:9). Os livros apócrifos do A.T. também contam com passagens dessa natureza. Por exemplo, o livro de Sabedoria de Salomão 4:6, que diz:

*Pois filhos ilegalmente gerados são testemunhas da iniquidade,
Contra os seus pais, quando Deus os sonda.*

E a passagem de Eclesiástico 41 :5- 7 diz:

*Os filhos dos pecadores são filhos abomináveis,
E frequentam as habitações dos ímpios;
A herança dos filhos de um pecador perecerá,
E a posteridade dele será um opróbrio perpétuo.
Os filhos se queixam de um pai ímpio,
Porque serão repreendidos por causa dele.*

Acerca de como aquele homem poderia ter pecado pessoalmente, tendo provocado a sua própria cegueira desde o nascimento, existem três possibilidades, a saber:

1. Havia nos tempos antigos a crença de que uma criança podia pecar quando *ainda estava no ventre* de sua mãe. (Ver declarações nesse sentido nos Targuns e no Talmude, *Strack and Billerbeck, II*, págs. 527-529). Os rabinos aludiam ao trecho de Gên. 25:22 (a luta entre Jacó e Esaú, no ventre materno), como sugestão sobre essa possibilidade.

2. Que *nos conselhos de Deus* o cego de nascença estava destinado a ser um pecador, ou pelo menos que foi previsto que assim sucederia a ele; e que o castigo que lhe era devido lhe fora aplicado desde o nascimento. Embora alguns bons intérpretes tenham advogado essa posição e outros acreditem que isso pode ser verdade em muitos casos, parece não haver qualquer probabilidade dessa circunstância neste caso. (Aqueles que defendem essa posição salientam passagens como Rom. 9:13,15-18).

3. Que o cego de nascença já tivera *outra existência terrena*, na qual cometera algum grande pecado; e por isso, ao reencarnar-se, teve de pagar pelo seu pecado ou pecados, mediante a sua cegueira desde o nascimento. Essa doutrina é denominada *karma* (palavra derivada do termo sânscrito que *significa feito ou ação*), a qual ensina que os homens atravessam diversas encarnações, e que esta vida consiste essencialmente no pagamento de dívidas atrasadas, por causa de erros em vidas passadas, ou do recebimento de benefícios, pelas bondades feitas em vidas de encarnações passadas. O alvo é alcançar finalmente certo estágio de perfeição, onde o indivíduo *pode sair* desse círculo vicioso, entrando em uma esfera superior, onde o desenvolvimento pode ter continuação, embora em nível mais elevado. Deus seria o alvo dessa perfeição. Essa doutrina era ensinada nas escolas dos israelitas (incluindo os seminários dos fariseus). Até mesmo os essênios (a qual grupo João Batista teria talvez pertencido; ver Luc. 1:80 e Mat. 3:1) ensinavam essa doutrina, e também os judeus *cabalísticos* (os que interpretavam mística e simbolicamente os escritos do A.T.; a palavra vem do termo hebraico "cabala", que significa *lenda, doutrina mística*). Que essa doutrina havia penetrado fundo na sociedade judaica fica demonstrado pelo fato de que quando falavam sobre as identidades de João Batista e de Jesus, houve declarações no sentido que poderiam ter sido Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas; e isso implica, definidamente, na crença na reencarnação.

Essa crença é estranha para nossos ouvidos ocidentais; porém é extremamente comum, predominando nas religiões orientais, e nada é mais comum do que esse conceito no oriente. (Quanto a outras notas sobre essa doutrina, ver João 1:20).

Uma parte da razão por que essa crença veio a ser tão generalizada talvez seja a propagação das *ideias de Platão* e do *neoplatonismo*, conceitos esses que penetraram no judaísmo através de Filo e de outros filósofos judeus de Alexandria. Filo defendia a preexistência das almas e ensinava a reencarnação. (Ver "*Sobre os Gigantes*", III.12:15). A passagem de Sabedoria de Salomão 8:19,20 parece dar apoio a essa ideia em seus aspectos mais gerais.

Que uma crença mais ou menos definida na transmigração das almas era comum entre os judeus, ao tempo do ministério de nosso Senhor, se torna provável mediante as referências que há nos escritos de Filo e de Josefo. Sabemos que essa era uma doutrina dos essênios e da cabala; e a encontramos nas palavras quase contemporâneas de Sabedoria de Salomão:

"*Sim, mas sendo bom, vim em um corpo imaculado*" (8:20). (Ellicott, *in loc.*).

Também sabemos que, de maneira limitada, alguns dos pais da igreja, como Orígenes, Justino Mártir e Clemente, eram defensores dessa doutrina (e alguns dizem que até mesmo Agostinho a advogava; mas as citações extraídas de seus escritos são duvidosas nesse particular). Parece melhor, portanto, supormos que essa questão - "... quem pecou, este ou seus pais...?" - teve como alicerce a generalizada doutrina da reencarnação. (Quanto a uma citação extraída de Josefo, que informa que os fariseus abraçavam a ideia da reencarnação, ver *Guerras dos Judeus*, I, 2, cap. 8, sec. 14. Quanto ao título rabino, ver as notas em João 1:38). (CHAMPLIN, 2005b, p. 423-424). (grifo nosso).

Três coisas importantes podemos tirar de Champlin: 1ª) fala do karma; 2ª) confirma Josefo sobre a crença dos fariseus; e 3ª) conclui que o passo "teve como alicerce a generalizada doutrina da reencarnação".

E temos ainda as opiniões de Champlin e Bentes, que trazem dados importantes: "O ensino da reencarnação é amado, detestado; favorecido, temido. Sempre era e é uma coluna dogmática das religiões orientais; foi ensinada nas escolas dos fariseus e essênios, e entre os judeus místicos da Cabala". (CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995c, p. 583).

Transcrevemos desses dois autores o seguinte:

c. A reencarnação no pensamento hebreu

É perfeitamente possível que aquela Indagação feita por Jó: "*Morrendo o homem, porventura tornará a viver?*" (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação. A palavra «Cabala» significa "receber", e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura talmúdica e midráshica*. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreísmo (e, quiçá, do zoroastrismo e do autismo). De 550 a 1000 D.C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático.[...]

Antes do desenvolvimento formal da *Cabala*, o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como *Filo* (30 A.C. - 50 D.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas. É provável que o neoplatonismo tenha exercido influência sobre os fariseus da época de Jesus, bem como sobre o desenvolvimento dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico.

d. A reencarnação no pensamento cristão

Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase

certamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica*, *Americana* e *Encyclopedia of Religion*, Vergilius Ferm, editor).

Consideremos algumas referências bíblicas:

1. *Mateus 16:13,14*: "Indo Jesus para as bandas de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas".

Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado. Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentador bíblico, Aclam Clarke, diz a respeito desses versículos:

"...a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada, porque era com base na mesma que eles acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus".

Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema.

2. *João 9:1-3*: "Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença.. E os seus discípulos perguntaram. Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus".

A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas interrogavam a Jesus a respeito do *karma*, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de vista farisaicos a respeito da reencarnação. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros.

Adam Clarke, ao comentar sobre o trecho de João 9:1-3, apresenta uma nota elaborada a respeito da reencarnação, conforme ela é concebida dentro de várias culturas. Ele exprime a convicção de que essa era a ideia que rebrilhava por detrás daquela indagação dos discípulos. E cita Josefo (*Ant. b.xviii. c.1, s.3*; e *Guerras dos Judeus, b.ii, c.8, s. 14*), onde aquele autor judeu forneceu-nos alguns detalhes sobre os ensinamentos dos fariseus a respeito da ideia. Clarke dá a entender que o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem. Seria uma espécie de "recompensa", pois ofereceria uma oportunidade renovada. Com efeito, a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores.

A discussão exposta por Clarke também é interessante quanto a outros particulares. Ele mostra como os antigos, incluindo os rabinos judeus, supunham que pecados específicos, em vidas anteriores, provocam problemas específicos em vidas sucessivas, reencarnadas. Assim é que as dores de cabeça seriam uma punição contra aqueles que, em um estado anterior da existência, tenham falado com irreverência acerca de seu pai ou de sua mãe; a cegueira seria infligida aos anteriores matricidas; e até mesmo as marcas no corpo eram consideradas indicações de algum pecado na alma. Essa crença também é

comum entre alguns modernos advogados da ideia da reencarnação, tal como sugestão feita por Edgar Cayce, de que a tuberculose resultaria de uma exagerada atividade sexual em vida anterior. Certos estudos, feitos através de regressão hipnótica, têm resultado em idêntica conclusão. (CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995, p. 585-586). (Grifo nosso).

Para quem quiser ver, a reencarnação fazia parte da crença dos judeus se não em todo o período de sua existência, pelo menos, próximo ao que Jesus viveu é incontestável.

Percebe-se que a questão é mesmo não aceitar o contexto histórico para manter-se na crença de que a reencarnação não existia dentro da cultura dos judeus.

PAULO NETO: No dia em que o menino foi levado para ser circuncidado, Zacarias, mudo por castigo imposto pelo anjo, escreve, numa tábua, o nome que deveria ser dado a seu filho: João, uma vez que queriam dar-lhe o mesmo nome do pai ou de algum parente. Logo após, Zacarias profetiza dizendo várias coisas (Lc 1,67-79), e dentre elas destacamos:

"... E a você, menino, chamarão profeta do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos, anunciando ao seu povo a salvação e perdão dos pecados" (v.76-77).

Isso confirma, primeiro a profecia anterior de Malaquias e segundo o que o anjo Gabriel havia dito a Zacarias, como para não pairar dúvidas de quem era aquele menino, embora, nos dias de hoje, há os que, por puro dogmatismo, não enxergam isso.

COMENTÁRIO: caberia indagar-se ao nobre articulista: por "puro dogmatismo" não enxergam o quê? O que exatamente Paulo Neto desejaria que fosse enxergado no discurso de Zacarias que já não esteja explícito?

Se o prezado Paulo Neto com "não pairar dúvidas de quem seria o menino" quis dizer que estava sendo ratificando que João tornar-se-ia o "anunciador da salvação", estará plenamente correto; e se alguém, por qualquer motivo, até por dogmatismo, não enxergar isso, esse alguém necessitará de lentes especiais...

Nas palavras proféticas de Zacarias começa-se a dar novo matiz às profecias do Velho Testamento: a exposição feita pelo sacerdote é ampla: abrangia todo o panorama profético dos israelitas. Comparemos o duro recado de Malaquias com a fala do sacerdote:

MALAQUIAS ZACARIAS (pai de João Batista)

Porque eis que vem o dia, ardente como uma fornalha. E todos os soberbos, todos os que cometem o mal serão como a palha; este dia que vai vir os queimarão - diz o Senhor dos exércitos - e nada ficará: nem raiz, nem ramos.

Mas, sobre vós que temeis o meu nome, levantar-se-á o sol de justiça que traz a salvação em seus raios. Saireis e saltareis, livres como os bezerros ao saírem do estábulo.

(...)

Vou mandar-vos o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do Senhor, e ele converterá o coração dos pais para os filhos, e o coração dos filhos para os pais, de sorte que não ferirei mais de interdito a terra.

E Zacarias, seu pai, foi cheio do espírito santo, e profetizou, dizendo: bendito o senhor deus de israel, porque visitou e remiu o seu povo, e nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi seu servo.

Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança, e do juramento que jurou a Abraão nosso pai, de conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos, o serviríamos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida.

E tu, ó menino, serás chamado profeta do altíssimo, porque hás de ir ante a face do senhor, a preparar os seus caminhos; para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados; pelas entranhas da misericórdia do nosso deus, com que o oriente do alto nos visitou; para iluminar aos que estão

assentados em trevas e na sombra da morte; a fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.

As palavras de Zacarias não se ativeram especificamente ao proferimento de Malaquias, foram além: declaravam que João Batista era parte do cumprimento das promessas proféticas, “desde o princípio do mundo”, e que ao menino estava reservada missão importante no divulgação do caminho de salvação. As palavras de Zacarias não fazem referência à nenhuma atividade reencarnativa de Elias, ou de quem quer que fosse.

Por outro lado, as intuições proféticas, tanto de Malaquias quanto de Zacarias, embora nelas se possa perceber vislumbres de acontecimentos dos quais ainda se aguarda a realização, não alcançaram o que seria o “depois” da preparação dos caminhos do Senhor: Malaquias cogitara de uma espécie de expurgo do mal, quando toda a iniquidade seria “queimada”, salvando-se apenas os que se convertessem ao apelo divino; Zacarias apresenta recado mais brando, noticiando que a João Batista estava reservada a missão de anunciar o caminho de salvação. De qualquer modo, a semente do evangelho estava contida naqueles escritos, pois anteviam que a salvação seria um ato misericordioso de Deus.

O dogmatismo é o motivo pelo qual certas pessoas não enxergam nada mais além do que se estabeleceu para ele como “verdade” bíblica. Assim, mesmo que algo esteja claro, a pessoa dogmática não consegue enxergar.

Vamos transcrever a passagem mencionada, onde Zacarias profetiza, para melhor entendimento, iremos dividi-la em duas partes:

1ª) Lc 1,67-75: *“O pai Zacarias cheio do Espírito Santo, profetizou dizendo: 'Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo. Fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi, seu servo; conforme tinha anunciado desde outrora pela boca de seus santos profetas. É a salvação que nos livra de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam. Ele realizou a misericórdia que teve com nossos pais, recordando sua santa aliança, e o juramento que fez ao nosso pai Abraão. Para conceder-nos que, livres do medo e arrancados das mãos dos inimigos, nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias”.*

2ª) Lc 1,76-80: *“E a você, menino, chamarão profeta do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos, anunciando ao seu povo a salvação, o perdão dos pecados. Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, o sol que nasce do alto nos visitará, para iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte; para guiar nossos passos no caminho da paz”. O menino ia crescendo, e ficando forte de espírito. João viveu no deserto, até o dia em que se manifestou a Israel”.*

Essa divisão é importante para analisarmos o contexto. Na primeira parte, a profecia não se refere a João, porém ao Messias, pois, segundo se acredita, ele foi profetizado pela boca dos santos profetas, incluindo, a que seria descendente de Davi, daí, no texto haver referência “*fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi*”. Aliás, a afirmação de que teria sido profetizado desde outrora é questionável, mas como não é o assunto do momento recomendamos o nosso texto “[Será que os profetas previram a vinda de Jesus?](#)”, pois também será mais uma boa oportunidade para ver se consideramos o contexto ou não. Então, devolvemos-lhe a acusação de não olhar o contexto, pois que foi profetizado foi o Messias e não João Batista.

Na segunda parte, é que vemos Zacarias, num primeiro momento, referir-se a João Batista, sobre o qual diz “*irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos*”, tal e qual Malaquias disse em sua profecia a respeito do mensageiro, identificado por ele como sendo Elias, que seria enviado, ou seja, aquele que ira preparar os caminhos do Senhor (Ml 3,1). Depois volta a referir-se ao Messias: “*o sol que nasce do alto nos visitará, para iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte; para guiar nossos passos no caminho da paz*”.

É claro que diretamente Zacarias não fala nada de reencarnação, porém, ao relacionar João Batista com a profecia de Malaquias, ele está, com outras palavras, dizendo que João é Elias, uma vez que foi este que o profeta disse que voltaria, e isso só pode se dar pela

reencarnação, portanto, ainda que de forma implícita Zacarias fala disso.

PAULO NETO: Na narrativa, em que se relata o início da pregação de João Batista, lemos:

"... E João percorria toda a região do rio Jordão, pregando o batismo de conversão para o perdão dos pecados, conforme está escrito no livro do profeta Isaías: 'Esta é voz daquele que grita no deserto: preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas. Todo vale será aterrado, toda a montanha e colina serão aplainadas; as estradas curvas ficarão retas, e os caminhos esburacados serão nivelados. E todo homem verá a salvação de Deus'" (Lc 3,1-6).

Relaciona-se, portanto, João a mais uma passagem aceita como sendo uma profecia a respeito da vinda do mensageiro.

Mais à frente, João Batista é preso por Herodes, que da prisão envia seus discípulos a Jesus. Logo após esse encontro de Jesus com os discípulos de João, ele, o Mestre, em se referindo à "voz que clama no deserto" diz:

"O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça" (Mt 11,7-14).

Na afirmação de que "é de João que a Escritura diz", Jesus está relacionando João Batista exatamente à profecia de Malaquias a respeito do envio do mensageiro (Ml 3,1), identificado pelo próprio profeta como sendo Elias (Ml 3,22-24).

COMENTÁRIO: Paulo Neto realiza uma boa explanação, porém insiste em defender que João era reencarnação de Elias, coisa que não se pode concluir das palavras de Jesus. O que o Mestre informava é que as profecias apontavam para João e, visto que João dera testemunho de ser Jesus o enviado de Deus, conseqüentemente: "quem tivesse ouvidos que ouvisse": Cristo era o Messias anunciado. Não era propriamente João Batista o foco do discurso de Jesus. Neto supõe que a prédica que Jesus fazia tinha por finalidade revelar que Elias reencarnara em João: nada mais incorreto. A intenção era levar os ouvintes a refletirem sobre os acontecimentos: o Batista fora apontado o Elias que se anunciara como preparador dos caminhos de Deus. Ora, se o arauto de Deus já realizara o anúncio, significava que o Messias estava entre eles, desse modo, quem tem ouvidos ouça... Leiamos um trecho maior do capítulo 11 de Mateus:

Capítulo 11

1 E aconteceu que, acabando Jesus de dar instruções aos seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles.

2 E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois dos seus discípulos,

3 A dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?

4 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João as coisas que ouvistes e vedes:

5 Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho.

6 E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim.

7 E, partindo eles, começou Jesus a dizer às turbas, a respeito de João: Que fostes ver no deserto? uma cana agitada pelo vento?

8 Sim, que fostes ver? um homem ricamente vestido? Os que trajam ricamente estão nas casas dos reis.

9 Mas, então que fostes ver? um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que

profeta;

10 Porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, Que preparará diante de ti o teu caminho.

11 Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele.

12 E, desde os dias de João o Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele.

13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João.

14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.

15 Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

O comunicado de Jesus ao povo, relativo à pessoa de João Batista, tomou forma a partir de consulta feita pelo próprio João por intermédio de seus discípulos. O Batista estava preso nas masmorras de Herodes. O fato de ter sido manietado pelo cruel governante talvez lhe soasse como uma derrota e ele ansiava por uma libertação milagrosa do cativeiro. No entanto, os dias se arrastavam e nada acontecia. Então, a incerteza se avizinhou da fé daquele obreiro, e, mesmo tendo dado testemunho contundente a respeito de Cristo – “este é o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29) –, agora não parecia mais tão convicto: eis que envia dois de seus discípulos a indagar de Jesus se era ele o Messias ou deveriam aguardar por outro.

João na prisão tomara conhecimento dos feitos de Jesus e, mesmo diante das informações positivas, resolve conferir se não havia algo errado ou incompleto nas certezas das quais dera depoimento. É possível que o Batista imaginasse que o trabalho que efetuava, como preparador dos caminhos de Deus, e a consequente atuação de Jesus, seriam ministérios vitoriosos em todos os sentidos. Pelos informes que recebera, podia concluir que Jesus estava a caminho do sucesso; mas, e ele, ali esquecido numa malcheirosa cela? Parecia haver qualquer coisa não harmoniosa naquele panorama...

Na questão que o Batista levava a Jesus, havia mais que mera indagação, estava embutido também seu lamento diante da situação que vivenciava, após o afanoso trabalho de exortação do povo ao arrependimento.

A resposta de Jesus contém ecos das palavras de Isaías. Ele não promete a João liberdade do cativeiro – ao contrário, o Batista seria degolado pouco tempo depois –, entretanto elucida as dúvidas de João, deixando-lhe esclarecido que as profecias messiânicas se cumpriam. O consolo que Cristo transmite ao Batista ficou contido na sentença: “E bem-aventurado é aquele que não se scandalizar em mim.”

Depois que os seguidores de João se retiram, Cristo faz um discurso exaltativo à pessoa do anunciador. Destacando as singulares qualidades de João, Jesus declara algo muito profundo: dentre os nascidos de mulher, nenhum havia maior que João! O Mestre o coloca em patamar superior ao dos grandes profetas e patriarcas: Abraão, Jacó, Moisés, Elias... Por que esse privilegiamento da “voz que clamava no deserto”? o que tinha em João que o fizesse merecedor de tão alta comenda?

João Batista era o derradeiro ponto do Antigo Pacto: com ele fechava-se a dispensação provisória, cuja linha histórico-religiosa se iniciara alegoricamente em Adão. A última profecia registrada no Antigo Testamento apontava para o Batista. Ao mesmo tempo, “a voz do deserto” conectava o Velho Testamento à pessoa de Cristo. Desse modo, João Batista marcava o fim de um período de preparação e sinalizava que o Novo Tempo era chegado. Daí a sua importância naquele contexto, em que Cristo era a efetiva realização de todas as promessas proféticas que lhe antecederam.

Porém, logo em seguida Jesus afirma que o “menor no reino de Deus é maior que João”; ora, que grandiosidade seria essa que encolhe tão logo adentra noutra esfera da existência? O Filho de Deus informava que, no reino divino o menor participante seria mais elevado que o maior dentre os terrenos. Jesus compara o “maior dentre os viventes” com o “menor vivente no Reino de Deus” e esclarece que este último tem mais importância que o outro. Observe-se que Cristo ao falar de João, refere-se à existência terrena: “dentre os nascidos de mulher João é o maior”, em seguida passa a falar daqueles que estariam na glória com Deus.

Que João é a reencarnação de Elias é algo tão claro que somente por dogmatismo exacerbado não se enxerga isso. Talvez queiram que Jesus fosse mais claro dizendo: João é a reencarnação de Elias. Mas será que ainda assim acreditariam? Largariam mão da salvação "de graça"?

Uma coisa é certa, quem possui o conhecimento de determinado assunto, sempre enxergará mais do que aqueles que não têm.

E se nós fazemos de tudo para defender a reencarnação, não se esqueça, o autor, de que ele, por sua vez, também faz de tudo para negá-la. Empatamos!

Em relação ao que contesta, parece-nos que nada do que disse, aliás apenas enrolou, muda do fato de que Jesus identifica João como aquele de quem as escrituras dizem que voltaria, ou seja, reporta à Malaquias que previu a vinda de Elias, como o mensageiro a preparar-lhe o caminho, o que para fazer isso, ele veio reencarnado como João Batista, porém, o espírito de ambos é o mesmo, para ser redundante.

E se a "última profecia do Antigo Testamento apontava para João", porque não acreditar que ele é a reencarnação de Elias, uma vez que essa última profecia falava exatamente da volta de Elias e não da vinda de João?

Quanto à questão de ser o maior e de ser o menor, foi assim que explicamos:

Como explicar que João Batista seja o maior de todos os homens, mas que no "Reino do Céu" ele é o menor? Somente com a possibilidade de evolução individual de cada um de nós. Se isso não for verdade, haveremos de, forçosamente, acreditar que Deus age com parcialidade, contrariando a afirmação de que "*Deus não faz acepção de pessoas*" (At 10,34), o que faria de Sua "justiça" uma justiça por demais humana, privilegiando algumas pessoas em detrimento de outras.

É certo que quem não aceita a reencarnação, fatalmente, também não aceitará que todos os espíritos estejam sujeitos à lei do progresso. É por essa lei que todos os espíritos um dia congregar-se-ão no mesmo nível evolutivo, tornando-se merecedores de estarem junto a Deus. A opção que abraçam é "céu" para uns poucos, "inferno" eterno para muitos. Haja egoísmo!

PAULO NETO: Há aqui uma frase que nunca vimos ninguém comentar; entretanto, ela é muito singular. Estamos falando da frase: "*Desde os dias de João Batista até agora*", expressão que, por lógica, só faria sentido se João Batista não fosse contemporâneo de Jesus. Mas acreditamos que é realmente isso que Jesus, de forma indireta, está afirmando o que, em outras palavras, poderia ser dito assim: "*Desde os dias de Elias até agora*", já que, na sequência, ele arremata claramente que João é Elias, aquele mesmo que havia de vir. Na certeza de que muitos não acreditariam, completa: "*quem tem ouvidos, ouça*", ou seja, quem quiser acreditar que acredite: João Batista é mesmo o Elias reencarnado.

COMENTÁRIO: Paulo Neto depara no texto bíblico frase da qual "nunca vira ninguém comentar", então decide emitir sua própria apreciação. Até aí tudo bem, pois poderia nos brindar com esclarecedora interpretação da mensagem. Infelizmente não é o que ocorre: ele isola um trecho – "desde os dias de João até agora" – para concluir que Jesus falava da reencarnação de Elias. Mas, e o restante do recado? Não tem nada a ver com a parte selecionada? Leiamos a sentença completa, a fim de verificar se a opinião de Paulo Neto está correta:

"Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça."

No modo de entender de Paulo Neto, a declaração de Jesus só faria sentido se João não fosse seu contemporâneo. Será que é isso mesmo? Parece-nos que não. Observemos que Cristo afirmara que a Lei e os Profetas atingiram o auge em João. Em outras palavras, o Batista significava o ápice de todo o antigo pacto. Portanto, a leitura que Paulo Neto realizou ficaria melhor se fosse: desde os tempos da Lei e dos profetas, até hoje, o reino é tomado pela força. Forçar a

referência a Elias, conforme fez Neto, é tática repudiável: esdrúxulo esforço de transformar o discurso de Jesus em apologia reencarnacionista.

Outra linha interpretativa propõe que Jesus pudesse estar se referindo ao início do trabalho do Batista. Nesta conjectura, a declaração poderia ser vertida do seguinte modo: “desde que João Batista começou a pregar, até o dia de hoje, o reino de Deus é tomado pela força”.

O que significa “apoderar-se do reino pela força”? Não há unanimidade interpretativa, estudiosos chegaram a propor que as palavras não seriam de Jesus, mas de copista posterior que buscava esclarecer melhor o trabalho de João Batista. Entretanto, esta suposição não goza de grande prestígio. “Apoderar-se do reino pela força” provavelmente significa que as pessoas que buscavam o batismo de João, chamado “batismo de arrependimento” não seriam lá muito conscientes do que se lhes exigia como condição para ser batizado, estavam como que “forçando” a entrada no Reino de Deus.

A ideia que o arrazoado de Paulo Neto pretende incutir no leitor é a de que Jesus reunira à multidão, a fim de comunicar que Elias reencarnara em João Batista! Perguntamo-nos: como conseguiu Paulo da Silva Neto perceber nas palavras de Jesus um discurso reencarnacionista, quando o objetivo do Mestre era claramente outro? Vamos tentar entender melhor os acontecimentos, levando em consideração o que dissemos anteriormente.

Jesus ensinava que João Batista marcava o fim do antigo ajuste entre Deus e seu povo e, simultaneamente, fazia a ligação com o novo pacto. Ora, o “Elias que havia de vir” dera o público depoimento de que Jesus era o cordeiro de Deus. Então, o Mestre encerra o discurso alertando aos ouvintes: quem tem ouvidos ouça. Ouça, o quê? A resposta é óbvia: ouça que Jesus é o salvador prometido!

Portanto, Jesus não estava a divulgar uma fantasiosa reencarnação de Elias, sim revelando-se à multidão como o messias anunciado nas palavras dos profetas.

Curiosa é a transcrição que Paulo Neto faz da declaração de Cristo: “João é Elias que devia vir”. Embora algumas versões digam efetivamente “ele é Elias que há de vir”, talvez a maioria das edições em circulação prefira “ele é o Elias que havia de vir”. Ao optar pela tradução que mais se aproximaria de uma visão reencarnacionista, Neto demonstra o quão empenhado está em transmutar o anúncio de Cristo de que ele era o enviado de Deus em mera apologia da reencarnação. Triste.

Mas, então, o autor, que o tempo todo está emitindo a sua opinião, não quer nos dar o direito de emitir a nossa. Ou será que está pensando que a dele é muito superior à nossa, ou tenha mais credibilidade, sabemos lá o motivo?

Se dividirmos a linha do tempo em “antes de João Batista” e “depois de João Batista”, ficará mais fácil o entendimento. Supondo-se que Jesus quando disse “*desde os dias de João Batista*” tenha se referido ao período “depois” do nascimento de João ou após o início de sua pregação, tanto faz, que nele o reino dos céus é tomado pela violência, então, o que aconteceu no período anterior ao nascimento ou pregação de João? Nada, ou seja, não sofria violência também? Mas por que sofria violência num período tão curto, e num período muito mais longo não? Portanto, a fala de Jesus só pode se referir a um período “antes de João Batista”, período no qual vigou a Lei e os Profetas, exatamente, no qual viveu Elias, se não em todo ele, pelo menos numa parte. A frase poderia ser dita assim: “desde os dias em que João Batista viveu como Elias o reino do céu é tomado pela violência”, pena é que Jesus não tenha deixado algo assim tão claro para evitar os negadores sistemáticos.

O certo é que temos sérios problemas nas traduções bíblicas, e aqui vai uma que pode ajudar a entender melhor a questão:

Mt 11,12-13: “*Desde os dias de João, o Batista, até agora, o reino dos céus é assaltado, e os assaltantes o conquistam, porque todos os profetas e a lei profetizaram até João*”. (PASTORINO, 1964)

Lc 16,16: “*A lei e os profetas (foram) até João: desde então o reino de Deus é alegremente anunciado, e todos forcejam para ele*”. (PASTORINO, 1969)

O reino dos céus é assaltado por que motivo? Porque todos os profetas e a lei

profetizaram até João, ou seja, até João elas vigoraram, depois dele passou vigorar a boa nova. Mas se a lei e os profetas estavam em vigor desde antes do nascimento ou pregação de João, daí, não ser difícil chegar-se à conclusão que chegamos, sem estar forçando nada, como nos acusa o autor, que quer sim, forçar a barra para a sua crença antirreencarnacionista.

E, novamente, vamos devolver-lhe a acusação: "é tática repudiável: esdrúxulo esforço de transformar o discurso de Jesus em apologia **NÃO** reencarnacionista". E, apenas para que fique claro, vamos repetir: nós não temos a menor pretensão de incutir nossas ideias, razão pela qual não mandamos nossos textos para outras pessoas, querendo convertê-las às nossas ideias, tal e qual fez o autor com essa sua refutação ao nosso texto. Aliás, se leu o nosso texto foi porque achou conveniente, pois nós não o enviamos nem a ele nem a ninguém.

Muito mais triste é querer mudar o sentido das coisas para justificar dogmas estabelecidos por pessoas que apenas defendiam seus interesses. E, se bem observar, verá que em todos os nossos textos buscamos trabalhar como pesquisador do que de apologista, que, sinceramente, não faz o nosso gênero, pelo motivo de respeitarmos a opção religiosa das pessoas. Se elas são felizes onde se encontram, não somos nós que a faremos infelizes ao nosso lado. Ademais, não nos consideramos o dono da verdade, apenas alguém que a busca, e não teremos o menor constrangimento em mudar de opinião desde que nos provem por A mais B que estamos errados, sem apelar para interpretações pessoais de textos bíblicos.

PAULO NETO: Vale observar que Jesus nunca impôs sua maneira de pensar a ninguém, exemplo que muitos não se preocupam e nem fazem questão de seguir, principalmente, aqueles que tentam incutir na cabeça dos outros suas interpretações pessoais dos textos bíblicos; seriam eles os falsos profetas de quem Jesus sempre falava? Em Mt 7,21-23 ele nos dá algumas pistas sobre quem seriam estes falsos profetas: usariam o nome dele para: (1) profetizar; (2) expulsar demônios e (3) fazer muitos milagres. Será que é deles que estamos falando? Fica a resposta por sua conta caro leitor.

COMENTÁRIO: O "crime" de que acusa outros, Paulo Neto o comete sem perceber: ao tentar impor interpretação reencarnacionista em texto e contexto que não a admitem, Neto age, talvez inconscientemente, como falso profeta.

Como já disse, quem se preocupa em mandar seus textos a outras pessoas, busca impor a elas a sua maneira de pensar, não fomos nós que fizemos isso, mas o autor. E para que, definitivamente, fique bem clara a nossa posição, tomamos da página inicial do nosso site www.paulosnetos.net:

CARO INTERNAUTA,

Além de muitos textos ligados à Doutrina Espírita você encontrará vários outros sobre assuntos bíblicos. Deixamos claro que a nossa intenção não é ofender a quem quer que seja, apenas nos preocupamos em defender o Espiritismo dos ataques dos detratores, que, embora queiram que respeitemos a sua opção religiosa, não têm essa atitude em relação à dos outros. Para nós, todas as religiões são uma espécie de canal que nos faz ser melhores, como seres humanos e espíritos imortais.

Cumpre-nos advertir aos que não suportam críticas à Bíblia que não leiam nossos textos, para não ficarem indignados. Afirmamos que não temos nenhuma intenção de desmerecê-la, porém, há que se separar o joio do trigo. Aos que se aventurarem a lê-los, desejamos bom proveito dos nossos estudos.

É importante deixar bem claro que nossa bandeira é idêntica à de Kardec:

"Quando trato de maneira geral as questões levantadas por algum adversário, não é para convencê-lo, a isto não me prendo de nenhum modo, e ainda menos parar fazê-lo renunciar à sua crença, que respeito quando é sincera, é unicamente para a instrução dos Espíritas, e porque ali encontro um ponto para desenvolver ou para esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os princípios ficam, e os indivíduos desaparecem; é por isso que pouco me inquieto com as personalidades que talvez amanhã não serão mais e das quais não se falará mais, qualquer que seja a importância que procuram se dar". (KARDEC, RE 1863, p.

219).

MENSAGEM

Não somos daqueles que atiram a pedra em quem não pensa como nós. (Allan Kardec)

Como antes de tudo procuramos a verdade, e não temos a pretensão de sermos infalíveis, quando ocorre que nos enganamos, não hesitamos em reconhecê-lo. Não conhecemos nada mais tolo do que obstinar-se sobre uma opinião errônea. (Allan Kardec)

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim. (Chico Xavier)

Quando todos os homens compreenderem tudo o que encerram as palavras amor e caridade, não haverá mais sobre a Terra nem soldados nem inimigos, nela não haverá mais do que irmãos; não haverá mais os olhares irritados e ferozes, não haverá senão frentes inclinadas para Deus! (Allan Kardec)

Esperamos ter esclarecido esse assunto.

PAULO NETO: Como explicar que João Batista seja o maior de todos os homens, mas que no Reino do Céu ele é o menor, senão na possibilidade de evolução individual de cada um de nós? Se isso não for verdade, haveremos de, forçosamente, acreditar que Deus age com parcialidade, contrariando a afirmação de que "*Deus não faz acepção de pessoas*" (At 10,34), o que faria de Sua justiça uma justiça por demais humana, privilegiando algumas pessoas em detrimento de outras.

COMENTÁRIO: o esforço em traduzir em termos de várias vidas a exposição de Jesus, leva o nobre articulista a desviar inadvertidamente o sentido do texto: Jesus, em nenhum momento, disse que João Batista era o "menor" no Reino do Céu: sim que "o menor no Reino do Céu é maior que o maior dos homens" (basta reler a passagem e conferir). Coisa alguma na manifestação do Filho de Deus leva a supor que estivesse discorrendo a respeito de uma suposta evolução espiritual.

Leiamos o passo em questão: "*Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele*" (Mt 11,11). A proposição é: João Batista é o maior dos judeus, entretanto, em relação aos espíritos, que já vivem no mundo espiritual, ele é o menor. A referência do texto é indubitavelmente a João Batista e não aos homens como quer o contraditor. E ainda nos acusa de interpretar fora do contexto ou de "forçar a barra".

PAULO NETO: Em outra passagem Jesus volta, novamente, a afirmar sobre João ser Elias. Ei-la:

"Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: 'Senhor, é bom ficarmos aqui. Se quiseres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias'. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: 'Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz'. Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: 'Levantem-se, e não tenham medo'. Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: 'Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos'. Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'.

Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista" (Mt 17,1-13).

Transcrevemos a passagem por completo para podermos melhor explicá-la. Os espíritos Moisés e Elias aparecem no monte Tabor e conversam com Jesus, fato que Pedro, Tiago e João testemunham (e ainda dizem que os mortos não se comunicam). Os discípulos, lembrando-se das profecias a respeito da volta de Elias, ficam intrigados, daí pensaram: se Elias está aqui, então como nas Escrituras se diz que ele voltaria? Em consequência pedem uma explicação a Jesus: *"O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?"*. A resposta de Jesus sobre isso é categórica: *"Elias já veio, e eles não o reconheceram"*. Fato que se explica porque o espírito que animou Elias estava reencarnado como João Batista, razão pela qual nem todos o reconheceram. É por isso que no texto consta "eles", os doutores da Lei, e não "ninguém", que abrangeria o desconhecimento por parte de todo mundo, inclusive, dos apóstolos, de que João era Elias. Quanto aos apóstolos, pelo menos quanto a Pedro, Tiago e João, podemos dizer que apenas queriam essa confirmação por parte de Jesus, pois já supunham que João era mesmo Elias.

COMENTÁRIO: novamente, o douto interpretador tropeça na leitura. Devemos lembrar que quando o episódio da transfiguração de Cristo ocorreu, vários meses haviam se passado desde que Jesus respondera à inquirição de João Batista e revelara ao povo que João era o Elias que havia de vir. Nesta ocasião, em que Jesus se transfigurou, o Batista já havia sido morto a mando de Herodes. Pedro, Tiago e João, ou não estavam presente na ocasião anterior, ou haviam esquecido as palavras do Mestre, pois seria de esperar que estivessem cientes da informação sobre a vinda de Elias na pessoa de João. Por outro turno, a indagação que fizeram a Jesus, não tinha por fito "confirmar que João era Elias", sim entender o motivo de os intérpretes da lei ensinarem que Elias viria antes do Filho de Deus.

Eles esperavam que a finalização do ministério de Cristo culminaria com o estabelecimento do Reino divino. Entretanto, ouviam dos mestres da lei que Elias deveria vir antes que isso ocorresse. Nesta ocasião, ou questionavam relativamente à volta objetiva de Elias, ressuscitado em carne e osso, não o retorno simbólico na pessoa de João Batista; ou não efetivamente não recordavam o que o Mestre dissera a respeito de o Batista. A resposta de Jesus deixa no ar uma dúvida, ele afirma: Elias vem para arrumar as coisas, em seguida arremata, mas eu digo que Elias já veio e não o reconheceram. Cristo parece se referir a dois eventos, um futuro: Elias vem!; outro já acontecido: Elias veio e não o reconheceram!

Essa aparente dualidade discursiva, levou alguns a entender que haveria duas voltas de Elias, uma alegórica, na pessoa de João Batista, outra em efetiva ressurreição, ou retorno em corpo, quando o próprio Elias se faria presente para cumprir a missão restauradora, antes da implementação definitiva do Reino de Deus. Contudo, a palavra de Cristo focaliza a vinda de Elias exclusivamente na pessoa de João Batista. Jesus mostra que profecias podem se cumprir de forma não-literal, e que aquilo que o intérpretes entendiam nem sempre retratava o efetivo acontecimento. Nenhum dos leitores das escrituras identificou em João Batista o cumprimento da promessa de Malaquias. Foi necessário Jesus afirmar que a profecia estava acontecendo; mas como se esperava coisa diferente, ninguém percebia.

É insustentável a seguinte alegação de Paulo Neto:

"Fato que se explica porque o espírito que animou Elias estava reencarnado como João Batista, razão pela qual nem todos o reconheceram."

O caso é que ninguém reconheceu Elias, nem mesmo os discípulos. É espúria a distinção que Neto realiza (*"É por isso que no texto consta "eles", os doutores da Lei, e não "ninguém", que abrangeria o desconhecimento por parte de todo mundo, inclusive, dos apóstolos, de que João era Elias."*): se Jesus não os informasse de que a profecia se cumprira em João Batista, eles também ficariam desavisados. Além disso, mesmo que Elias ressuscitasse em carne também não seria notado: não havia imagem do profeta quando viveu no reinado de Acabe que pudesse ser comparada com o próprio caso aparecesse nos tempos apostólicos. Assim, o não-reconhecimento do anunciador não foi motivado pelo que alega Paulo Neto, sim porque esperava-se que os acontecimentos fossem diversos de como sucederam.

Na transfiguração, foi aberta uma "janela" entre as duas dimensões, de modo

que Moisés e Elias viessem conversar com Jesus e, concomitantemente, a expressão da glória de Cristo se manifestou ante os olhos estupefatos dos três discípulos, dando-lhes prova inequívoca da origem divina de Jesus. Este era o objetivo do Mestre ao transfigurar-se: demonstrar sem qualquer resquício de dúvida que estavam seguindo o Messias divino, o qual brevemente seria morto e ressuscitaria. Portanto, nada a ver com alguma fantasiosa reencarnação de Elias.

É importante, ainda, refletir a respeito da presença de Elias e Moisés junto a Jesus, considerando a tentativa, sem base, de inserir a suposição reencarnacionista no contexto do Novo Testamento. Por que surgiram Moisés e Elias em vez de qualquer outro personagem? Sem dúvida, havia razão definida para que os dois estivessem se manifestado.

Que a hipótese reencarnacionista é insubsistente, se mostra de imediato no aparecimento de Elias, em vez do de João Batista. Se a reencarnação fosse fato, diante de Jesus deveria estar João, não Elias, visto que o Batista fora a última personalidade utilizada pelo espírito. Os amigos espíritas se defendem, alegando que "em ocasiões especiais", o espírito pode assumir identidades anteriores. Muito conveniente a explicação, mas nada esclarece do motivo de o espírito ter optado por vir na roupagem corpórea de Elias e não na de João Batista. E, teriam muito o que explicar para esclarecer essa peculiaridade... (adiante comentaremos a "explicação" de Paulo Neto).

Pelas normas gerais da reencarnação, Moisés e Elias deveriam já ter reencarnado várias vezes ao tempo de Jesus, visto que séculos haviam se passado entre a estada no mundo daqueles profetas e os dias de Cristo na Terra. Entretanto, ali estavam os dois, as mesmas pessoas, diante do Filho de Deus e dos discípulos. Isso mostra que Moisés e Elias permaneciam com igual identidade desde que deixaram este mundo; vivendo felizes na glória celestial, ou, na "Casa do Pai". É possível que os reencarnacionistas "esclareçam" tratar-se de espíritos "superiores", sujeitos a reencarnação apenas para cumprirem "missões especiais". Poderia ser, mas pela quantidade de mortes que ambos patrocinaram, deveriam, ao menos, experienciar umas reencarnadinhas para compensar aqueles atos (claro, aqui levando em conta o ensinamento kardecista). Qual nada, continuaram a ser Moisés e Elias...

Os psicólogos falam que quase sempre transferimos para os outros aquilo que somos, seria o caso do autor quando nos atribui o epíteto de "douto"? Ou será que é apenas ironia dele? Se somos "douto", como diz, e se ele propôs a refutar nosso texto, não seria exatamente por se achar mais "douto" do que nós? O que temos visto é que, entre os adeptos das igrejas tradicionais, especialmente no meio evangélico, sempre encontramos pessoas que se julgam as únicas com capacidade de interpretar os textos bíblicos, para eles, ao que tudo indica, somos um bando de idiotas que talvez nem saibamos ler.

Quando Jesus disse à multidão que João era Elias, os discípulos não estavam presentes, pois tinham sido enviados para pregar pela região (Mt 11,5-42) e no fenômeno da Transfiguração estavam junto dele apenas Pedro, Tiago e João, estes que o questionaram sobre a volta de Elias, conforme previam os doutores da lei. Ao ver Elias se manifestando surgiu-lhes a dúvida sobre a volta dele, pois se Elias não veio, o Messias também não, foi este, certamente, o motivo da pergunta deles. Tudo isso dentro do contexto bíblico.

Jesus não deixa "no ar" coisa alguma, ao dizer "*Elias vem para colocar tudo em ordem*" (Mt 17,11), estava se referindo à profecia sobre a volta de Elias, ela, a profecia, é que previa isso, ao que arrematou: "*Mas eu digo a vocês Elias já veio, e eles não o reconheceram*", ou seja, confirmou que a profecia havia sido cumprida (Mt 17,12). É como se ele dissesse: "Sim, os doutores da lei têm razão, pois Elias vem mesmo para colocar tudo em ordem, porém, eu afirmo-lhes que Elias já veio e os doutores da lei não o reconheceram". Não há a mínima possibilidade de interpretação divergente dessa, a não ser quando se quer "forçar a barra" para ajustar o texto à alguma conveniência dogmática.

Se não for isso, por que motivo Jesus então não disse?: "Ora, Elias não vem mais, porquanto Deus mudou de ideia e resolveu mandar outra pessoa no lugar dele. Essa pessoa a quem me refiro é João Batista que veio para fazer um 'ministério semelhante' ao de Elias, mesmo tendo eles missões diferentes". Então, Jesus mentiu, quando disse que João era Elias, e a profecia de Malaquias foi pro beleléu: Deus prometeu enviá-lo e não cumpriu e dessa forma não poder-se-á afirmar que "*Deus é fiel*" (1Cor 10,13), como apregoam por aí. Colocam-

NO em contradição, pois havia dito: *"Eu sou Javé, e não mudo"* (MI 3,6).

Insustentável dizer que não reconheceram Elias? O autor contrapõe dizendo que "O caso é que ninguém reconheceu Elias, nem mesmo os discípulos". Mas, além de Jesus, temos Zacarias, reconhecendo Elias reencarnado como João, num primeiro momento. Um pouco mais tarde, também os discípulos o reconheceram, após as informações de Jesus, como pode-se ver neste passo:

Mt 17,10-13: "Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo. Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista'".

Jesus explicava a respeito de Elias e os discípulos compreenderam que ele falava de João Batista, então, reconheceram João Batista como sendo Elias numa nova vida, ou seja, Elias reencarnado. Só cego para não ver.

A nossa linha de raciocínio é que o *"eles não o reconheceram"* do texto se refere aos doutores da lei, o que não significa uma afirmação abrangente de que ninguém acreditava que João era Elias, porquanto, numa ocasião anterior Jesus há havia afirmado que João era Elias (Mt 11,14), pensar que todos não tinham conhecimento disso é extrapolar o texto bíblico, fugindo do contexto. Para ser abrangente o passo teria que afirmar: "Elias já veio, e ninguém o reconheceu".

Vejam esta linha de raciocínio: "Além disso, mesmo que Elias ressuscitasse em carne também não seria notado: não havia imagem do profeta quando viveu no reinado de Acabe que pudesse ser comparada com o próprio caso aparecesse nos tempos apostólicos", ora, que interessante, pois mesmo não tendo imagens de Elias e nem de Moisés, foram ambos reconhecidos por Pedro, Tiago e João, quando se manifestaram a Jesus. Portanto, é "frágil" o argumento do autor, usando-nos de suas próprias palavras.

Mas por qual motivo Moisés e Elias apareceram a Jesus, foi, como diz o autor, para "demonstrar sem qualquer resquício de dúvida que estavam seguindo o Messias divino"? Mais uma vez extrapola o texto, para justificar sua crença antirreencarnacionista, pois do texto não se pode deduzir o que afirma. Para nós, analisando o contexto, o motivo provavelmente seja o que está especificado em Lucas, da seguinte forma: *"Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém"*. (Lc 9,30-31), ou seja, o motivo era conversar sobre os acontecimentos que bem próximo iriam se dar. O fenômeno mediúnico, que aconteceu, quando a voz vinda do céu recomenda aos discípulos escutar Jesus, foi uma consequência do primeiro fenômeno, não a causa.

E, não há outra alternativa a não ser a de que Elias não foi reconhecido porquanto, vamos dizer, o seu espírito animava o corpo de João Batista, simples, para quem tem "olhos de ver". Mas esperar que um antirreencarnacionista entenda isso é, sabemos, pedir muito.

O autor demonstra categoricamente que nada sabe de Espiritismo, o que é lamentável para quem, provavelmente, se propõe a "acabar de vez" com ele.

No primeiro caso, o autor diz: "Se a reencarnação fosse fato, diante de Jesus deveria estar João, não Elias, visto que o Batista fora a última personalidade utilizada pelo espírito", e já prevendo alguma resposta arremata: "Os amigos espíritas se defendem, alegando que 'em ocasiões especiais', o espírito pode assumir identidades anteriores".

Exato que nos defendemos, queria ele o quê? Que ficássemos calados ouvindo impropriedades de contraditores? Só que a defesa, que é um direito nosso, vamos buscá-la em Kardec, para demonstrar sua falta de conhecimento da Doutrina, uma vez que não é invenção dos espíritas, visando defenderem-se:

Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais, não os manipulam como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o

homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depois. Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, -enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamentos* e reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento. (KARDEC, 1993a, p. 167-168). (grifo nosso).

Assim, a aparência vai depender da vontade do espírito, e não temos, obviamente, como explicar porque João Batista quis apresentar-se como Elias e não como João, mas o fato é que isso é possível e não fere o que conhecemos sobre as propriedades do perispírito.

O segundo caso, é sobre essa afirmativa: "Pelos normas gerais da reencarnação, Moisés e Elias deveriam já ter reencarnado várias vezes ao tempo de Jesus, visto que séculos haviam se passado entre a estada no mundo daqueles profetas e os dias de Cristo na Terra". Pena que não foi coerente o suficiente para demonstrar onde ele encontrou o que ele chama de "normas gerais da reencarnação", as quais confessamos não ter conhecimento.

Algumas coisas devem ficar claras: ainda não temos conhecimentos suficientes para estabelecer quanto tempo um espírito demora para reencarnar. O que já sabemos é que cada caso é um caso e que se reencarnará tantas vezes quantas forem necessárias para se atingir o patamar de espírito puro. Ademais é possível um espírito também evoluir no mundo espiritual, portanto, ainda não temos informações o bastante para estabelecer uma regra.

Por outro lado, o fato desses dois espíritos se manifestarem, respectivamente, com a aparência de Moisés e Elias, nada prova que eles não tiveram reencarnações desde as suas mortes como estes personagens até aquele momento, que apareceram para Jesus, pela simples razão de que eles têm a faculdade de assumir a aparência que desejarem, ou que julgarem mais importante para se fazerem reconhecidos. Um fato interessante no episódio é que mesmo sem possuírem uma foto deles, os discípulos Pedro, Tiago e João os reconheceram. Há possibilidade de terem tido uma, várias ou até mesmo nenhuma reencarnação, pois, como dito, cada caso é um caso, inclusive, nesse meio tempo eles podem ter desempenhado tarefas no mundo espiritual, não temos como saber o que precisamente aconteceu a eles. Portanto, não precisamos dizer que eram "espíritos superiores", como afirma o autor, basta usar a lógica e o conhecimento espírita.

PAULO NETO: Será interessante vermos essa passagem pela narrativa de Marcos, leiamo-la:

"E Jesus dizia: 'Eu garanto a vocês: alguns dos que estão aqui, não morrerão sem ter visto o Reino de Deus chegar com poder'. Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou sozinhos a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles. Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas, como nenhuma lavadeira no mundo as poderia alvejar. Apareceram-lhes Elias e Moisés, que conversavam com Jesus. Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: 'Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias'. Pedro não sabia o

que dizer, pois eles estavam com muito medo. Então desceu uma nuvem e os cobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: 'Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!' E, de repente, eles olharam em volta e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles. Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação e se perguntavam o que queria dizer "ressuscitar dos mortos". Os discípulos perguntaram a Jesus: 'Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?' Jesus respondeu: 'Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele'". (Mc 9,1-13).

Será que o "ressuscitar dos mortos" aí equivale a reencarnar? Os discípulos discutiam sobre o que queria dizer "ressuscitar dos mortos" e, ao que parece, não chegaram a um denominador comum, assim, querendo um esclarecimento, perguntam a Jesus sobre a volta de Elias. Obviamente se estavam conversando sobre ressurreição dos mortos e nessa conversa sai o nome de Elias, é porque, certamente, tinham Elias como morto e não como um arrebatado.

Embora tudo isso quanto colocamos até aqui, seja claro aos que não estão encabrestados por sua liderança religiosa, ainda vão continuar aparecendo dogmáticos com argumentos contrários a essa verdade bíblica, colocando Jesus como mentiroso, já que foi Ele quem disse que João era Elias, e não nós, os Espíritas, fato que não há como contestar.

COMENTÁRIO: Felizmente, não estamos "encabrestados", podemos, pois, falar sem receio de tal acusativo.

Nos parágrafos acima, Paulo Neto dá-nos a impressão de "forçar a barra" de um modo que ofende a ele mesmo, dedicado pesquisador de textos bíblicos. Ao lançar a pergunta: "Será que o 'ressuscitar dos mortos' aí equivale a reencarnar?", demonstra ou não entender ou desprezar o recado cristalino de Jesus. Mesmo os prezados espíritas kardecistas, que rejeitam a ideia da ressurreição e têm tanto apreço pela suposição de que o destino do ente humano é ficar em continuo vaivém da esfera material para a espiritual e vice-versa; mesmo assim, em geral, reconhecem o relato da ressurreição. A narrativa bíblica é incontestável: Jesus morreu na cruz e ressuscitou ao terceiro dia: era isso que Cristo na ocasião informava ao três discípulos que sucederia. Pois bem, Jesus recomendava aos seguidores que se mantivessem silentes sobre o que presenciaram até que a ressurreição acontecesse.

Porém, Paulo Neto insiste: foi Jesus quem disse que João era Elias, não nós espíritas kardecistas. Correto, foi Jesus quem disse ser João o Elias que havia de vir (como cumprimento da profecia), entretanto, não que fosse o Elias reencarnado. Há uma abismal diferença entre as duas proposições.

Obs.: vimos ressaltando o termo "espiritismo kardecista", quando o foco é a reencarnação, para destacá-lo do espiritismo anglo-saxão – que é a vertente primeva do kardecismo –, o qual não advoga a doutrina das múltiplas existências. Um espírita dessa agremiação que estivesse a examinar as passagens destacadas por Paulo Neto, jamais veria nelas qualquer apelo à reencarnação.

Continuando. Por que Jesus pediu aos discípulos silêncio? Em várias passagens dos evangelhos deparamos o Filho de Deus se revelando o Messias, porém nunca de forma direta. Havia motivo para que agisse assim. Conforme dissemos, esperava-se do Messias que este assumisse o governo da nação e a livrasse dos inimigos, ou seja, o enviado de Deus deveria ser um grande líder político. Entretanto, Jesus dizia: o meu reino não é deste mundo. E, para aqueles do povo que indagavam dos escribas se Ele poderia ser o Messias, os ensinadores retrucavam: isso não é possível, pois a profecia afirma que Elias virá antes. Nada parecia atestar que Jesus fosse algo mais que um profeta. Por outro lado, se houvesse aceitação generalizada da sua messianidade, o fato poderia provocar forte movimentação social, com o povo pretendendo entronizar Jesus rei e toda violência daí decorrente. Por isso, Cristo deixava mensagens veladas sobre sua pessoa e alertava: quem tem ouvidos ouça.

A transfiguração é relatada em Mateus, Marcos, e também em Lucas, vejamos como este último conta o evento.

LUCAS 9

28 Cerca de oito dias depois de ter proferido essas palavras, tomou Jesus

consgo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte para orar.

29 Enquanto ele orava, mudou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa tornou-se branca e resplandecente.

30 E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias,

31 os quais apareceram com glória, e falavam da sua partida que estava para cumprir-se em Jerusalém.

32 Ora, Pedro e os que estavam com ele se haviam deixado vencer pelo sono; despertando, porém, viram a sua glória e os dois varões que estavam com ele.

33 E, quando estes se apartavam dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é estarmos nós aqui: façamos, pois, três cabanas, uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias, não sabendo o que dizia.

34 Enquanto ele ainda falava, veio uma nuvem que os cobriu; e se atemorizaram ao entrarem na nuvem.

35 E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.

36 Ao soar esta voz, Jesus foi achado sozinho; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

Vemos que os evangelhos não são relatos exatos dos acontecimentos, cada autor narra de modo próprio: possivelmente o alvo imediato dos escritos fossem comunidades por eles conhecidas, daí destacarem o que julgaram mais relevante para os destinatários. A narrativa de Mateus é a mais ampla, apesar de não registrar a dúvida dos discípulos sobre a ressurreição. A de Lucas é a mais resumida. Seja como for, o núcleo do acontecimento é preservado: 1) Jesus transfigurou-se (ou foi transfigurado) diante dos discípulos; 2) Elias e Moisés apareceram e conversaram com Jesus; 3) os três deveriam se manter quietos sobre o que viram até após a ressurreição (em Lucas isso está implícito).

Os itens 1 e 2 acima são fáceis de ser entendidos. A transfiguração mostrava aos discípulos a glória de Jesus, como homem sem pecado, e verdadeiro em suas declarações de tratar-se do Filho de Deus. Moisés representava a Lei de Deus, e Elias as profecias. A presença dos dois conversando com Jesus comprovava que a Lei e as profecias estavam plenamente harmonizadas com a pessoa de Cristo.

Agradecemos pelo “dedicado pesquisador de textos bíblicos”, apenas acrescentaríamos que nessa condição mudaremos de opinião todas as vezes que nos provarem o erro, porém, interpretações pessoais de cunho dogmático não serão levadas em conta, até mesmo porque nós temos a nossa, ou seja, interpretação por interpretação, por enquanto ficamos com a nossa.

Quanto ao “forçar a barra” é a visão do autor, e poderíamos dizer o mesmo dele, que parece-nos basear-se no *Manual Popular de dúvidas e enigmas e “Contradições” da Bíblia* de Norman Geisler e Thomas Howe, dois sofistas de primeira linha e forçar a barra são com eles mesmos.

É fato que os espíritas “rejeitam a ideia da ressurreição”, caso a entendam como ressurreição física, porquanto, a ciência nos diz que os elementos, que compõem o nosso corpo, serão devolvidos à natureza e formarão parte de novos corpos dos seres orgânicos e inorgânicos: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” (Lavoisier).

Fora isso, podemos dizer que se a ressurreição da carne fosse verdade iria contrariar essa afirmação: *“a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus”* (1Cor 15,50), pois, na verdade, na ressurreição dos mortos *“o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual, semeia corpo”*. (1Cor 15,42-44), ou seja, não há ressurreição física, mas, sim, espiritual, o que significa que o espírito, depois da morte do corpo físico, ressurgirá glorioso, incorruptível, etc. Esse corpo nós o denominamos de perispírito. Pensar o contrário e distorcer o sentido dos textos e ir contra a ciência.

Apesar dele ter dito “Correto, foi Jesus quem disse ser João o Elias que havia de vir (como cumprimento da profecia), entretanto, não que fosse o Elias reencarnado. Há uma abismal diferença entre as duas proposições” não explicou qual é essa diferença abismal. Teria um outro jeito a não ser o de João ter sido Elias reencarnado? A “diferença abismal” é apenas

a relutância do autor em aceitar o óbvio: João era a reencarnação de Elias, conforme afirmado por Jesus, que ele faz questão de não acreditar apenas para não ter que mudar de opinião.

Dr. Iso Jorge Teixeira, em seu texto Terceira Revelação - O Consolador - Princípio da Reencarnação nos EUA e na Inglaterra, assim argumenta:

Mas, por que os Espíritos na América (nos EUA) e na Inglaterra não deixaram clara a ideia da reencarnação? Por que o Espiritismo tendo uma pretensão *universalista*, não conseguiu, até hoje, ser aceito no mundo? Esta pergunta, implícita no questionamento do confrade DOUGLAS e explicitada pela confreira ÁUREA está respondida por KARDEC em alguns de seus trabalhos escritos. Assim, no livro "O Que é o Espiritismo", no Segundo Diálogo – O CÉPTICO, tratando das "Dissidências", disse o Mestre de Lyon:

"A isso responderei, primeiramente, que tal divergência só existe na forma, sem afetar o fundo; realmente ele apenas se limita ao modo de encarar alguns pontos da Doutrina, e não constitui um antagonismo radical nos princípios, como afirmam os nossos adversários, sem ter estudado a questão.(...)"

E KARDEC pontifica:

"Dizei-me, porém, qual a Ciência que, em seu começo, não deu nascimento a dissidências até que seus princípios ficassem claramente assentados?"

Não encontramos as mesmas dissidências nas ciências mais bem constituídas?

Estarão os sábios de perfeito acordo sobre todos os pontos?(...)" (op. cit., Edit. FEB, 33 ed., 1989, p. 68).

Pois bem, KARDEC disse isto em julho/1859... Vejamos, um pouco mais adiante, o que ele nos diz especificamente sobre a divergência do *princípio reencarnacionista* na América... Também nos países anglo-saxões, especialmente na Inglaterra, tal princípio era veementemente combatido, tanto assim que WILLIAM HOWITT, um dos pioneiros do Espiritismo na Inglaterra foi muito enfático e a sua agressividade, desnecessária, talvez se explique pelo que KARDEC disse do Espiritismo na América. Eis as palavras de HOWITT, segundo ARTHUR CONAN DOYLE:

"(...) Se a reencarnação for uma verdade, lamentável e repelente como é, deve ter havido milhões de espíritos que, ao entrarem no outro mundo, em vão terão procurado os seus parentes, os filhos, os amigos... Já teria chegado a nós esse sussurro de milhares, de dezenas de milhares de espíritos comunicantes? Nunca. Podemos, portanto, só nesse campo, considerar falso o dogma da reencarnação, como o inferno do qual ele brotou." – grifos nossos (In "História do Espiritismo", A. CONAN DOYLE, Edit. PENSAMENTO, São Paulo, p. 397).

A Escola Espírita Americana – O preconceito racial

Por que tal animosidade de HOWITT contra o princípio da reencarnação, uma lei da Natureza? A resposta, talvez esteja num artigo de KARDEC, publicado na *Revue Spirite*, maio/1864, intitulado "A Escola Espírita Americana" (Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos, trad. JÚLIO ABREU FILHO, EDICEL, p. 146-148).

Leiamos alguns trechos do aludido artigo, que assim começa:

"Algumas pessoas perguntaram porque a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continente e em que consiste a diferença. É o que vamos tentar explicar (...)".

Mais adiante, diz KARDEC:

"Ora, acontece muitas vezes que uma ideia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. A esse respeito o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa; mas se supera em tudo o que concerne o comércio e as artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Devido a essa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental estava em seu terreno na América. Ao passo que a parte teórica e filosófica encontraria na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento".

E, bem mais adiante, ALLAN KARDEC ressalta uma das principais razões da não aceitação do princípio da reencarnação nos EUA e, acrescentamos nós, também na Inglaterra:

"De todos os princípios da Doutrina, o que mais encontrou oposição na América, e por América devemos entender apenas os Estados Unidos, é o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, pois as outras dizem mais com a forma do que com o fundo e isto porque os espíritos ainda não a ensinaram".

E KARDEC justifica sua opinião:

"Explicamos as razões disto. Os espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as ideias recebidas. Não irão dizer inconsideradamente a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados no país". – grifos nossos (op. cit., p. 146-147).

Enfim, KARDEC esclarece que, embora não seja aceito *globalmente* o princípio reencarnacionista nos EUA, ele o é *individualmente* para alguns e que é questão de tempo para que se generalize...

(www.terraespiritual.locaweb.com.br) (grifo do original).

Por outro lado, se formos buscar alguma questão tomando-se a divergência de opiniões, então, o que poderemos dizer das igrejas ditas cristãs, que divergem entre si em tantas coisas, aliás muito mais do que os espíritas, como por exemplo: como se dá a salvação, se é preciso batizar ou não, se o batismo realizado em crianças é válido ou não, se a alma é imortal ou não, se há Trindade ou não; se Jesus entregou a "chaves" a Pedro, suposto primeiro papa, ou não, a lista é longa, paremos aqui, para não fugir ao tema.

O autor diz que a expressão "*quem tem ouvidos ouça*" usada por Cristo é porque ele deixava mensagens veladas sobre sua pessoa, pena é que não se ateu ao contexto. Essa frase foi dita por Jesus por apenas cinco vezes, conforme se vê nos passos:

Mt 11,7-15: *"Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: "O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça!"*.

Mt 13,3-9: *"E Jesus falou para eles muita coisa com parábolas: 'O semeador saiu para semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e os passarinhos foram e as comeram. Outras sementes caíram em terreno pedregoso, onde não havia muita terra. As sementes logo brotaram, porque a terra não era profunda. Porém, o sol saiu, queimou as plantas, e elas secaram, porque não tinham raiz. Outras sementes caíram no meio dos espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram as plantas. Outras sementes, porém, caíram em terra boa, e renderam cem, sessenta e trinta frutos por um. Quem tem ouvidos, ouça!"*. (ver também Mc 4,9 e Lc 8,8).

Mt 13,36-43: *"Então Jesus deixou as multidões, e foi para casa. Os discípulos se aproximaram dele, e disseram: 'Explica-nos a parábola do joio'. Jesus respondeu: "Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são os que pertencem ao Reino. O joio são os que pertencem ao Maligno. O inimigo que semeou o joio é o diabo. A colheita é o fim dos tempos. Os ceifadores são os anjos. Assim como o joio é recolhido e queimado no fogo, o mesmo também acontecerá no fim dos tempos: o Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles recolherão todos os que levam os outros a pecar e os que praticam o mal, e depois os lançarão na fornalha de fogo. Aí eles vão chorar e ranger os dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça!"*.

Mc 7,14-23: *"Em seguida, Jesus chamou de novo a multidão para perto dele e disse:*

'Escutem todos e compreendam: o que vem de fora e entra numa pessoa, não a torna impura; as coisas que saem de dentro da pessoa é que a tornam impura. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça". Quando Jesus entrou em casa, longe da multidão, os discípulos lhe perguntaram sobre essa parábola. Jesus disse: 'Será que nem vocês entendem? Vocês não compreendem que nada do que vem de fora e entra numa pessoa pode torná-la impura, porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, e vai para a privada?' (Assim Jesus declarava que todos os alimentos eram puros). Jesus continuou a dizer: 'É o que sai da pessoa que a torna impura. Pois é de dentro do coração das pessoas que saem as más intenções, como a imoralidade, roubos, crimes, adultérios, ambições sem limite, maldades, malícia, devassidão, inveja, calúnia, orgulho, falta de juízo. Todas essas coisas más saem de dentro da pessoa, e são elas que a tornam impura'".

Lc 14,25-35: *"Grandes multidões acompanhavam Jesus. Voltando-se, ele disse: 'Se alguém vem a mim, e não dá preferência mais a mim que ao seu pai, à sua mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos, às irmãs, e até mesmo à sua própria vida, esse não pode ser meu discípulo. Quem não carrega sua cruz e não caminha atrás de mim, não pode ser meu discípulo. De fato, se alguém de vocês quer construir uma torre, será que não vai primeiro sentar-se e calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar? Caso contrário, lançará o alicerce e não será capaz de acabar. E todos os que virem isso, começarão a caçar, dizendo: 'Esse homem começou a construir e não foi capaz de acabar!' Ou ainda: Se um rei pretende sair para guerrear contra outro, será que não vai sentar-se primeiro e examinar bem, se com dez mil homens poderá enfrentar o outro que marcha contra ele com vinte mil? Se ele vê que não pode, envia mensageiros para negociar as condições de paz, enquanto o outro rei ainda está longe. Do mesmo modo, portanto, qualquer de vocês, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo. O sal é bom. Mas se até o sal perde o sabor, com que o salgaremos? Não serve mais para nada: nem para a terra, nem para esterco. Por isso, é jogado fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".*

Pode-se ver que, em todas as passagens, a expressão *"quem tem ouvidos para ouvir, ouça"* foi sempre utilizada após Jesus ter acabado de dar um ensinamento, é como se dissesse: *"acreditem quem quiser, mas as coisas são assim"*. É dessa forma, e não fugindo ao contexto, que também vale para o passo de Mt 11,7-15, no qual Jesus fala de João Batista; portanto o *"quem tem ouvidos para ouvir, ouça"* está relacionado com o que antes ele disse de João e que terminou afirmando: *"João é Elias que devia vir"*.

Sim, claro cada autor bíblico narra a Transfiguração de Jesus de um modo particular, entretanto, a mais completa foi a de Mateus, justamente, na qual Jesus afirma que João é Elias, algo que as narrativas de Marcos e Lucas não têm, porém, em razão disso a de Mateus não deve ser considerada? Mas não dizem que todos os autores bíblicos foram inspirados para escrever? Os que acreditam dessa forma, são, por coerência, constrangidos a admitir que o que consta a mais em Mateus, o que ele fala de João Batista, é também relevação dividida, por isso devem acreditar nela.

Voltemos um pouco ao texto em Marcos, do qual Paulo Neto diz que os discípulos estavam confusos quanto ao significado da ressurreição. Leiamos a explanação de Neto:

PAULO NETO: *"Será que o "ressuscitar dos mortos" aí equivale a reencarnar? Os discípulos discutiam sobre o que queria dizer "ressuscitar dos mortos" e, ao que parece, não chegaram a um denominador comum, assim, querendo um esclarecimento, perguntam a Jesus sobre a volta de Elias. Obviamente se estavam conversando sobre ressurreição dos mortos e nessa conversa sai o nome de Elias, é porque, certamente, tinham Elias como morto e não como um arrebatado."*

COMENTÁRIO: É pena que o afã de inserir na Bíblia a reencarnação faz com que doutos estudiosos aprontem tamanha confusão na interpretação do texto. A primeira sentença sequer mereceria ser considerada ("Será que o "ressuscitar dos mortos" aí equivale a reencarnar?); porém, temos que levar em conta que o escrito de Neto consiste de redação reencarnacionista, direcionada a adeptos da reencarnação, acrescida da esperança de convencer não-reencarnacionistas. Tal

qual a atitude de pessoas crédulas em demônios, que interpretam qualquer evento incomum em suas vidas como a manifestação de hostes do mal; ou de crentes em espíritos atuando neste mundo, que vêem a participação dessas hipotéticas entidades em muitos fatos de suas existências; a visão de Neto é direcionada a qualquer mínima frase, ou mesmo palavra, que possa soar como apelo reencarnativo. O evangelista Marcos noticia que os discípulos “se perguntavam o significado de ressuscitar dos mortos”, então, Paulo Neto encontra nesse ponto oportunidade para explorar a dúvida daqueles homens como indício de pensamento reencarnacionista.

No entanto, basta um pouquinho de atenção ao escrito para se perceber que a suposição de Neto é incabível. Primeiramente, os discípulos “não discutiam” sobre o significado de ressuscitar. Eles sabiam a significação do termo, não atinavam o que Jesus queria dizer com “depois que o Filho do Homem ressuscitar dos mortos”, mesmo já tendo ouvido Jesus falar algumas vezes a respeito. Mas, se atentarmos para a situação daqueles homens compreenderemos suas incertezas. Eles poderiam ter vaga idéia de como seria o evento, porém visto jamais terem experienciado qualquer coisa semelhante, muitas indagações se lhes assomavam à mente.

Para dar mais uma complicadinha, Neto acrescenta:

PAULO NETO: “se estavam conversando sobre ressurreição dos mortos e nessa conversa sai o nome de Elias, é porque, certamente, tinham Elias como morto e não como um arrebatado.”

Outro escorregão. Eles não “estavam conversando sobre a ressurreição”: ouviam o que Jesus lhes dizia e, por qualquer razão, preferiram guardar as dúvidas em vez de externá-las. A indagação a respeito de Elias advém do ensino comum dos doutores da lei, de que o profeta em pessoa precederia a vida do Messias, visto que a tradição rezava que Elias fora levado ao céu numa carruagem de fogo e não conhecera a morte, tal qual Enoque.

O erro crasso do autor é achar que tudo que falamos é para justificar a reencarnação o que, certamente, poderia também valer para ele na sua inglória luta contra ela. Desde o início do Espiritismo, o princípio da reencarnação vem sendo combatido, portanto, a cerca de 154 anos, e até o momento ninguém conseguiu dar-lhe o golpe mortal, aliás é uma crença que, segundo dizem, abrange quase dois terços da população mundial (SOUZA, 2007, p. 24). Na nossa fala apenas queria demonstrar que Elias morreu como todos nós morreremos, porquanto a morte faz parte das leis divinas, nas quais não existem exceções, porém, deveriam saber que ela só atinge a parte material das criaturas, a parte espiritual, que a antecede e lhe é mais importante, sobrevive na dimensão espiritual “*como os anjos do céu*” (Mt 22,30). Voltemos ao passo de Mc 9, que do versículo 1 ao 8 fala da Transfiguração, o que nos interessa é o após isso; continua a narrativa:

Mc 9,9-13: “Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação e se perguntavam o que queria dizer ‘ressuscitar dos mortos’. Os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?’ Jesus respondeu: ‘Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele’.”

Pelo texto bíblico temos que os discípulos “se perguntaram o que queria dizer ‘ressurreição dos mortos’”, ou seja, conversaram entre si; na sequência, é que eles dirigem uma pergunta a Jesus sobre o porque os “*doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias*”. Como não relacionar uma coisa a outra, só para adaptar à crença antirreencarnacionista? Certamente que o assunto em questão era sobre a “*ressurreição dos mortos*”, e se depois disso foi que os discípulos questionam sobre Elias, não vemos outra maneira de entender, senão que o tinham como morto, conforme nossos argumentos totalmente “cabíveis” em nosso texto original. Porém, essa questão de Elias ter sido arrebatado ou não é um outro assunto, que pode ser visto em nossos textos: “[O caso do arrebatamento de Elias](#)”, “[Contextação ao texto arrebatamento de Elias](#)” e “[Os arrebatamentos na Bíblia](#)”.

PAULO NETO: Falta-nos ainda fazer uma análise da passagem que relata a morte de João Batista; é o que faremos agora, mas primeiro leiamo-la:

Então Herodes prometeu com juramento que lhe daria tudo o que ela pedisse. Pressionada pela mãe, ela disse: *"Dê-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista."* O rei ficou triste, mas por causa do juramento na frente dos convidados, ordenou que atendessem o pedido dela, e mandou cortar a cabeça de João na prisão. Depois a cabeça foi levada num prato, foi entregue à moça, e esta a levou para a sua mãe" (Mt 14,7-11).

Considerando que a reencarnação está diretamente associada à lei de causa e efeito, a morte de João Batista é mais um fato que se ajusta ao nosso conjunto de provas, pois ele morreu exatamente da mesma forma que, quando estava encarnado como Elias, fez perecer os sacerdotes de Baal: teve a cabeça cortada. Vejamos o relato:

"Então Elias disse a eles: 'Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum'. E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e aí os degolou" (1Rs 18,40).

"Acab contou a Jezabel o que Elias tinha feito e como tinha matado a fio de espada todos os profetas" (1Rs 19,1).

COMENTÁRIO: essa lei de "causa e efeito" de Paulo Neto, sem intento desrespeitoso, parece piada. Então João Batista fora degolado porque Elias havia dado fim aos profetas de Baal? Mas, que matemática cármica seria essa? O livro de Reis informa que "comiam à mesa de Jezabel 450 profetas de Baal e 400 de Aserá", total: 850. E, todos foram mortos. Quantas vezes Elias precisaria reencarnar e ser decapitado para purgar todas essas mortes? Parece que o "conjunto de provas" de Neto está um tanto desconjuntado...

Seria querer muito, achar que um antirreencarnacionista de carteirinha iria ver algo na Bíblia sobre a lei (ou piada) de causa e efeito. Como esse tema já falamos, não iremos voltar a ele, somente iremos citar mais uma passagem, pela qual podemos vê-lo:

"... porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam". (Ex 20,5) (ver também Ex 34,7; Nm 14,18)

Só que "para quem tem olhos de ver" o texto como está, certamente, que entra em conflito com o seguinte passo:

"Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais. Cada um será executado por seu próprio crime". (Dt 24,16) (ver também Jr 31,29-30; Ez 18,2-4.20).

Segundo os entendidos, na verdade, não há conflito algum, o que houve foi a mudança da preposição "na" por "até". Ora, usando-se a preposição "na" o texto faz sentido, pois na terceira ou na quarta geração, o próprio espírito infrator poderá renascer como seu neto ou bisneto, e isso, mantém-se de pé o teor de Dt 24,16. A informação que temos é que a mudança ocorreu justamente para tirar dela a ideia da reencarnação, embora não possamos autenticá-la, ela faz sentido.

Quanto à quantidade de vezes que Elias haveria de reencarnar, diremos que em nenhum lugar consta que uma pessoa, que matou várias outras, terá que "morrer" tantas vezes quanto as que tenha matado, isso não é carma é castigo; porém, ainda que fosse assim e, digamos, até meio absurdo, é bem melhor do que o "inferno" por toda a eternidade. Entretanto, convimos em que a salvação "de graça" é muito mais cativante do que qualquer outra opção.

E em relação à quantidade de pessoas que Elias matou o autor preocupado demais em refutar, não leu com a devida atenção ao texto bíblico. Em 1Rs 19,19, realmente, aponta 450 profetas e Baal e 400 de Aserá, comendo à mesa de Jezabel (Bíblia de Jerusalém); porém, os que participaram da disputa com Elias foram somente os profetas de Baal, conforme o versículo 22, 25, 26 e, especificamente, o 40, onde lemos: *"Elias lhes disse: 'Preendei os profetas de Baal; que nenhum deles escape!'"*, e a narrativa continua *"Elias fê-los [os profetas de Baal] descer para perto da torrente do Quison e lá os degolou"* (v. 40). Portanto,

foram 450 pessoas, ou seja, somente os profetas de Baal e não 850 que estavam à mesa como propõe o apressado autor, em sua tentativa de tirar um sarro.

PAULO NETO: E para que ninguém diga que a lei de causa e efeito não é bíblica, como ao gosto dos dogmáticos, apresentamos para sustentação do nosso entendimento as seguintes passagens:

"Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem" (Jó 4,8).

"Jesus respondeu: 'Eu garanto a vocês: quem comete o pecado, é escravo do pecado'" (Jo 8,34).

"Jesus, porém, lhe disse: 'Guarde a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão'" (Mt 26,52).

"Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado" (Gl 6,7).

COMENTÁRIO: pode-se afirmar que a "lei" de causa e efeito é bíblica. Creio que nenhum teólogo contestaria. O problema é que os kardecistas enxergam essa lei reencarnacionista, o que é um grande equívoco. Onde, nos textos apresentados se acha explícita, ou implícita, a ideia de múltiplas existências? Tão empolgados ante a esperança de viver um montão de vidas estão os seguidores de Kardec, que sequer percebem que as palavras bíblicas, nem com muito boa vontade, tocam nessa crença. Todas as advertências contidas nos exemplos dados por Neto aplicam-se à presente existência; em outras palavras, o que o homem semear nesta vida colherá, nesta mesma vida.

Muito bem, já é um avanço admitir que a "lei de causa e efeito é bíblica", nos surpreendemos com essa. Porém, o que não entendemos é: se Cristo morreu pelos nossos pecados ou a salvação é "de graça", qual é o valor dessa lei? Seria uma lei inócua?

Não é equívoco algum enxergá-la pela ótica reencarnacionista, por ser ela mais coerente com o que vemos a nossa volta, onde milhares de criminosos, e põe milhares nisso, não "colhem nada nesta vida", ficariam, portanto, sem sofrer as consequências dessa lei? Nada feito, o que não se pagou nesta vida, pagar-se-á sucessivamente em outras até que seja pago o último ceitil (Mt 5,16). Mas quem faz opção pela salvação "de graça", é por não querer pagar nada.

E se nós espíritas obstinamos em ver tudo pela ótica reencarnacionista, o autor, da mesma forma, procura pela sua antirreencarnacionista, então querer ironizar não funciona, pois acabará ironizando a ele mesmo. Ai vale a advertência de Paulo: *"Homem, você julga os outros? Seja quem for, você não tem desculpa. Pois, se julga os outros e faz o mesmo que eles fazem, você está condenando a si próprio"*. (Rm 2,1)

PAULO NETO: Há uma passagem em que Jesus ressalta a lei de causa e efeito ao estabelecer uma correlação entre a doença de uma pessoa como consequência de, anteriormente, ter "pecado". É o caso de um paralítico, que assim se encontrava há dezoito anos, que foi curado num dia de sábado. Pouco tempo depois Jesus o encontra no templo e lhe diz: *"Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior"* (Jo 5,14). Não resta dúvida que perante essa fala de Jesus podemos concluir que a paralisia desse homem estava diretamente relacionada a um "pecado" cometido por ele, embora pelo texto não dá para sabermos se foi ou não de uma outra vida. Jesus ainda lhe adverte que se pecar outra vez a doença poderá ser pior, reafirmando essa lei.

COMENTÁRIO: na ilustração acima, o que se faz é tomar um texto de interpretação um tanto difícil para transformá-lo em apologia reencarnacionista. Mesmo sem a menor sustentação – o próprio Paulo Neto reconhece que "não dá pra saber se [o pecado] foi nesta ou em outra vida" – ainda assim, tenta "puxar brasa para sua sardinha", deixando em aberto tal perspectiva.

Pouco ou nada se pode dizer a respeito de que pecado aquele homem cometera para ficar paralítico. Havia 38 anos (não dezoito) que jazia enfermo. Jesus, ao curá-lo, recomenda que não mais pecasse, para que não acontecesse "coisa pior". Obviamente, estava lhe passando instruções para aquela mesma existência, nenhuma conotação reencarnacionista cabe nessa conversa.

Contudo, a intenção de Neto é informar que a "lei de causa e efeito" seria

claramente demonstrada na cura do paralítico. Tudo bem, se entendermos a recomendação de Jesus da seguinte forma, "vá e não erres mais, para que não tenhas outros problemas até piores que este", então não vemos razão para discutir. Seja como for, a reencarnação é incabível nesse contexto.

Reconhecemos que a interpretação do texto é difícil, os antirreencarnacionistas especialmente encontram serias dificuldades para entendê-la.

Grato por alertar-nos do cochilo sobre o tempo da paralisia, que é mesmo de trinta e oito anos.

Como as leis divinas valem para todos os povos e todos os tempos o "*não pecar mais para que não suceda coisa pior*" abrangerá todas as reencarnações, pela qual um espírito possa percorrer, porquanto "*essa coisa pior*" pode não ser cumprida na vida atual, mas, fatalmente, será em uma outra.

A reencarnação é cabível, quando dela também entendemos estar ligada a lei de causa e efeito, essa foi a razão de citarmos o passo, que embora não tenhamos de precisar se a pessoa em questão nasceu ou não doente não muda a conclusão sobre a aplicação dessa lei. Porém, aquela do cego de nascença que apontamos é o caso concreto de ligação com uma vida passada. A lei é clara: o que fizermos ao outro, é o que sofreremos, portanto, é melhor que "*não peques mais*".

PAULO NETO: 3.- Refutando Objeções

Vamos agora analisar as principais objeções que se levantam contra João Batista ser Elias reencarnado. As dividiremos em dois grupos, um específico quanto a essa questão e o outro mais genérico, onde argumentam contra a reencarnação, dizendo que não é bíblica e que Jesus nunca pregou tal coisa. Convém ressaltar que as genéricas, não raro, têm sido usadas como rota de fuga e de compensação, perante a inocuidade das objeções específicas.

COMENTÁRIO: Paulo da Silva Neto seleciona objeções de autor não identificado, contrárias à ideia de que Elias tenha reencarnado em João Batista e as analisa. O fato é que algumas dessas objeções são o que podemos nominar "de boa qualidade"; em relação a estas a réplica de Neto é frágil, conforme veremos. As demais focam aspectos secundários do assunto e podem ser refutadas, principalmente se vistas de forma isolada. No que toca às objeções "genéricas", aquelas que postulam que a reencarnação é estranha ao discurso de Jesus, e da Bíblia em geral, observaremos que Neto muito pouco tem a dizer sobre o assunto. Prefere se manter atrelado aos textos que, com alguma imaginação, pareçam reencarnacionistas e, a partir deles, defender que as múltiplas existências seja crença bíblica.

Quanto à "objeções de autor não identificado" é de propósito, pois para nós o que importa são as opiniões e não as pessoas que as emitem. Além disso, como essas são as objeções que mais se usa, não vimos motivo algum para identificar o autor; quem se interessar por isso, basta pesquisar na internet que encontrará muitos candidatos.

Interessante é que quando uma réplica é mesmo frágil, ela cai por si mesma, não precisa de ninguém se esforçar tanto para derrubá-la.

Sobre Jesus ter dito algo sobre a reencarnação, temos este texto:

Jesus falou sobre a reencarnação?

A resposta a essa questão dependerá daquilo em que a pessoa acredita, pois se ela é favorável à reencarnação dirá que sim, caso contrário, o não será a resposta que se ouvirá.

Mas aí surgirá um outro ponto: o que acreditavam na época não vale nada? Será que a nossa maneira de hoje vermos as coisas é que vai ditar o que responderemos a esse quesito? Bom, os registros históricos não podem ser preteridos à conveniência de ninguém, muito menos serem subjugados ao dogmatismo dos interessados em manter esse estado de coisas.

Então, primeiramente, o que devemos buscar são esses registros. E para isso iremos recorrer ao historiador hebreu Flávio Josefo, que viveu de 37 a 103, ou seja, bem próximo aos acontecimentos relacionados à vida de Jesus. Disse ele, em *Antiguidades Judaicas*, que os fariseus acreditavam que alguém poderia voltar a viver num outro corpo. Por outro lado, os entendidos afirmam que também na Cabala, que contém a doutrina esotérica do judaísmo, poder-se-á encontrar a crença na reencarnação.

Uma coisa é fato, e não há como negar: a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia, até mesmo porque ela só vem a aparecer num dicionário no ano de 1859; portanto, ela não existia em nenhuma das línguas usadas nos livros sagrados dos judeus e nem nos dos cristãos.

Mas, se não havia a palavra reencarnação, a ideia de que alguém poderia voltar num novo corpo será facilmente encontrada, desde que, obviamente, a pessoa não seja um fundamentalista apegado aos dogmas teológicos do passado, os quais sabemos que foram impostos a ferro e fogo, visando interesses escusos das lideranças religiosas de antanho.

Embora essa ideia sobre reencarnar não fosse muito precisa, daí a enorme confusão que causava, ela pode ser vista em algumas passagens do Antigo Testamento como, por exemplo: *"Somos de ontem e nada sabemos"* (Jó 8,9), que nos leva a relacioná-la com a reencarnação, pois o esquecimento do passado é um princípio ligado a seu conceito.

Entretanto, há uma outra passagem que, vista pelas narrativas posteriores, virá evidenciar essa crença. O profeta Malaquias faz uma profecia a respeito da volta de Elias (Ml 3,1.23-24). É certo que algumas pessoas buscam fugir dessa evidência dizendo que Elias não morreu, porquanto teria sido arrebatado ao céu. Tudo bem, quem quiser pode continuar com essa crença, mas isso invalidará as seguintes passagens: *"a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus"* (1Cor 15,50), *"ninguém subiu ao céu a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem"* (Jo 3,13) e *"O espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada"* (Jo 6,63).

Jesus reconhece que João Batista é quem estaria cumprindo a mencionada profecia de Malaquias (Mt 10,11), quando estabelece uma relação direta de Elias já ter vindo na pessoa de João Batista. É tão claro que fica difícil acreditar que, hoje, há pessoas que não veem isso.

Numa certa oportunidade, Jesus perguntou aos discípulos quem o povo dizia que Ele era. Eles responderam que as pessoas pensavam que Ele poderia ser alguns desses personagens: João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas (Mt 16,13-14). Vejamos um detalhe na narrativa de Lucas: *"Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou: 'Quem dizem as multidões que eu sou?' Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou'".* (Lc 9,18-19). Atenção especial ao final da narrativa onde é usado o verbo ressuscitar, que, no caso, tem o sentido de reencarnar, pois, certamente, que, se não acreditassem que alguém poderia voltar novamente em outro corpo, não haveria sentido algum o que pensava o povo sobre quem poderia ser Jesus. Entretanto, como não entendiam bem dessas coisas, incluíram João Batista, mas, a bem da verdade, por terem sido contemporâneos, Jesus não poderia ser esse personagem reencarnado.

Há um passo onde poderemos ver também essa questão: *"Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça"*. (Mt 11,12-15). Veja bem, caro leitor, se Jesus e João Batista viveram numa mesma época, não há sentido algum em se dizer *"desde os dias de João até agora"*, a não ser admitindo-se que ele já vivera antes, fato que, na sequência, Jesus confirma ao assegurar que João era Elias, o que significa dizer que, pela

ordem, o primeiro foi a reencarnação do segundo.

As coisas ainda não lhes eram muito claras por isso, subsistia a dúvida, conforme poderemos ver no episódio em que os espíritos Moisés e Elias aparecem a Jesus, no monte Tabor (Mt 17,1-9). Os discípulos, que o acompanhavam, ao verem Elias, ficaram, como se diz, "com a pulga atrás da orelha", pois os doutores da Lei diziam, certamente apoiados nas Escrituras, que Elias devia voltar e como o viram ali, pensaram: será que isso não acontecerá? Questionamento que levaram a Jesus. O Mestre, prontamente, lhes responde: *"Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram..."* (Mt 17,11-12). Resposta pela qual os discípulos *"compreenderam que Jesus falava de João Batista"* (Mt 17,13). Por conseguinte, a reencarnação de Elias como João Batista é confirmada mais uma vez, porquanto, se assim não fosse, Jesus teria negado tal fato, pois, em várias ocasiões, demonstrou conhecer o pensamento íntimo das pessoas. Mas não podemos desconsiderar que Ele já havia dito isso de forma clara (Mt 11,14).

E por falar em doutores da lei, um deles, chamado Nicodemos foi ter com Jesus, do qual queria saber o que fazer para conquistar o reino dos céus (Jo 3,1-9). Cujas resposta foi: *"É necessário nascer de novo"*. Só que para fugirem de tão evidente afirmação sobre a reencarnação, os contrários apelam para um outro significado da palavra grega *anóthen*, que é "do alto", levando isso à conta do batismo. Além dos judeus não praticarem esse ritual a pergunta subsequente de Nicodemos não deixa dúvida de que o significado era mesmo "nascer de novo": *"Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?"*. Na sequência, Jesus, com outras palavras, reafirma o que dissera antes.

E uma última passagem podemos ainda analisar. Certa feita os discípulos vendo um cego de nascença, perguntam a Jesus: *"Quem foi que pecou para ele nascer cego, foi ele ou seus pais?"* (Jo 9,2). Nessa passagem as pessoas se concentram muito na resposta, esquecem-se da pergunta, que é o ponto principal do diálogo; isso porque não há como um cego de nascença pecar, a não ser em uma outra vida, o que demonstra que os discípulos acreditavam numa vida anterior e na lei do carma, o que, fatalmente, nos liga à reencarnação.

A resposta de Jesus *"Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus"* (Jo 9,3), não nega a reencarnação, apenas afirma que, nesse caso específico, não houve pecado, uma vez que esse cego foi um missionário que veio para que as obras de Deus se manifestassem nele, ou seja, reencarnou com a missão de ajudar a Jesus a "abrir os olhos" dos que não eram cegos.

Certamente, que também não conseguiremos "abrir os olhos" dos cegos que não querem ver na reencarnação a manifestação do amor e da justiça de Deus. São os que preferem ver o Criador, como sendo um carrasco insensível, que manda os infratores da lei para o "quinto dos infernos", ao invés de, numa atitude paternal, buscar reeducá-los ao bem, situação que O coloca em desvantagem com os próprios homens, suas criaturas, que fazem de tudo para recuperar os criminosos, visando reintegrá-los à sociedade.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

mar/2007.

(publicado no Jornal Espírita da FEESP, nº 381, Maio de 2007, p. 10)

Muitas vezes não nos estendemos demais num assunto pelo motivo de já ter falado alguma coisa sobre ele em outras oportunidades, pois não precisamos ficar sempre repetindo, embora muitas vezes nos obrigam a isso, podemos, por exemplo, citar nossos textos:

- 1) [A conversa de Jesus com Nicodemos](#);
- 2) [Reencarnação e sua exegese bíblica](#);

- 3) [Reencarnação na Bíblia;](#)
- 4) [Reencarnação no contexto histórico;](#)
- 5) [Reencarnação no pentateuco;](#)
- 6) [Reencarnação x ressurreição física e penas eternas;](#)
- 7) [Ressurreição da carne?;](#)
- 8) [Ressurreição ou reencarnação?;](#)
- 9) [Reencarnação, o significado bíblico;](#)
- 10) [Todos seremos salvos?](#)

Em alguns textos tratamos de responder a determinadas refutações, que nos foram dirigidas ou que, genericamente, são direcionadas aos espíritas. Em geral são repetitivos nos argumentos, poucos apresentam algo de original, por isso, algumas vezes, somos obrigados a também nos tornar repetitivos. São eles:

- 1) [A reencarnação é confirmada na Bíblia?;](#)
- 2) [Reencarnação é uma impossibilidade total?;](#)
- 3) [Presbiterianismo e a reencarnação – réplica à revista Ultimato;](#)
- 4) [Reencarnação confirmando a misericórdia e justiça divinas;](#)
- 5) [Reencarnação e a resposta do pastor;](#)
- 6) [Reencarnação em conflito;](#)
- 7) [Reencarnação argumentos católicos contrários;](#)
- 8) [Reencarnação contra-argumentos a um pastor;](#)
- 9) [Reencarnação, Kardec um mentiroso?;](#)
- 10) [Reencarnação, uma praga.](#)

E, mais uma vez, vamos devolver-lhe a acusação: “Prefere se manter atrelado aos textos que, com alguma imaginação, pareçam antirreencarnacionistas e, a partir deles, defender que as múltiplas existências não seja crença bíblica”.

PAULO NETO: 3.1 - Objeções Específicas

3.1.1 - Elias não poderia ter reencarnado porque não morreu, mas foi arrebatado.

“Se João, o Batista, fosse mesmo Elias reencarnado, Elias teria de ter morrido para reencarnar. Ora, sabemos que Elias nunca morreu, pois foi arrebatado vivo ao céu (2Rs 2,11). Perguntamos aos espíritas qual o texto da Bíblia que confirma a morte de Elias? A resposta é: nenhum. Elias não morreu. Será que os espíritas aceitarão a Bíblia como um livro inspirado, ou vão torcer o significado do texto?”.

O grande problema é que muitas pessoas acreditam piamente em tudo que consta da Bíblia, como se, realmente, ela fosse, “capa a capa”, de inspiração divina. Certamente, o seria se não houvesse nela a mínima contradição, e no entanto podemos ver que elas existem, mas só percebem isso os que estão livres das “viseiras dogmáticas”. No presente caso, acontecem várias. Vejamo-las:

COMENTÁRIO: é importante ter-se em mente que a Bíblia não é um livro único, escrito por autores que se conheciam. Constitue um apanhado de escritos produzidos ao longo de aproximadamente mil anos. Talvez possam ser achadas efetivas contradições nessa obra, porém o que muitos classificam como tal são, em verdade, leituras inadequadas de textos sem interligação. Há relatos e mensagens nos livros bíblicos que têm aplicação em entornos bem definidos, tentar levar esses escritos para outros contextos, mesmo dentro do universo bíblico, equivale a tentar harmonizar o inconciliável. Nos versículos que Paulo Neto destaca encontramos exemplos dessa inadequada prática.

Talvez um dos motivos de haver tanta incoerência é justamente por ter sido escrito por

vários autores, que nem mesmo se conheciam uns aos outros. Segundo alguns autores, o período do seu início a seu término envolve cerca de 1500 anos, e só isso já bastaria para não acreditarmos em harmonia dos textos, pois até nós mesmos, com o passar do tempo, mudamos de concepção sobre muitas coisas.

A leitura inadequada do texto, ao contrário, é o que leva muitas pessoas não verem nela nenhuma contradição, um bom exemplo disso são os autores Norman Geisler e Thomas Howe, já citados.

O fanatismo, causa primeira do dogmatismo religioso, cega as pessoas causando-lhes um “embotamento” da mente, de tal forma que, por mais clara que seja a contradição, jamais a enxergarão.

Sobre contradições bíblicas que é um assunto totalmente fora do que estamos tratando, recomendamos nossos textos: [“Algumas curiosidades bíblicas”](#), [“Então, o que é a palavra de Deus na Bíblia?”](#), [“Falhas da Bíblia inerrante”](#), [“Inspiração dos textos sagrados”](#), [“Os textos originais da Bíblia?”](#), [“Toda Escritura é mesmo inspirada?”](#), além deles temos, ainda aguardando época oportuna para publicação, o livro “Relendo a Bíblia, revendo a teologia”, em dois volumes, que poderão ser lidos pelo links: [Volume I](#) e [Volume II](#).

PAULO NETO: a) “... tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,19).

Elias, caso tivesse sido arrebatado, não teria voltado ao pó conforme o que determina essa passagem.

b) “Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus...”(1Cor 15,50).

Se Elias foi arrebatado, certamente que foi para o reino dos céus no corpo físico, ou seja, com sua carne e seu sangue, fato que vem contrariar o que está aqui dito nesse passo.

COMENTÁRIO: a determinação do Gênesis é o que se pode chamar regra geral, a qual coaduna com nossa experiência comum: morremos e voltamos ao pó. No entanto, dentro do pensamento mítico-religioso nada obsta que se admitam exceções patrocinadas pela divindade. Mesmo porque, o registro do arrebatamento de Elias apenas narra sua “subida” num carro que Eliseu disse ser “de fogo”, e nada mais informa. Elias poderia ter experienciado de imediato a passagem da vida corpórea para a vida espiritual, caso em que não teria “passado pela morte” no sentido trivial. Juntamente com Paulo Neto, também não concordamos com a suposição de que Elias pudesse ter ido a Deus em carne e osso. Seja como for, a sua viagem para a esfera espiritual foi singular.

Dois personagens bíblicos são citados como tendo sido “arrebatados”: Enoque, pai de Matusalém; e Elias. A tradição religiosa judaica propunha que esses homens haviam sido tomados por Deus, portanto, não conheceram a morte. Em Hebreus 11:5, se lê: “Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; e não foi achado, porque Deus o trasladara; pois antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus”. No entanto, ao que parece, não havia doutrina elaborada a respeito desses eventos extraordinários.

O que se precisa entender é a crença que vigorava na tradição religiosa dos judeus, de que aqueles personagens haviam sido arrebatados. Os exceptivos episódios de arrebatamento não formam doutrina concorrente à crença judaica sobre a vida além: se tal se desse, o que não é o caso, poder-se-ia falar em “contradição”.

Sim, em Gn 3,19 é uma regra geral, porém, diferentemente das estabelecidas pelos seres humanos, ela não admite exceção, porquanto Deus é a perfeição absoluta e, de forma alguma, “faz acepção de pessoas” (Dt 10,17; 2Cr 19,7; At 10,34; 15,9; Rm 2,11; Gl 2,6; Ef 6,9; Cl 3,25, 1Pe 1,17), isso é próprio de seres imperfeitos.

Mas é justamente com um “pensamento mítico religioso” é que querem atribuir a Deus algo que não se coaduna com Ele. Da mitologia pagã e de conceitos antropomórficos é que trazem a Deus atitudes que somente caberiam a nós, os seres ainda imperfeitos. E, por mais incrível que isso possa parecer, tem muita gente que acredita nelas.

Muito bem, ficamos felizes por saber que concorda conosco de que Elias não foi de

“carne e osso” para o “céu”, uma vez que, pode-se concluir das próprias páginas da Bíblia, e acreditamos que, hoje em dia, a grande maioria dos exegetas diz isso, com os quais nos alinhamos.

PAULO NETO: c) “Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do homem” (Jo 3,13).

Se o arrebatamento de Elias for verdadeiro, então ele subiu ao céu, o que contradiz essa fala de Jesus, que foi a única pessoa que havia subido ao céu, e ninguém mais, conforme suas próprias palavras.

COMENTÁRIO: A explicação de Neto exemplifica o que falamos há pouco: descontextualiza-se a sentença e a aplica a outro contexto com o qual não coaduna. O resultado é uma tragédia interpretativa. A palavra de Jesus em João 3:13 não tem ligação com a “subida” de Elias. O que o Mestre dizia a Nicodemos é que Ele discursava baseado em experiência e não por hipótese. Observemos um trecho maior da exposição de Jesus: João 3:11-13:

11 - Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho.

12 - Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos falar das celestiais?

13 - Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu.

A palavra de Cristo poderia ser assim vertida: ninguém foi ao céu conferir essas coisas que digo, a não ser aquele que de lá desceu, a saber: o Filho do homem (Cristo).

Muitas vezes as frases que usamos estão mesmo fora do contexto, apenas com elas queremos expressar o nosso pensamento, porém, existem várias que podem ser tomadas ao pé da letra e dentro do contexto. Às vezes até mesmo as usamos para “irritar” os adversários, que se apegam tanto a ela como verdade inquestionável, não lhe percebendo as contradições.

Mas “tragédia interpretativa” é quando não extrapolamos em nada o contexto bíblico, mesmo assim os dogmáticos não aceitam, preferindo suas interpretações particulares que sempre visam justificar dogmas estabelecidos a ferro e fogo, diga-se de passagem, pelos teólogos de antanho.

Quanto ao fato de que “ninguém subiu ao céu”, realmente Jesus falou uma grande verdade, pois, entre os espíritos que aqui reencarnaram, nenhum conseguiu ir ao “lugar” de onde Jesus veio, porquanto, ele é, para nós, o espírito de maior evolução, o único que pôde ver Deus. E dentro dessa visão, ninguém mesmo subiu ao céu. E pior ainda quando dizem que Elias foi de “carne e osso”.

PAULO NETO: d) “... aos homens está ordenado morrerem uma só vez...” (Hb 9,27).

Se Elias não morreu - nem uma única vez - , fica evidente que essa passagem não se cumpriu.

COMENTÁRIO: aqui, de fato, temos um ponto que merece maior reflexão. Começamos pelo pensamento que Paulo Neto intenta ressaltar: não temos certeza se o respeitável articulista recorreu ao texto de Hebreus unicamente para apontar possível contradição entre a tradição do traslado de Elias e a sentença de morte a todos os homens; ou se ele assume a declaração como inconteste, ou seja, que o destino de todos os homens é morrer uma única vez.

Se for a segunda hipótese, o declarativo – mesmo sem considerar o restante do conteúdo de Hebreus –, entra em choque com a crença reencarnacionista. Estando aos homens “ordenado morrerem uma só vez”, não poderia haver reencarnação que, a rigor, acarreta várias mortes. Posteriormente, teremos oportunidade de melhor discorrer a respeito do escrito de Hebreus.

No caso de Elias e de Enoque, intuimos que ambos passaram pela morte, só não a experienciaram nos moldes convencionais: Deus achou por bem proporcionar-lhes uma passagem incomum, o que deu origem à tradição de que não tivessem sentido o gostinho do suspiro final.

Creio que seja admissível supor que Elias passou pela morte, porém teve uma

morte singular. Sendo assim, não há razão para discutir se ele estaria materialmente no céu. Quando se diz que "Elias não seria candidato à reencarnação, visto não ter morrido", a referência é à tradição que vigia entre os judeus. Seria mais o menos como dizer: com tanta gente que poderia reencarnar sem discussão, logo Elias foi ser citado como tal: ele que os judeus consideravam ter ido a Deus sem ver a morte. E, considerado desse modo, o argumento passa a ter significado: se os discípulos, ou algum do povo, tomasse reencarnacionistamente o discurso de Jesus sobre João ser "o Elias que havia de vir" certamente surgiriam questionamentos relativos ao fato de que era tido como certo que não morreria. Entretanto, não houve qualquer alusão ao fato, o que demonstra que a conjectura reencarnacionista estava longe do pensamento daqueles homens.

Nossa intenção é colocar os contraditores em contradição com suas interpretações da Bíblia, ao pegar um texto se esquecerem que o que deles tiram fere o teor de outros. Então, se acreditam que aos homens está ordenado morrerem uma só vez, então Elias não pode ter ido de corpo e alma para o "céu", Lázaro não ressuscitou, etc.

Por outro lado, o texto também diz "depois disso o juízo", o que também torna-se estranho diante da crença de que seremos julgados não depois da morte, mas num juízo final, quando Deus julgará vivos e mortos, estes irão ressuscitar dos seus túmulos.

Quanto a afirmativa em si, realmente o homem só morre uma vez, porém, o seu espírito, que é imortal, não morre nunca, dessa forma o teor do texto só pode ser visto na perspectiva de se estar falando do homem físico, não da parte espiritual que nele vive e que é a mais importante, pois ela é o próprio ser. Estaria opondo-se à reencarnação se tivesse sido dito: "ao homem está destinado a viver (encarnar) uma só vez", porquanto sendo a vida do espírito única mesmo, tal afirmativa, a de morrer uma só vez, só teria que ser vista sob o ponto de vista do físico.

E, levando-se em conta o contexto da passagem, nada disso pode ser afirmado, ou seja, que a passagem é contra a reencarnação, como muitas vezes afirmam os antirreencarnacionistas. Sobre este passo temos o texto: "[Morrem os homens uma só vez?](#)".

PAULO NETO: e) "... Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas;..." (At 10,34).

Explica-nos o Houaiss que acepção é: escolha, predileção por alguém; inclinação, tendência em favor de pessoa(s) por sua classe social, privilégios, títulos etc. Consequentemente, se tal fato do arrebatamento aconteceu a Elias, há evidente contradição com o texto aqui citado. E, por outro lado, considerando que Tiago disse que "Elias é homem fraco como nós" (Tg 5,17), qual seria então, a razão desse suposto privilégio de Elias, já que ele é igual a nós?

COMENTÁRIO: pode-se qualificar a experiência de Elias como inusitada, porém, não daí não decorre que tenha lhe proporcionado privilégios na consideração que Deus igualmente concede às suas criaturas. Há quem morra após sofrimentos atroz, há quem faleça sem qualquer dor. Se formos tomar esses acontecimentos como exhibições de preferência divina por alguns em detrimento de outros, estaremos apenas nivelando os procedimentos divinos à nossa limitada compreensão.

O texto de Tiago nenhuma relação tem a ver com a tradição do arrebatamento de Elias, nem mesmo indiretamente.

Para nós, o texto de Tiago se relaciona ao arrebatamento de Elias, quando o coloca no mesmo nível que todos nós, portanto, nenhum privilégio de ser arrebatado ele merece. E se "*Deus não faz acepção de pessoas*", não houve, não há e nem haverá nenhum privilégio nas leis de Deus, para quem quer que seja, portanto, todos nós passaremos pelo fenômeno da morte física. Especificamente, quanto ao tipo de morte, cada um de nós colherá o que plantou. E é bom lembrar que a nossa visão será sempre limitada, quando analisarmos o homem como se fosse a matéria, ele é um ser espiritual e nessa condição os atropelos da vida são insignificantes quando os comparamos com a felicidade de podermos estar junto a Deus. É algo parecido com a dor do parto, que nem é mais lembrada com a felicidade da mãe em ter o filho nos braços. Estamos falando de mãe normal, não dos monstros que, infelizmente, existem por aí jogando bebês no lixo.

PAULO NETO: f) "O espírito é que vivifica; a carne para nada aproveita;..." (Jo 6,63).

Na possibilidade de Elias ter sido arrebatado, ele foi "em carne" para o mundo espiritual; mas isso é estranho para algo que "para nada se aproveita", porquanto, nessa passagem, fica claro que o Espírito é que é o mais importante.

g) "Deus é Espírito" (Jo 4,24).

Agora sim é que as coisas se tornaram mais incoerentes, uma vez que Deus sendo espírito - essa é a nossa semelhança para com Ele -, certamente vive em seu reino nessa condição. Entretanto, Elias teria que viver em corpo físico, caso fosse arrebatado. Se for verdade o que disse Jesus de que o "reino dos céus está dentro de vós" (Lc 17,21), então ele não é um lugar, mas um estado de consciência, ficando, portanto, sem qualquer sentido alguém ser arrebatado fisicamente.

Nada a comentar, pois nada foi comentado pelo autor.

h) "Então lhe chegou às mãos uma carta do profeta Elias" (2Cr 21,12).

Nesse livro, o de Crônicas, está se afirmando que Elias envia uma carta a Jorão, fato que comprova que ele não foi arrebatado coisíssima nenhuma, uma vez que o envio dessa carta aconteceu cerca de dez anos depois do seu suposto arrebatamento, o que comprovamos com: "De acordo com a cronologia de 2Rs, Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel (2Rs 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2Rs 8,16; cf. no entanto 2Rs 1,17)" (Bíblia de Jerusalém, p. 607). A não ser que o correio daquela época não tenha sido tão eficiente quanto o atual e tenha atrasado a entrega dessa carta.

COMENTÁRIO: Paulo Neto se confunde, pois cita, como apoio para o "não-arrebatamento" de Elias, texto que afirma o "desaparecimento" de Elias antes do reinado de Jorão. Certamente estar "desaparecido" equivale a estar morto, ou, na tradição religiosa, arrebatado.

Pois bem, trasladado ou não, Elias "sumira" deste mundo, pois não fora mais encontrado, apesar de alguns homens o procurarem exaustivamente. Portanto, a suposição de Neto, de que Elias não fora arrebatado "coisíssima nenhuma", é falhada; e o problema está em saber como pode "escrever" a carta não estando mais nesta vida.

Ressalte-se, ainda, que o escrito citado por Neto contém um equívoco, pois Elias provavelmente desapareceu durante o reinado de Jorão de Israel, não antes conforme afirma o texto por ele citado.

Em 2 Reis 1:17, informa-se que Ocozias (ou Acazias) morrerá conforme fora profetizado por Elias, sendo sucedido por seu irmão, Jorão (de Israel). Acazias reinara por dois anos, e é plausível que Elias tenha sobrevivido a ele. Torna-se aceitável, pois, que Elias se tenha ido no período em que Jorão de Israel reinava. Ocorre que a carta citada, foi escrita para o Jorão de Judá, que foi entronizado quando seu homônimo de Israel já estava no poder havia cinco anos.

Neste ponto, poderíamos supor que Elias tenha visto o início do governo do Jorão de Judá, o que explicaria a carta. No entanto, no capítulo 3 do livro de II Reis, vemos que Jorão de Israel aliou-se a Josafá de Judá para combaterem inimigo comum. Josafá é pai de Jorão, e, nesse capítulo encontramos declaração que dá conta da ausência de Elias: II Reis 3:11:

"Josafá disse: Não há por aqui algum profeta do Senhor, para por meio dele consultarmos o Senhor? Sim, respondeu um dos servos do rei de Israel, está aqui Eliseu, filho de Safat, que derramava água nas mãos de Elias."

Acreditamos, pois, haver razões aceitáveis para supor que Elias desaparecera no início do reinado de Jorão de Israel, não antes. De qualquer modo, o problema continua, pois quando a carta chegou ao rei, o profeta certamente estava morto. Pelo menos duas possibilidades explicativas podem ser aventadas:

1. Elias conhecera Jorão, antes deste assumir a coroa, e tivera uma premonição dos acontecimentos, principalmente da apostasia do rei; então, redigiu a carta antes de partir para as plagas celestiais;
2. algum outro profeta, também chamado Elias, ou utilizando-se do nome deste, elaborara a missiva.

O certo é que não se pode, a partir dessa carta atribuída a Elias, deduzir que o profeta estivesse vivo. Nos livros de Crônicas a única referência a Elias encontra-se em II Crônicas 21:12-15:

12 Foi então que lhe trouxeram da parte do profeta Elias uma mensagem concebida nos seguintes termos: Eis o que diz o Senhor, Deus de Davi, teu pai: Porque não andaste nas pegadas de teu pai Josafá, nem nas de Asa, rei de Judá, 13 mas imitaste os reis de Israel, induziste à idolatria os habitantes de Judá e Jerusalém, como o fez a casa de Acab, e assassinaste teus irmãos, a família de teu pai, que eram melhores do que tu,

14 o Senhor há de ferir com uma grande praga teu povo, teus filhos, tuas mulheres e todos os teus bens;

15 quanto a ti, hás de contrair no ventre uma grave doença, enfermidade que fará sair de teu corpo as entranhas durante longos dias.

Dessa forma, podemos concluir que não há explicação definitiva a respeito da carta de Elias, principalmente considerando a exiguidade de informações dada pelo texto; de qualquer modo, dispomos de duas hipóteses que, se não respondem plenamente, constituem suposições válidas.

O texto, que citamos dos tradutores da Bíblia de Jerusalém, confirma que Elias não foi arrebatado, porque, depois de dez anos do seu suposto arrebatamento, que teria ocorrido durante o reinado de Jorão, rei de Israel, ele escreveu uma carta a Jorão, rei de Judá. Então, não apresentamos textos que confirma o desaparecimento de Elias, a confusão foi do autor e não nossa.

Mas para alguém, depois de morto, escrever uma carta, só pode ser por via mediúnica; porém, dizem que os mortos não se comunicam, por isso, as pessoas que assim pensam devem, por coerência, aceitar que Elias foi arrebatado de corpo e alma, que, conforme, já vimos não é a opção do autor, uma vez que ele aceita que Elias realmente morreu. Se ele aceita isso, então, deveria aceitar que houve uma psicografia, na qual ele, dez anos depois de sua morte, mandou uma carta ao rei Jorão, de Judá.

Quanto a época em que Elias desapareceu, transcrevemos do nosso texto "[O caso do arrebatamento de Elias](#)":

Em relação a Elias temos a confirmação de que ele sumiu no tempo de Acázias, filho de Acab, conforme nos atesta o historiador Flávio Josefo: "Foi sob seu reinado que Elias desapareceu sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele". (JOSEFO, 2003, p. 225). Isso nós confirmamos pelo Dicionário Prático Barsa, que assim afirma: "Elias viveu no tempo de Acab, rei de Israel (872-854 a.C.) e seu sucessor Ocozias" (p. 86). Portanto, na época que Jorão de Judá reinou, levando-se em conta os dados um pouco mais acima, Elias já havia desaparecido.

A citação dos tradutores da Bíblia de Jerusalém está, portanto, correta, pois Elias desapareceu antes do reinado de Jorão de Israel (852-841), uma vez que, foi ele quem sucedeu a Acázias (=Ocozias) (853-852). Diante disso, a suposição do autor de que "é plausível que Elias tenha sobrevivido a ele [Acázias]" não pode prevalecer por inconsistente e por estar fora do contexto.

Diz ele "O certo é que não se pode, a partir dessa carta atribuída a Elias, deduzir que o profeta estivesse vivo", poderíamos colocar que de duas uma, ou Elias estava vivo e não foi arrebatado, ou estava morto e do além mandou uma mensagem. Pena é que entre as explicações que o autor dá não há uma que tenha dito isso. Como já dissemos, quem conhece um pouco dos fenômenos mediúnicos, tem mais condições de avaliar, sem precisar de recorrer a explicações "mirabolantes" e fora do contexto.

PAULO NETO: É em 2Rs 2,11 que se narra o suposto arrebatamento de Elias, fato que causa divergência mesmo entre os teólogos, vejam a opinião de uma equipe de tradutores católicos e protestantes:

"O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pôde chegar a essa conclusão" (Bíblia de Jerusalém, p. 509).

COMENTÁRIO: nesse ponto não há muito o que discutir, pois, provavelmente Elias tenha passado pela morte. O que é necessário levar em conta é a tradição religiosa mantida a respeito de o profeta ter sido arrebatado.

Mantem-se coerente com o que afirmara anteriormente.

PAULO NETO: 3.1.2 – No monte da transfiguração, quem apareceu foi Elias e não João Batista, como era de se esperar se João fosse a última encarnação de Elias.

Se João Batista fosse a reencarnação de Elias, aquele que teria aparecido no monte da transfiguração, deveria ser João Batista e não Elias (Mt 17,1-6). Pois de acordo com a doutrina espírita: a última pessoa reencarnada é que deve aparecer.

Obviamente que, como um princípio geral, isso está certo. Entretanto, há casos em que o espírito pode se manifestar com a aparência de qualquer outra encarnação, desde que tenha evolução espiritual para isso. O perispírito, como sendo o corpo espiritual, pode ser moldado à vontade do espírito, uma vez que ele possui entre suas propriedades a da elasticidade, que, com o poder do pensamento, permite ao espírito assumir uma outra aparência. Quanto mais evoluído for um espírito, mais facilmente conseguirá dirigir sua vontade para moldar o perispírito na aparência que desejar. No caso de João Batista, Jesus disse que entre os nascidos de mulher ele era o maior, assegurando, portanto, sua condição de espírito evoluído, embora Tiago tenha dito o contrário, fato que já citamos.

COMENTÁRIO: primeiramente, Paulo Neto deveria melhor explicar porque no episódio da transfiguração não foi aplicado o “princípio geral”. Pode-se até aceitar, para fins de discussão, que seja conforme o arremedo explicativo que apresenta, porém, em verdade, não se esclarece coisa alguma. O que ele está dizendo é o seguinte: João Batista quis aparecer como Elias e pronto!

A conjectura do perispírito, conquanto curiosa, aplica-se exclusivamente ao sítio espírita-kardecista. Desconhece-se outra agremiação religiosa, mesmo de cunho mediúnico, que tenha o conceito de perispírito dentre suas doutrinas. Paulo Neto busca impor a leitura particular do grupo ao qual é agregado, objetivando tornar compreensível a visão reencarnacionista que tenta aplicar à Bíblia, notadamente ao profeta Elias.

Segundo Neto, o espírito que animou Elias e, posteriormente, João Batista, fez uso da capacidade modelativa do perispírito e tomou a forma física de Elias, em vez da de João, conforme seria o esperado. Quer dizer, Neto impôs a conjectura perispiritual ao fato de Elias se apresentar diante de Jesus, como se assim estivesse explicando muita coisa. Se tomarmos como veraz o explicitado por Paulo Neto, continuaremos sem entender a razão de Elias ter surgido.

Além disso, observe-se que o alegado poder do imaginado perispírito não seria o da “elasticidade”, sim da “plasticidade”.

Sobre a questão da aparência que um espírito pode se manifestar aos encarnados, já falamos anteriormente, não é necessário repetir.

Quanto ao “desconhece-se outra agremiação religiosa, que tem o conceito de perispírito”, poderíamos perguntá-lo: Conhece todas as agremiações religiões do mundo até mesmo as que já desapareceram?

E, conforme já afirmamos, não precisamos impor nada, quem busca impor é porque não acredita estar com a verdade, não é o nosso caso. Entretanto, mesmo acreditando nisso não fazemos a menor questão de impor nada a ninguém, cada um é dono do seu próprio nariz.

Antes de demonstrar que o perispírito é conhecido em outras culturas, vamos provar que ele era conhecido dos próprios hebreus, conforme pode-se depreender desta informação de Josefo sobre os essênios:

[...] acreditavam firmemente, que, como nosso corpo é mortal e corruptível e nossas almas, imortais e incorruptíveis, de uma substância etérea, muito sutil, encerrada no corpo, como numa prisão, onde uma inclinação natural as atrai e retém, mas apenas se veem livres destes laços carnis, que as

prendem em dura escravidão, elevam-se ao ar e voam com alegria. [...] (JOSEFO, 2003, p. 555) (grifo nosso).

“Nossas almas... de uma substância etérea, muito sutil”, se houvesse, na sua época, a palavra perispírito no hebraico, Josefo a teria utilizado. E interessante que a ideia de que a alma estando no corpo é como se estivesse numa prisão é a mesma que nós, os espíritas, temos.

Em *O perispírito e suas modelações*, o autor Luiz Gonzaga Pinheiro, informa-nos que o corpo perispiritual era conhecido e estudado há milênios, citando os seguintes povos que o conheciam:

Egípcio: Khá, Pitágoras: Corpo sutil da alma, Aristóteles: Corpo sutil e etéreo, Platônicos: Okhêma, Neoplatônicos: Aura, Tertuliano: Corpo vital da alma, Proclo: Veículo da alma, Budismo: Kama-rupa, Cabala: Rouach, Vedanta: Manu, mãyã, kosha, Hipócrates: Eu astral, Caldeus: Coroa de fogo, Paulo de Tarso: Corpo espiritual; Cristãos primitivos: Corpo glorioso; Paracelso: Corpo Astral, Católicos: Alma, Teósofos: Corpo causal, Leibniz: Corpo fluidico, Zöllner: Corpo fantasma, Rosa-crucianos: Corpo vital, Ocultistas: Ego Transcendental e Pesquisadores modernos: Corpo psíquico, corpo bioplasmático. (PINHEIRO, 2009, p. 127-128).

Deve o autor procurar pesquisar um pouco mais para obter informações que venham a refletir a realidade à sua volta e também parar de limitar as coisas ao que apenas ele conhece.

Parabéns por ter entendido as nossas colocações, pois ao dizer que o perispírito tem “plasticidade” prova que captou o nosso pensamento, apesar de usarmos a palavra elasticidade, porque a primeira fugiu de nossa mente. Agradecemos-lo pela observação.

PAULO NETO: No caso de João Batista, Jesus disse que entre os nascidos de mulher ele era o maior, assegurando, portanto, sua condição de espírito evoluído, embora Tiago tenha dito o contrário, fato que já citamos.

COMENTÁRIO: Quando Jesus disse que João Batista era o maior dentre os nascidos de mulher não se referia à hipótese espírita de “evolução espiritual”, coisa da qual Jesus em suas preleções não fez qualquer comentário. O Mestre explicava que João Batista, devido ao papel que representou como precursor último do Messias e, portanto, sintetizando o discurso de múltiplos profetas, mereceu o qualificativo que lhe foi dado, de ser “o maior dentre os homens”.

Sobre o comentário de Tiago, o raciocínio de Paulo Neto é confuso e inadmissível: o texto fala da fé de Elias, nenhuma referência faz a João Batista. Parece que Paulo da Silva Neto quer forçar a Bíblia a automaticamente validar a insólita suposição que defende, de Elias ter reencarnado em João Batista. Examinemos o texto de Tiago:

Tiago cap. 5

17 Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e orou com fervor para que não chovesse, e por três anos e seis meses não choveu sobre a terra.

18 E orou outra vez e o céu deu chuva, e a terra produziu o seu fruto.

Tiago ressalta a eficácia da oração realizada com fé. Coisa alguma na declaração se aplica à insustentável suposição reencarnativa.

A linha de raciocínio é bem simples sendo Elias e João Batista o mesmo espírito em duas encarnações, ao se falar de um está também referindo-se ao outro, mesmo que a pessoa não acredite na reencarnação.

Não queremos forçar a nada, apenas usamos os conhecimentos que temos para interpretar os textos bíblicos, exatamente, com acreditamos que o autor faça, embora, ao contrário de nós, e conforme já dito, quer impor sua maneira de pensar aos outros.

PAULO NETO: 3.1.3 - A Bíblia fala que João Batista teve um ministério parecido com o de Elias (Lc 1,17). Este versículo será completamente esclarecido se comparado com a história de Elias e Eliseu (2Rs 2,9-15).

João Batista cumpriu funcional e profeticamente o ministério de Elias, pois entendemos o texto da seguinte maneira: João Batista, deveria fazer o seu ministério dentro do espírito ministerial de Elias (Mt 4,5-6; Lc 1,17).

Em relação ao versículo que diz que João Batista ia no espírito de Elias (Lc 1,17), a Bíblia não diz que João Batista ia com o espírito de Elias. Existe uma grande diferença entre ir no espírito e ir com o espírito de Elias. A palavra no significa no mesmo ímpeto, semelhante. Para provar essa colocação, vamos ver como João Batista e Elias eram semelhantes.

JOÃO BATISTA	ELIAS
Perseguido por uma mulher (Herodias) e por um rei (Herodes). (Mt 14,3-5 e Mc 6,18-20)	Foi perseguido por uma mulher (Jezabel) e por um rei (Acabe). (1Rs 19,1-3 e 1Rs 21,20)
Usava uma capa de pelos. (Mt 3,4)	Usava também uma capa. (1Rs 19,19)
Era intrépido. (Lc 3,7)	Também era intrépido. (1Rs 18,27)
Foi o último profeta. (Lc 16,16)	Simboliza os profetas.

De doze livros bíblicos consultados [[1]], apenas quatro deles usam o “no”, o que, em termos percentuais, representa apenas 33% do total. Conseqüentemente, na maioria consta o termo “com”, e se nisto prevalecer a voz da maioria, então o argumento aqui enfocado cai por terra.

Quanto à questão de ministério semelhante, é apenas uma tentativa inepta para que não fique evidenciada a ideia da reencarnação, uma vez que não é isso o que consta da Bíblia e nem mesmo poder-se-ia interpretar a passagem dessa maneira, uma vez que Jesus não deixou dúvidas ao dizer que “João é Elias que devia vir”. Se a intenção da profecia fosse mesmo indicar um “profeta semelhante”, bastaria a Malaquias usar a mesma expressão empregada em Dt 18,15.18, onde se diz: “Suscitarei um profeta semelhante a ti”.

Vejamos agora a mencionada história de Elias e Eliseu:

“Depois que passaram o rio, Elias disse a Eliseu: ‘Peça o que você quiser, antes que eu seja arrebatado da sua presença’. Eliseu pediu: ‘Deixe-me como herança dupla porção do seu espírito’. Elias disse: ‘Você está pedindo uma coisa difícil. Em todo caso, se você me enxergar quando eu for arrebatado da sua presença, isso que pede lhe será concedido; caso contrário, não será concedido’. E, enquanto estavam andando e conversando, apareceu um carro de fogo com cavalos de fogo, que os separou um do outro. E Elias subiu ao céu no redemoinho. Eliseu olhava e gritava: ‘Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!’ Depois não o viu mais. Então Eliseu pegou sua própria túnica e a rasgou em duas partes. Pegou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a margem do Jordão. Segurando o manto de Elias, bateu com ele na água, dizendo: ‘Onde está Javé, o Deus de Elias?’ Bateu na água, que se dividiu em duas partes. E ele atravessou o rio. Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a certa distância, comentaram: ‘O espírito de Elias repousa sobre Eliseu’. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele”. (2Rs 2,9-15).

Para o espírito de Elias repousar sobre Eliseu, há de ter havido a morte do tesbita. De igual modo vemos, nos dias de hoje, ocorrendo com inúmeras pessoas, esse fenômeno de espírito repousar, o que para nós não é outra coisa senão a influência de um espírito desencarnado sobre um encarnado. Mas exigir que àquela época entendessem dessa forma é pedir muito, com certeza.

COMENTÁRIO: começemos pelo comentário final, posto ser o mais escandaloso: na concepção de Neto, “um espírito repousar [sobre outro]” significa a influência de desencarnado sobre encarnado. Pois é: o mundo precisou esperar muitos séculos, desde que a declaração foi proferida, até a descida de Paulo da Silva Neto à Terra, para ter esclarecido o sentido da sentença! Tudo bem que no centro espírita onde Neto comunga o entendimento seja esse: fazer o quê? Agora, daí querer afirmar que é esse o significado bíblico da declaração, nem de brincadeira! Nem sonhando! Examinando-se o escrito veremos que Eliseu pediu “porção dobrada do espírito de Elias”. Creio que nem Paulo Neto diria que Eliseu estivesse pedindo “dois espíritos”. É óbvio que Eliseu se referia ao poder que fora concedido a Elias e foi a esse respeito que os profetas que assistiram as águas se abrindo comentaram, ou seja, o poder de Elias repousa sobre Eliseu; leiamos:

II REIS

Capítulo 2

1 Eis o que se passou no dia em que o Senhor arrebatou Elias ao céu num turbilhão: Elias e Eliseu partiram de Gálgala,

2 e Elias disse a Eliseu: Fica aqui, porque o Senhor me mandou a Betel. Por Deus e por tua vida, respondeu Eliseu, não te deixarei. E desceram a Betel.

3 Os filhos dos profetas, que estavam em Betel, saíram ao encontro de Eliseu e disseram-lhe: Sabes que o Senhor vai tirar hoje o teu amo de sobre a tua cabeça? Sim, eu o sei: calai-vos!

4 Elias disse-lhe: Fica aqui, Eliseu, porque o Senhor manda-me a Jericó. Por Deus e por tua vida, respondeu ele, não te deixarei. E chegaram a Jericó.

5 Os filhos dos profetas que estavam em Jericó foram ter com Eliseu e disseram-lhe: Sabes que o Senhor vai tirar hoje o teu amo de sobre a tua cabeça? Sim, eu o sei. Calai-vos.

6 Elias disse-lhe: Fica aqui, porque o Senhor manda-me ao Jordão. Por Deus e pela tua vida, respondeu Eliseu, não te deixarei. E partiram juntos.

7 Seguiram-nos cinquenta filhos de profetas os quais pararam ao longe, diante deles, enquanto Elias e Eliseu se detinham à beira do Jordão.

8 Elias tomou o seu manto, dobrou-o e feriu com ele as águas, que se separaram para as duas bandas, de modo que atravessaram ambos a pé enxuto.

9 Tendo passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me algo antes que eu seja arrebatado de ti: que posso eu fazer por ti? Eliseu respondeu: Seja-me concedida uma porção dobrada do teu espírito.

10 Pedes uma coisa difícil, replicou Elias. Entretanto, se me vires quando eu for arrebatado de ti, isso te será dado: mas se não me vires, não te será dado.

11 Continuando o seu caminho, entretidos a conversar, eis que de repente um carro de fogo com cavalos de fogo os separou um do outro, e Elias subiu ao céu num turbilhão.

12 Vendo isso, Eliseu exclamou: Meu pai, meu pai! Carro e cavalaria de Israel! E não o viu mais. Tomando então as suas vestes, rasgou-as em duas partes.

13 Apanhou o manto que Elias deixara cair, e voltando até o Jordão, parou à beira do rio.

14 Tomou o manto que Elias deixara cair, feriu com ele as águas, dizendo: Onde está o Senhor, o Deus de Elias? Onde está ele? Tendo ferido as águas, estas separaram-se para um e outro lado, e Eliseu passou.

15 Os filhos dos profetas que estavam em Jericó, vendo o que acontecera defronte deles, disseram: O Espírito de Elias repousa em Eliseu. Foram-lhe ao encontro, prostraram-se por terra diante dele,

16 e disseram: Sabe que entre os teus servos há cinquenta homens valentes, que podem ir em busca do teu amo. Talvez o tenha arrebatado o Espírito do Senhor e atirado com ele para algum monte ou para algum vale. Não os mandeis, respondeu Eliseu.

17 Eles, porém, tanto insistiram que Eliseu teve vergonha (de recusar): Mandai-os, disse ele. Mandaram, pois, cinquenta homens, os quais procuraram Elias durante três dias, mas sem resultado.

18 Quando voltaram para Eliseu, que estava em Jericó, este disse-lhes: Não vos disse eu que não fôsseis?

É muito fácil perceber que os profetas viram quando Elias abriu as águas e, depois, Eliseu, já sem a companhia de seu mestre, fez a mesma coisa. Foi em vista dessa manifestação que declararam: o espírito [poder] de Elias repousa sobre Eliseu.

Ironias à parte, o mundo não teve que esperar por nós para ser esclarecido, porém, teve que esperar pelos conhecimentos espíritas que os próprios habitantes do mundo espiritual trouxeram aos homens, sob a coordenação de Allan Kardec.

É mais fácil entender certas passagens bíblicas com o conhecimento espírita, do que se apoiar nas superstições, em fenômenos sobrenaturais, etc.

A ação dos espíritos sobre os seres humanos existe desde a mais remota antiguidade, porém vista sobre esta ótica que acabamos de citar. Assim, dentro da ótica espírita, a análise que fazemos de certos acontecimentos vão nos dar mais elementos para melhor entendimento de algumas passagens bíblicas.

Vejamos, por exemplo, estas passagens listas em nosso texto "Manifestação dos espíritos, a Bíblia é uma das provas":

Jz 3,10: *"Veio sobre ele o Espírito do Senhor, e ele julgou a Israel; saiu à peleja, e o Senhor lhe entregou Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia,..."*

Jz 6,34: *"Mas o Espírito do Senhor apoderou-se de Gideão; e tocando ele a trombeta, os abiezritas se ajuntaram após ele".*

Jz 11,29: *"Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté, de modo que ele passou por Gileade e Manassés, e chegando a Mizpá de Gileade, dali foi ao encontro dos amonitas".*

Jz 13,25: *"E o Espírito do Senhor começou a incitá-lo [Sansão] em Maané-Dã, entre Zorá e Estaol".*

Jz 14,6: *"Então o Espírito do Senhor se apossou dele [Sansão], de modo que ele, sem ter coisa alguma na mão, despedaçou o leão como se fosse um cabrito. E não disse nem a seu pai nem a sua mãe o que tinha feito".*

Jz 14,19: *"Então o Espírito do Senhor se apossou dele [Sansão], de modo que desceu a Asquelom, matou trinta dos seus homens e, tomando as suas vestes, deu-as aos que declararam o enigma; e, ardendo em ira, subiu à casa de seu pai".*

Jz 15,14: *"Quando ele chegou a Leí, os filisteus lhe saíram ao encontro, jubilando. Então o Espírito do Senhor se apossou dele [Sansão], e as cordas que lhe ligavam os braços se tornaram como fios de linho que estão queimados do fogo, e as suas amarraduras se desfizeram das suas mãos".*

1Sm 10,6: *"E o Espírito do Senhor se apoderará de ti, e profetizarás com eles, e serás transformado em outro homem".*

1Sm 10,10: *"Quando eles iam chegando ao outeiro, eis que um grupo de profetas lhes saiu ao encontro; e o Espírito de Deus se apoderou de Saul, e ele profetizou no meio deles".*

1Sm 11,6: *"Então o Espírito de Deus se apoderou de Saul, ao ouvir ele estas palavras; e acendeu-se sobremaneira a sua ira".*

1Sm 16,13: *"Então Samuel tomou o vaso de azeite, e o ungiu no meio de seus irmãos; e daquele dia em diante o Espírito do Senhor se apoderou de Davi..."*

1Sm 19,20: *"Então enviou Saul mensageiros para prenderem a Davi; quando eles viram a congregação de profetas profetizando, e Samuel a presidi-los, o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram".*

1Sm 19,23: *"Foi, pois, para Naiote, em Ramá; e o Espírito de Deus veio também sobre ele, e ele ia caminhando e profetizando, até chegar a Naiote, em Ramá".*

2Sm 23,2: *"O espírito de Javé fala por mim, sua palavra está na minha língua".* 1Cr 12,18: *"Então veio o espírito sobre Amasai, chefe dos trinta, que disse:..."*

2Cr 15,1: *"Então veio o Espírito de Deus sobre Azarias, filho de Odede",* 2Cr 18,23: *"Então Zedequias, filho de Quenaaná, chegando-se, feriu a Micaías na face e disse: Por que caminho passou de mim o Espírito do Senhor para falar a ti?"*

2Cr 20,14: *"No meio da assembleia o espírito de Javé desceu sobre Jaziel, filho de Zacarias,..."*

2Cr 24,20: *"E o Espírito de Deus apoderou-se de Zacarias, filho do sacerdote*

Jeoiada, o qual se pôs em pé acima do povo,..."

Ez 11,5: "Então sobre mim pousou o espírito de Javé e me disse:..."

Jr 1,9: "Então Javé estendeu a mão, tocou em minha boca e me disse: "Veja: estou colocando minhas palavras em sua boca".

Is 59,21: "Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz Iahweh, o meu espírito está sobre ti e as minhas palavras que pus na tua boca não se afastarão dela, nem da boca dos teus filhos, nem da boca dos filhos dos teus filhos, diz Iahweh, desde agora e para sempre".

Is 11,2: "E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor".

Is 32,15: "Até que se derrame sobre nós o espírito lá do alto, e o deserto se torne em campo fértil, e o campo fértil seja reputado por um bosque".

Ez 2,2: "Então, quando ele falava comigo entrou em mim o Espírito, e me pôs em pé, e ouvi aquele que me falava".

Ez 3,24: "Então entrou em mim o Espírito, e me pôs em pé; e falou comigo, e me disse: Entra, encerra-te dentro da tua casa".

Se, em todas as passagens acima, mudarmos o artigo definido "o", para o indefinido "um", teremos, para complemento das expressões "veio sobre", "apoderou-se", "apossou-se", "desceu sobre", "pousou", "está sobre ti", "repousar", "derramar", "entrou em mim", os termos "UM espírito", algo mais condizente com a realidade; porquanto, Deus não faria tantas coisas absurdas como as citadas em alguns desses passos, próprias de espíritos atrasados que, muitas vezes, influenciam as pessoas até mesmo para fazer coisas contrárias ao bem.

Da mesma forma, podemos ver os fenômenos produzidos por Eliseu, que julgavam acontecer por ter o espírito de Elias ter "repousado" nele. Nós espíritas diríamos por ter o espírito de Elias "baixado" nele. É pura questão de conhecimentos das manifestações espirituais, que muitas vezes, fogem aos adeptos das religiões dogmáticas, que acreditam piamente ter a própria divindade "baixado" nas pessoas mencionadas nos passos acima.

PAULO NETO: A relação das semelhanças entre os dois profetas está mais para se confirmar que João Batista é mesmo Elias do que para qualquer outra coisa.

COMENTÁRIO: a questão da semelhança de ministérios entre Elias e João Batista é evidência secundária. Isoladamente faz pouco sentido. Há quem considere significativo até o fato de ambos usarem peles como vestimenta. A questão principal é entender por que Jesus apontou em João Batista "o Elias que havia de vir": se o fez como elucidação reencarnatória, conforme imagina Paulo Neto, ou para demonstrar que a profecia se cumprira, e, em decorrência, Ele (Jesus) era o Messias anunciado. Se juntarmos todas as partes do quebra-cabeça veremos que João Batista, nada obstante sua importância nesse contexto, é figura secundária ante o ponto principal, ou seja, que o Messias prometido efetivamente estava presente e anunciava a si mesmo como salvador do mundo. O próprio João reconheceu seu papel coadjuvante, quando disse: "importa que ele cresça e eu diminua".

Ninguém está negando a importância da vinda do Messias, porém, não somos fanáticos a ponto de não ver nas "entrelinhas" a questão da reencarnação, especialmente, porque obstinadamente afirmam não constar da Bíblia, como se isso fosse o suficiente para "derrotar" de vez a crença nela. E mesmo que não constasse, ainda restar-nos-ia a justificativa de que Jesus não disse tudo quanto queria dizer, por faltar aos de sua época, capacidade de entendimento. Porém, ao contrário, ele disse sobre a reencarnação, ainda que de forma velada, para que não causasse tanto escândalo, aos "doutos" de sua época. E ele estava coberto de razão, pois se nos dias atuais ainda causa, imagine-se no tempo dele?

A semelhança de procedimentos é mais um fator, não o único, que nos leva a crer que uma pessoa seja a reencarnação da outra, pode, realmente ter importância secundária em alguns casos, entretanto, em outros é a questão primordial. Para conhecer sobre isso é preciso ler os casos apresentados pelos pesquisadores da reencarnação. Dr. Ian Stevenson, por exemplo, tem o caso de William George Junior, no livro *20 casos sugestivos de reencarnação*.

PAULO NETO: Por outro lado, a profecia de Malaquias é clara quanto à promessa do envio de Elias, não de alguém semelhante a ele como mostramos, e nem Jesus disse que João era semelhante a Elias, como querem os dogmáticos, justamente para fugir sorrrateiramente da ideia da reencarnação.

COMENTÁRIO: Efetivamente, João era "o Elias que havia de vir", porém, como cumprimento da promessa profética, não como alma reencarnada. Os relatos de cumprimentos de profecias, em geral, mostram que não se realizam literalmente. É preciso que um mestre inspirado noticie que se estão cumprindo.

João era Elias que havia de vir em cumprimento da profecia que só pode ocorrer por ser o primeiro a alma reencarnada do segundo. Somente os antirreencarnacionistas não querem admitir isso, mas é problema deles e não dos textos e nem das interpretações que podemos tirar deles. A obstinação em que vivem cega-lhes. As afirmativas são claras:

Mt 11,10: *"É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'".*

Mt 11,14: *"E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir".*

Mt 17,12: *"Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram".*

Sim, João Batista veio "como cumprimento da promessa profética" que dizia que Elias seria enviado, portanto, não há como admitir outra hipótese senão a de que João é mesmo Elias reencarnado, negar isso é "forçar a barra" para tirar essa ideia dos textos bíblicos.

Se é preciso que um mestre inspirado noticie que uma profecia está se cumprindo seria o caso de se pesquisar na Bíblia para ver se esta afirmação é verdadeira, mas como isso não vai levar a nada, porquanto podemos aceitá-la sem problema, então, fica claro que foi Jesus quem noticiou que João Batista estava cumprindo a promessa do envio de Elias, razão pela qual não temos como negar de o primeiro é o segundo em nova encarnação, tão certo que que iram negar que Jesus arrematou: *"quem tem ouvidos para ouvir, ouça"* (Mt 11,15).

PAULO NETO: 3.1.4 - João Batista disse claramente que não era Elias.

Em alguns passos parece haver uma ideia de reencarnação, mas combatemos tal ideia com a passagem bíblica: "Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não". (Jo 1,21). Assim, é o próprio João Batista que nega tal fato.

O que ocorre é que, quando o espírito passa a habitar um corpo físico, ele perde temporariamente a lembrança de suas outras vidas; daí ser perfeitamente normal a resposta negativa de João Batista à pergunta se ele era Elias. Por outro lado, aí ficaremos num dilema, pois em quem devemos acreditar: em Jesus que afirmou categoricamente que João Batista era Elias; ou no próprio João que disse não ser? De nossa parte estamos com Jesus e pronto!

COMENTÁRIO: realmente, aplicar a ideia da reencarnação onde não cabe leva a dilemas... Linhas atrás, Paulo Neto exaltava a "evolução espiritual" do Batista, aqui dela se esquece... Ora, um espírito evoluído teria consciência de suas pregressas encarnações, fato que espiriticamente deveria ser levado em conta, porém Neto olvida. De qualquer modo, não é necessário malabarismo reencarnacionista para entender a inquirição dos sacerdotes ao Batista, examinemos o texto:

JOÃO 1

19 E este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu?

20 Ele, pois, confessou e não negou; sim, confessou: Eu não sou o Cristo.

21 Ao que lhe perguntaram: Pois que? És tu Elias? Respondeu ele: Não sou. És tu o profeta? E respondeu: Não.

22 Disseram-lhe, pois: Quem és? para podermos dar resposta aos que nos enviaram; que dizes de ti mesmo?

23 Respondeu ele: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.

24 E os que tinham sido enviados eram dos fariseus.

25 Então lhe perguntaram: Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?

26 Respondeu-lhes João: Eu batizo em água; no meio de vós está um a quem vós não conheceis.

27 aquele que vem depois de mim, de quem eu não sou digno de desatar a correia da alparca.

28 Estas coisas aconteceram em Betânia, além do Jordão, onde João estava batizando.

29 No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Paulo Neto mantém a fragilizante atitude de interpretar textos descontextualizados do panorama onde inseridos. O Batista respondia a inquirição dos sacerdotes fariseus, que estavam curiosos em saber o testemunho que daria de si mesmo, uma vez que a pregação que levava a efeito estava agitando o povo.

É bem verdade que “um espírito evoluído teria consciência de suas pregressas encarnações”; porém, isso acontece quando está desligado do seu corpo físico, vivendo no mundo espiritual, já na condição de espírito desencarnado. No entanto, quando ainda encarnado, ele perde temporariamente esta consciência. No seu inconsciente encontra-se gravadas todas as suas vivências passadas, portanto, nada está perdido, e é por este motivo que voltando à condição de espírito errante, lhe é possível o acesso a seu arquivo mental (inconsciente) e de lá retirar tudo quanto se encontra armazenado.

É certo que no texto a inquirição dos sacerdotes a João buscavam o seu testemunho, entretanto, ao colocar entre suas perguntas se ele era Elias, o faziam, por acreditar que havia a crença de que Elias voltaria, e como Elias foi identificado, conheciam ou intuía, como queira, a sua imagem, podendo, perfeitamente identificá-lo. E além disso a pergunta partiu dos fariseus que é um detalhe importante, porquanto, eles acreditavam que uma alma poderia voltar a viver, ou seja, na reencarnação, ainda que se busque alternativa que seria uma vez só.

Então, não existe nenhuma “descontextualização”, o que ocorre é termos condições de ir além do véu, que encobre alguns fatos, que só podem ser vistos quando se utiliza dos conhecimentos espíritas. Isso pode até ser algo “frágil” para algumas pessoas, porém, para outras é o “pulo do gato” que faltava para que pudessem entender certas coisas da Bíblia.

PAULO NETO: Mas a lembrança de outras vidas pode surgir de uma hora para outra, o que, facilmente, poder-se-á confirmar lendo a obra do Dr. Ian Stevenson, *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birth Marks and Birth Defects*, (Vol. I: Birthmarks, 1200 páginas e vol. II: Birth Defects and Other Anomalies, 1100 páginas) e a sinopse desse livro, *Where Reincarnation and Biology Intersects: A Synopsis*. Nessa obra o autor relata 225 casos de crianças que se lembraram de uma outra vida dos, nada menos de, 2600 investigados por ele. A pesquisa do Dr. Stevenson, na opinião do pesquisador brasileiro, Dr. Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003):

(...) não-só representa a evidência definitiva da reencarnação, como ‘deita uma pá de cal’, em cima de qualquer argumentação negativista contra a ‘Lei da Reencarnação’. Não há mais lugar para dúvidas. De agora em diante, restará apenas a sofisticada e inútil controvérsia acerca da natureza ‘daquilo’ que passa de uma encarnação para outra... (ANDRADE, 2002, p. 107).

COMENTÁRIO: neste ponto, Neto sai da Bíblia e deixa João Batista em paz para adentrar no mundo reencarnativo propriamente dito. Embora Stenvenson tenha investigado bastante, principalmente casos asiáticos, em comunidades que acoitam crenças reencarnativas peculiares, esse trabalho está longe de

comprovar a facticidade das múltiplas existências. Inclusive, as investigações de Stenvenson, em vários casos, expõem eventos ditos reencarnatórios que não coadunam com o ensino kardecista. Certos registros postulam suposições que sequer foram aventadas por Kardec, como as famigeradas marcas de nascença. Outros episódios relatam reencarnações que trombam com a doutrina, como a de alguém ser tido como morto e depois voltar à vida, mas com a alma de outra pessoa. Sem falar das fartas recordações, que contrariam a doutrina do esquecimento, atualmente um tanto esquecida pelos próprios espíritas.

Parece-me que, para o espiritismo, aceitar os estudos de Stenvenson significará a obrigatoriedade de modificar substancialmente os postulados de Kardec concernentes às variadas vidas.

Quanto à exaltação reencarnativa prolatada por Hernani Guimarães, dele não se esperaria outra manifestação, visto tratar-se de extremado crente na multiplicidade de vidas.

Assim, como o próprio Cristo não disse tudo, os espíritos também ainda não informaram tudo quanto devemos aprender, Kardec tinha plena consciência disso: *“O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação”*. (KARDEC, 1993b, p. 223).

Em outra oportunidade, Kardec disse o seguinte:

Esta ciência, nascida ontem, não disse tudo, tanto lhe é preciso, e nos resta ainda muito a aprender, mas disse o bastante para ser fixada sobre as bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais; não foram qualificados de sobrenaturais e maravilhosos senão por falta de conhecer a lei que os rege, assim como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Natureza. O Espiritismo, fazendo conhecer essa lei, restringe o círculo do maravilhoso em lugar de estendê-lo; dizemos mais, é que ele lhe dá o último golpe. Aqueles que dele falam de outro modo provam que não o estudaram. (KARDEC, 1993c, p. 213).

É... um trabalho de pesquisa de mais de 40 anos com cerca de 2600 casos deve estar mesmo “longe de comprovar a facticidade das múltiplas existências”, esperamos que o autor possa apontar dentro deste extenso trabalho do Dr. Ian Stevenson, seus argumentos para derrubar para cada um desses casos pesquisados, pois desqualificá-los genericamente qualquer um pode fazê-lo, porém, para contestá-los cientificamente há de ser mais criterioso com o que se fala e ter competência para tal empreendimento.

Mas não se nega que os casos são em maior número entre os países que acreditam na reencarnação, pelo simples motivo de não acharem que isso “é coisa do diabo”. A cultura, certamente, influi bastante para que as pessoas possam falar livremente do assunto, eis a causa. Aliás, isso acontece até mesmo a nível espiritual, um espírito que nega sistematicamente a reencarnação, em se manifestando depois de morto, manterá a sua opinião, porque a mudança de estado não o torna sábio como num passe de mágica, há que se escoar o tempo para que isso ocorra. Ademais podemos dizer que a questão é mesmo cultural, pois se um antirreencarnacionista convicto tivesse nascido num país onde essa crença é comum, é quase certo que acreditaria nela, o que torna a oposição que fazem um tanto quanto sem sentido.

A questão de que nas pesquisas do Dr. Ian Stevenson existir casos que não se coadunam com o ensino Kardecista, pode ser relevante ou não, para mensurar é necessário estabelecer qual é o percentual que isso ocorre em relação a todos os casos pesquisados. Por outro lado, um só caso bem provado de reencarnação é o suficiente para provar que ela existe, porquanto: “Basta um único corvo branco para provar que nem todos são negros” (LOEFFLER).

E quanto ao fato de Kardec não mencionar às marcas de nascença, isso não invalida a nem a pesquisa do Dr. Ian Stevenson, que não era espírita, diga-se de passagem, nem o que o codificador disse a respeito do assunto, até mesmo porque ele afirmou que estava apenas colocando os pontos básicos da Doutrina, estando reservado para o futuro o complemento de acordo com o estudo e pela observação que surgiriam através do tempo. É o que de certa forma está acontecendo com as pesquisas mencionadas. O fato dessa pesquisa não estar

sendo realizada por espírita é um detalhe importante, pois fosse feita por um espírita iram acusá-lo de estar advogando em causa própria, como o autor, ainda eu sutilmente, acusa o Dr. Hernani de Guimarães Andrade, sem se dar ao trabalho de analisar seu trabalho de pesquisa para poder avaliar se ele tem ou não consistência, se o protocolo científico utilizado foi coerente, etc. A crítica gratuita é a forma mais fácil de tentar derrubar um trabalho; pesquisar, conferir e buscar a verdade é tarefa para poucos.

O autor diz que “as fartas recordações, que contrariam a doutrina do esquecimento”, proposta pelos espíritas, demonstra “farta” falta de conhecimento da Doutrina. Kardec explicando casos de lembrança de existências passadas, a certa altura disse:

[...] Deus permite, de tempos em tempos, que isso [= lembrança retrospectiva] se apresente, a fim de levar os homens a tomar conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, única lei que lhe explica a origem de suas qualidades boas ou más, lhe mostra a justiça das misérias que ele sofre neste mundo, e lhe traça o caminho do futuro. (KARDEC, 1993c, p. 332). (grifo nosso).

[...] essa lembrança é mais ou menos precisa ou confusa, algumas vezes é nula, segundo a natureza do Espírito, e segundo o que a Providência julga a propósito de a apagar ou reavivá-la, como recompensa, punição ou instrução. [...] (KARDEC, 1993b, p. 223). (grifo nosso).

Infelizmente, mesmo Deus permitindo que pessoas tenham recordações de vidas passadas há os obstinados negadores que não querem ver.

O Espiritismo não é estacionário como a maioria das religiões tradicionais, ele é progressivo; portanto, se alguma pesquisa científica indicar um outro caminho, ele abandonará o caminho errado para abraçar o correto. É por isso que não tememos nenhum constrangimento em mudar nada, quando estiver cientificamente comprovando. As citadas pesquisas do Dr. Ian Stevenson se elas nos levar “a obrigatoriedade de modificar substancialmente os postulados”, faremos sem problema algum, aliás foi isso que o próprio Kardec recomendou:

Desde que o Espiritismo não se declara nem estacionário nem imutável, ele assimilará todas as verdades que forem demonstradas, de qualquer parte que venham, fosse da de seus antagonistas, e não permanecerá jamais atrás do progresso real. Ele assimilará essas verdades, dizemos nós, mas somente quando forem claramente demonstradas, e não porque agradaria alguém de dar por elas, ou seus desejos pessoais ou os produtos de sua imaginação. (KARDEC, 1993b, p. 9). (grifo nosso).

O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas*, e saídas do domínio da utopia, sem isto ele se suicidaria; cessando de ser o que ele é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. *O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais transbordado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está no erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.* (KARDEC, 1999, p. 278-279). (grifo nosso).

Adoramos o “de qualquer parte que venham, fosse da de seus antagonistas”, pode o autor apresentar alguma prova científica para que mudemos de ideia em alguma coisa?

Em relação à justificativa do autor de que o Dr. Hernani faz “exaltação reencarnativa” dizendo que “trata-se de extremado crente na multiplicidade de vidas” não seria mais ético que ele demonstrasse cientificamente que este pesquisador está completamente errado? É sempre mais fácil contestar, especialmente, quando o senso ético da pessoa não lhe obriga a provar o que diz. Por outro lado, se houvesse uma pesquisa produzida por quem não acreditasse na reencarnação que demonstrasse que não existe, poderíamos retribuir com os

mesmos argumentos?

PAULO NETO: Os que se apegam demais à negação, não se dão conta que, se naquele tempo não acreditassem que uma pessoa que havia vivido pudesse viver novamente num outro corpo, não haveria sentido nessa pergunta feita a João Batista, fato que comprova que, àquela época, se acreditava na reencarnação, um dos significados para a palavra ressurreição.

COMENTÁRIO: poderíamos “devolver” a declaração a Paulo Neto, ligeiramente modificada: os que se apegam demasiadamente à reencarnação não se dão conta de que estão apenas destacando pálidas aparências e transformando-as em ilações reencarnativas. Sugiro ao leitor que examine o texto de João 1:19-29, acima postado, onde se verifica facilmente que nenhum dos interlocutores pensava em reencarnação. Primeiramente, os sacerdotes indagaram de João: És tu o Cristo? E João negou; És Elias? Nova negativa; novamente questionam, És o profeta? (referindo-se ao que fora anunciado por Moisés). Pois João nega qualquer relação com aquelas figuras: não era o Cristo, nem Elias, nem o profeta, era a “voz que clama no deserto”, em alusão ao contido no livro de Isaías. João Batista estava consciente de sua missão de anunciar “o Cordeiro de Deus”.

Paulo Neto interpreta uma das negativas de João (“não sou Elias”) como sinal de “esquecimento” de vida pretérita! E as outras? Seriam sinal de quê? Os interrogadores de João não averiguavam se o profeta seria reencarnação de alguém, fosse assim perderiam o significado as outras duas perguntas. É imprescindível olhar o quadro por inteiro; focalizando apenas uma parte da tela podemos não compreender o que está sendo retratado.

Pelo que pudemos ver desse perfil do autor, será mesmo difícil aceitar alguma coisa além da sua crença:

Mini-guia: COMO DEBATER COM O MONTALVAO

1 - Saiba que para ele tudo (absolutamente tudo) que envolver mediunidade, reencarnação, regressão, EQM, etc. serão tratado como assunto PURAMENTE místico/religioso e sem nenhuma validade científica.;

2 - Saiba que todo e qualquer fenômeno (envolvendo o item 1) não tem e nem terá nenhuma validade comprobatória por mínima que seja;

3- Nas resposta, não saia minimamente do assunto (abaixo do mínimo se possível), pois se não, receberá como resposta uma lauda de resposta, sobre esse assunto que não é o foco da questão;

4- Se der raiva, ignore o comentário.

5- As vezes, ele tem razão. :-))))))

6- Inclusive ele prefere acreditar em coisas estatisticamente improváveis e, ou epistemologicamente quase nulas. Mas jamais, jamaisssssss, admite, nem mesmo como igualmente possível, a existência de vida após a morte enquanto uma explicação alternativa (p. ex., ele prefere acreditar em: Teorias da Conspiração; Talento infinitos de Chico Xavier, assim como dias com 72 horas de trabalho; médiuns que jogam no nível de um Grande mestre internacional de xadrez forjando estilos antigos de jogo etc.

7- Ele escreve muitíssimo bem em Português, no sentido de que não existem erros ortográficos perceptíveis em seu texto, mas sofre de seríssimos problemas hermenêuticos. (Exemplo: quando lê um trabalho científico não consegue ir ao cerne das questões do autor; Prefere procurar com extrema sofreguidão erros metodológicos imaginários ou não. Em contrapartida, ignora completamente as conclusões do autor, sobretudo, se estas admitem, mesmo que como hipótese, a vida após a morte.

8- Estuda o Espiritismo há muitos anos, mas não consegue nunca compreender (parecem barreiras emocionais mais do que cognitivas?) certas sutilezas filosóficos-éticas que, para um espírita são simples e tornam sua Doutrina mais racional, ética e científica. Não parece apenas estudar para aprender sobre estudos científicos acerca da vida após a morte, mas seus problemas hermenêuticos se tornam igualmente epistemológicos o fazendo

militar seriamente em todas as frentes possíveis (através de uma atitude puramente apriorística) contra quaisquer ideias místicas.

9. Se uma pesquisa concluir que a vida após a morte não é possível, mesmo que não seja uma pesquisa de verdade (por exemplo, um simples levantamento bibliográfico na internet); tal pesquisa se torna para ele, imediatamente válida e extremamente digna de consideração. Entretanto, se uma pesquisa apontar, mesmo como simples alternativa possível de trabalho, a vida após a morte como explicação possível, ele entra no modo operacional apresentado no itens 1 e 6. E exige durante esse processo critérios de cientificidade extremos e infinitos para que possa levar em consideração tais pesquisas que indicam a vida após a morte com possível. Ou seja, NUNCA Fica satisfeito.

10. Ênfase sua extrema educação, amizade, bom humor, paciência e capacidade de ensinar por vias negativas (talvez seja a pessoa que mais me ensinou sobre ceticismo em toda minha curta vida, por isso possuo para com ele uma dívida insolvente).

(fonte: https://groups.google.com/group/espiritismo-cientifico/browse_thread/thread/9492c5b38e729c81/cd391c8f016a161c?lnk=raot&hl=en&pli=1, acesso em 28.04.2011, às 09:51hs.)

Mantemos a assertiva de que se não acreditassem na reencarnação não teriam perguntado a João Batista se ele era Elias. Vamos provar mais à frente que os fariseus acreditavam que alguém podia voltar numa nova vida. Sabemos que o papel de negar cabe aos antirreencarnacionistas, porém, isso é bem fácil para eles, pois não apresentam nenhuma prova científica de que ela não existe, para, pelo menos, derrubar as evidências concretas que, indiscutivelmente, a apoiam.

Se o autor tanto se sustenta na Bíblia, pelo menos deveria ser coerente e aceitar a reencarnação de Elias como João Batista, porquanto, tal identificação partiu de Jesus e não de nós, os espíritas, que apenas tentamos analisar as passagens bíblicas, visando derrubar as refutações dos antirreencarnacionistas que sistematicamente negam que a reencarnação conste nela.

PAULO NETO: No Velho Testamento, temos um texto que nos mostra a existência de nossas vidas passadas, e que nós não nos lembramos delas: *"Somos de ontem, e nada sabemos"* (Jó 8,9). E é óbvio que esse ontem não se refere a um tempo anterior de 24 horas, mas a um passado remoto.

COMENTÁRIO: o insigne Neto só pode estar de brincadeira! Quer dizer que "somos de ontem" aponta reencarnação? E o "nada sabemos" indica esquecimento! Um raciocínio bem urdido! Pena que esboroa-se ao primeiro exame do texto. O lamentável hábito de Paulo da Silva Neto de citar somente a parte que lhe seja conveniente faz com que chegue a conclusões quase hilariantes. Analisemos o contido em Jó, capítulo 8. Basta recuar só um pouquinho, a partir da sentença exposta por Neto, a qual leu como notificação reencarnativa, para que o real significado do escrito se revele cristalinamente:

5 Mas, se tu com empenho buscares a Deus, e, ao Todo-Poderoso fizeres a tua súplica,

6 se fores puro e reto, certamente mesmo agora ele despertará por ti, e tornará segura a habitação da tua justiça.

7 Embora tenha sido pequeno o teu princípio, contudo o teu último estado aumentará grandemente.

8 Indaga, pois, eu te peço, da geração passada, e considera o que seus pais descobriram.

9 Porque nós somos de ontem, e nada sabemos, porquanto nossos dias sobre a terra, são uma sombra.

10 Não te ensinarão eles, e não te falarão, e do seu entendimento não proferirão palavras?

Bildade dizia que as certeza de Jó eram frágeis, visto que ele era de "ontem", ou seja, inexperiente e pouco sábio. Deveria considerar a sabedoria das gerações passadas, o que elas aprenderam e deixaram como herança para os que viessem a seguir. Seria como dissesse mais ou menos o seguinte: não atente somente ao que você sabe, nossa vida é curta e não permite que aprendamos o suficiente; leve em conta também a sabedoria dos antepassados, pois ele têm

muito a nos ensinar. Onde cabe a reencarnação nesse texto?

Estamos apenas usando de um trecho da Bíblia para justificar que a perda da lembrança é uma das possibilidades do espírito encarnado. Sim, pode até ser que esteja fora do contexto, mas quem disse que todas as frases que usamos têm essa característica? Elas são usadas porquanto representam o pensamento que estamos querendo colocar, como fazemos com muitos autores não bíblicos.

PAULO NETO: Se João Batista não for mesmo Elias, então os cristãos que assim acreditam deveriam mudar de religião, já que é exatamente por esse motivo, ou seja, falta de cumprimento das profecias, que, para os judeus, Jesus não é o Messias e, por conseguinte, o judaísmo é que deveria ser a religião própria para abrigá-los.

COMENTÁRIO: acreditamos que o perigo de Jesus não ser o Messias, bíblicamente falando, é inexistente. Também, não há dúvida de que João Batista era mesmo "o Elias que havia de vir". O que não se pode concordar é que fosse Elias reencarnado.

Bem disse Jesus: "*Quem tem ouvidos, ouça*" (Mt 11,15). É certo que não nos iludimos que um antirreencarnacionista irá admitir que João Batista seja Elias reencarnado. E voltamos à questão: Deus promete enviar Elias e não o envia, estranhamente manda um outro em seu lugar, isso coloca Jesus como um mentiroso, pois foi ele quem categoricamente afirmou: João é Elias. Haja sofismas para negar isso!

PAULO NETO: 3.1.5 – A alegação de que Elias seja João Batista não procede, tanto pelo contexto das Escrituras quanto pela pregação dele.

Quando o "Elias reencarnado" viu a Jesus, exclamou: "*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*". Para ele, que viria restaurar todas as coisas, é Jesus, e não nós através de sucessivas vidas, que pagamos o preço pelos nossos pecados. A revelação completa que hoje está na Bíblia confere com o que João Batista trouxe, hoje não precisamos mais oferecer cordeiros em expiação, Cristo, o Cordeiro de Deus, hoje, é a nossa páscoa (1Cor 5,7). Como os cordeiros do Velho Testamento expiavam os pecados?? Como eles deveriam ser?? Pedro responde em sua carta: "*Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo*" (1Pe 18,19).

Apesar de João Batista ter dito "*Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*" (Jo 1,29), o fato é que ele também disse que "*Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar...*" (Mt 3,11). Portanto, em se considerando que o próprio João disse que Jesus é mais poderoso que ele, não pode prevalecer sua opinião à de Jesus. Reputamos ao Mestre a autoridade suprema para a qual devem convergir nossas atenções e prioridades. Neste caso como ele identifica claramente e sem rodeios a identidade espiritual de João Batista, torna-se de importância secundária o que possa advir de seus discípulos, que venha a contradizer a qualquer de seus ensinamentos, uma vez que: "*O discípulo não está acima do seu mestre...*". Portanto, preferimos crer que a palavra final cabe a Jesus e não a Pedro, Paulo, João Batista ou a qualquer outro, no sentido de que João Batista ser mesmo Elias, tanto pelo contexto das escrituras quanto pela pregação dele a seus discípulos, para os quais ensinava claramente sobre os "*mistérios do Reino de Deus*". Os mesmos que, por fim, "*compreenderam que Jesus lhes tinha falado a respeito de João Batista*" (Mt 17,13).

COMENTÁRIO: o texto acima é apelativo do início ao fim. Ninguém contesta a autoridade de Jesus, como conhecedor maior das coisas celestiais, afinal ele foi o único que "subiu ao céu e de lá desceu" para dar testemunho das coisas que presenciou, conforme falou a Nicodemos. Tampouco, nenhum estudante da Bíblia poria em questão que João Batista era o Elias "que havia de vir". O que se rejeita, por insustentável, é a pretensão dos amigos espíritas em traduzir o ministério de João Batista como uma aventura reencarnacionista.

Há uma falácia clamorosa dentre as assertivas de Neto, acima vistas. Ele afiança que Jesus teria identificado claramente a “identidade espiritual” de João Batista. Estaria se referindo a suposição de que Elias reencarnara no Batista? Sendo assim, significaria que a identidade espiritual de João Batista é Elias. Seria isso mesmo? A concepção reencarnacionista kardecista, para se manter coerente, precisaria admitir ou a inexistência de identidade, ou identidade desconhecida para os espíritos. Mesmo que, por cortesia, acatássemos que Elias reencarnara em João Batista, aquele não poderia ser a identidade espiritual deste. Na ideologia espírita, os corpos são meramente invólucros que servem de uso para uma existência qualquer. A verdadeira identidade do espírito seria desconhecida.

Pensando reencarnacionistamente (e kardecistamente), um espírito poderia animar dezenas, ou mesmo centenas de corpos. Nenhum desses corpos seria “identidade”, sim personalidade. Identidade é aquilo que caracteriza um ente de modo a torná-lo distinto de qualquer outro. Considerando que espiritismo (erroneamente, a meu ver) postula que os corpos pouco ou nada significam, e que um mesmo espírito pode residir, ao longo de incontáveis existências, em incontáveis corpos, então, a característica identificativa estaria no espírito. Elias, João Batista e quaisquer outros seriam meras referências terrenas, não tendo valor em termos espirituais. Talvez, no além, descobrir-se-ia que o espírito de Elias e de João Batista se denominasse, digamos, A117PX876&.

Em realidade, o problema da identidade efetiva do espírito sequer é cogitado no kardecismo, porém deveria, pois se for esmiuçado revelará dificuldades para a doutrina palingenética.

Que Jesus foi o “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” não se pode negar, pois isso está declarado pelo anunciador do Reino. O que Neto alega é que esse “cordeiro” seria invenção de João Batista, portanto mereceria menos crédito que a pregação reencarnacionista que conseguiu visualizar nas palavras de Jesus.

Trata-se, sem dúvida, de raciocínio infundado. O próprio Jesus várias vezes referiu-se a si próprio como tendo sido dado em sacrifício pela redenção da humanidade. Aceitar ou rejeitar essa clara mensagem é critério de cada um. O que não vale é negar que a informação esteja ostensivamente revelada nos escritos neotestamentários. Vejamos exemplos.

Mateus 26:2:

Sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

Lucas 24:

4 E, estando elas perplexas a esse respeito, eis que lhes apareceram dois varões em vestes resplandecentes;

5 e ficando elas atemorizadas e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais entre os mortos aquele que vive?

6 Ele não está aqui, mas ressurgiu. Lembrai-vos de como vos falou, estando ainda na Galiléia.

7 dizendo: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressurgirá.

8 Lembraram-se, então, das suas palavras

Mateus 17:

22 Ora, achando-se eles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens;

23 e matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressurgirá. E eles se entristeceram grandemente.

Mateus 20:

17 Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e no caminho lhes disse:

18 Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas, e eles o condenarão à morte,

19 e o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem; e ao terceiro dia ressuscitará.

Mateus 26:

26 Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.

27 E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos;
28 pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados.

(...)

45 Então voltou para os discípulos e disse-lhes: Dormi agora e descansai. Eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.

46 Levantai-vos, vamo-nos; eis que é chegado aquele que me trai.

Lucas 22:

19 E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.

20 Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós.

João 6:

51 Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

52 Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a sua carne a comer?

53 Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.

54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

55 Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida.

56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

57 Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim.

58 Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.

59 Estas coisas falou Jesus quando ensinava na sinagoga em Cafarnaum.

A mensagem salvacionista de Jesus contraria a convicção espírita de atingimento da perfeição por meio de variadas idas e vindas do além para cá e daqui para lá. Daí o motivo de dedicarem pouca atenção a essa parte do discurso do Filho de Deus. Porém, gostando ou não, a mensagem está contida na Bíblia e foi proferida pelo próprio Cristo. Desse modo, podemos estar tranquilos quanto ao "cordeiro de Deus" apresentado por João Batista, pois a imagem harmoniza com o que Jesus diria de si mesmo após o Batista ter partido.

Não "tratamos o ministério de João Batista como uma aventura reencarnacionista", tratamos a pessoa de João como Elias reencarnado, porquanto, tudo quanto pode-se tirar dos textos bíblicos, sem fugir do contexto, é isso, por mais que os antirreencarnacionistas queiram negar, aliás, papel que assumem muito bem. Muitos porém negam a reencarnação para não abrir mão da salvação "de graça", não pensam em "pagar" nada para adquiri-la, com uma mudança completa de atitudes, pensamentos e ações, de forma que o "*amar ao próximo como a si mesmo*" seja uma constante em suas vidas.

Sinceramente não sabemos de onde ele tirou isso: "A concepção reencarnacionista kardecista, para se manter coerente, precisaria admitir ou a inexistência de identidade, ou identidade desconhecida para os espíritos". Se o espírito é o mesmo, como poderá inexistir identidade. É certo que não temos a preocupação de querer identificar quem foi quem, pois isso em nada nos interessa, o que interessa é que sendo o espírito o mesmo, no decorrer das reencarnações, ele vai progredindo até chegar à meta de todos nós que é estar junto a Deus. O espírito é certo que, quando encarnado, perde temporariamente a lembrança das outras reencarnações, porém, elas não são, vamos dizer, deletadas, permanecem arquivadas no inconsciente, conforme já o dissemos. É por isso que podemos explicar a genialidade precoce e o conhecimento de coisas que nesta vida não foram apreendidas, para exemplificar.

E, no caso de João Batista, quem identificou-o como sendo Elias vindo em cumprimento

da profecia de Malaquias foi Jesus, então o problema foi resolvido.

Quando no mundo espiritual, após deixar o corpo físico, o espírito lembrar-se-á de todas as reencarnações, mesmo que, em alguns casos, isso possa demorar algum tempo, aí analisando as características de sua individualidade sabe onde precisa melhorar, para se tornar um espírito perfeito. É certo que muitos não conseguem fazer isso sozinhos, entretanto, são ajudados pelos espíritos que lhes são superiores em conhecimento e moralidade, de forma que todos possam estar congregados num mesmo ideal que é estar junto a Deus, repetimos.

O fato de estar declarado não significa que é um acontecimento real, muitas coisas da Bíblia não podem ser tomadas ao pé da letra. Alguém morrer para pagar os pecados de outros é pura crença pagã, que já devia ter sido eliminada há muito tempo das crenças religiosas da atualidade.

Algumas alegações atribuídas a Jesus merecem mais reflexão. Os especialistas reunidos no Seminário de Jesus, asseguram que somente 18% do que atribuem como fala de Jesus, podem ser verdadeiras (SOUZA, 2011, p. 40).

E, parece-nos que têm razão, pois falar em comer sangue, para os judeus de sua época, seria uma coisa totalmente fora de propósito, pois a legislação mosaica, sob a qual viviam, condenava quem comia (ou bebia) sangue. Jesus, certamente, teria sido apedrejado se tivesse mesmo dito isso. Aí o contexto histórico é importante.

A salvação proposta por Jesus é aquela que se depreende do seu encontro com Zaqueu, que mencionamos mais atrás.

PAULO NETO: Quanto à questão de que “o sangue de Jesus lavou nossos pecados”, trata-se de mais uma opinião pessoal de autores bíblicos, contrária ao que Ele pregou. “A cada um segundo suas obras” (Mt 16,27), a parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) e a do juízo final (Mt 25,31-46), são passagens que asseguram que realmente nós mesmos é que nos salvamos.

COMENTÁRIO: conforme dissemos anteriormente: aceitar ou rejeitar o claro recado bíblico a respeito de Jesus é opção de cada um. O que não vale é tentar descaracterizar o conteúdo bíblico sem apresentar argumentação condizente com a grandeza da empreitada. Paulo Neto diz: Jesus falou: “a cada um segundo suas obras”, isso para ele significa que a lavagem dos pecados pelo sangue de Jesus perde o sentido! Será mesmo?

Ainda não conseguimos nos acostumar com a atitude contumaz de Paulo Neto de citar somente as partes que lhe são convenientes dos textos bíblicos. Leiamos mais amplamente o conteúdo de Mateus 16.

24 Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me;

25 pois, quem quiser salvar a sua vida por amor de mim perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.

26 Pois que aproveita ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? ou que dará o homem em troca da sua vida?

27 Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então retribuirá a cada um segundo as suas obras.

O discurso é “pesado”: Jesus assevera que a salvação depende da adesão não somente ao seu discurso, mas a ele próprio como salvador. “A cada um segundo suas obras” é o fecho da admoestação, não o cerne, conforme quis fazer parecer Paulo Neto. A retribuição conforme a obra de cada um refere-se a acontecimento que se daria após o ministério terreno de Cristo, quando ele, conforme garantiu, voltará em glória celestial. Evento que até hoje não aconteceu.

A pregação do autor parece-nos meio incoerente, pois, se ele diz que “aceitar ou rejeitar o claro recado bíblico a respeito de Jesus é opção de cada um”, então, por que insiste que as pessoas pensem igual a ele ou que interpretem as passagens bíblicas tal qual ele faz?

Tentou se explicar em Mt 16,27, mas se esqueceu que o teor dessa passagem é o mesmo de todas estas: Lv 24,19-20; 1Sm 2,3; Jó 4,8; 34,11; Sl 28,4; 62,12-13; Pv 24,12; Eclo 11,26; 16,13-15; Jr 17,10; 32,19; Lm 3,64; Ez 24,14; 33,20; Mt 16,5; Jo 5,14; 8,34; Ap 2,23; 20,12-13, cujos textos já mencionamos mais atrás.

Dentre as que citamos no texto, que foi refutado pelo autor, há uma passagem cujo sentido é exatamente o que consta de Mt 16,27:

Mt 25,31-36: "Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono glorioso. Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar'. Então os justos lhe perguntarão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?' Então o Rei lhes responderá: 'Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram.' Depois o Rei dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Afastem-se de mim, malditos. Vão para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque eu estava com fome, e vocês não me deram de comer; eu estava com sede, e não me deram de beber; eu era estrangeiro, e vocês não me receberam em casa; eu estava sem roupa, e não me vestiram; eu estava doente e na prisão, e vocês não me foram visitar'. Também estes responderão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome, ou com sede, como estrangeiro, ou sem roupa, doente ou preso, e não te servimos?' Então o Rei responderá a esses: 'Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês não fizeram isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeram'. Portanto, estes irão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna".

Não há margem a interpretações que fogem do critério de julgamento que será exatamente as obras, ou seja, as ações praticadas a favor do próximo, nem a custa de muito sofisma mudar-se-á isso.

Não estranhamos o exercício exegético que emprega para fugir da realidade, e ainda vem dizer-nos que nós atropelamos o contexto, quando ele faz mais, utilizando-se de sofismas para negar o que é inegável, caso se use de uma coerente interpretação de texto. Os argumentos que aqui empreende, pode talvez, convencer à quem não tem capacidade de interpretar um texto tão simples, provavelmente somente os iletrados não conseguiriam fazê-lo. No fundo, senão estivermos errados em nossa percepção, parece-nos menosprezar as pessoas, achando-se o único capaz de fazer isso, tal e qual os já mencionados autores Norman Geisler e Thomas Howe.

Sim, a "lavagem dos pecados pelo sangue de Jesus" não tem sentido algum, pois, conforme já dissemos várias vezes, isso é produto de um "puro" plágio de culto pagão. Além disso, as coisas "sujas" lavamos com água e não com sangue. Se as atitudes das pessoas em fazer o bem umas às outras não for o critério de salvação, então prepare-se para encontrar divertindo-se no "céu" os maiores criminosos da humanidade.

Em rituais de magia negra o sangue da vítima tem algum valor, assim como nos terreiros que se utilizam de "despachos", não devemos igualar o que aconteceu com Jesus com essa prática.

A passagem proposta para análise é tão clara quanto à questão de serem as atitudes que salvam, que nos causa espécie ver tamanho disparate em termos de interpretação como a proposta pelo autor.

"Negue a si mesmo", é a recomendação para sermos altruístas, deixando de lado o nosso egoísmo, que faz com que só pensemos em nossa própria salvação, que os outros se danem.

"Tome sua cruz", seja paciente com as dificuldades da vida, elas só aparecem para que você possa desenvolver tanto a inteligência quanto seus valores morais, pois a intenção de Deus é que caminhemos no bem.

E ao finalizar, dizendo qual será o critério de salvação não deixa margem à salvação “de graça”; mas aquela que é produto de nossas obras, ou seja, de nossas ações. É o desfecho e o mais importante do passo: “quem não quiser ver, não veja”. Além disso, é o que se pode também concluir da parábola do juízo final e da do bom samaritano, que mencionamos em nosso texto contestado pelo autor.

PAULO NETO: Os discípulos apenas transferiam a Jesus o papel da vítima do holocausto das práticas ritualísticas dos judeus, quando se matava um novilho, sem defeito, para a expiação dos pecados do povo.

COMENTÁRIO: se os discípulos apenas “transferiram” a Jesus o papel de vítima... vítima de quê mesmo? “Vítima do holocausto das práticas ritualísticas do judeus”! Nossa Senhora! Se for assim, o próprio Jesus assumiu esse papel, pois boa parte de seus sermões fazia menção ao seu sacrifício vindicativo.

Até o momento pensávamos que o autor fosse um evangélico, porém, ao usar da expressão “Nossa Senhora”, própria de católicos, nos deixou totalmente confuso.

Seria interessante retomar do nosso texto “O que efetivamente nos salva?” o seguinte trecho:

Parece-nos que os evangélicos tomam de João e de Paulo a sua crença sobre a salvação, por isso achamos oportuno trazer ao nosso estudo as considerações que a nossa amiga Lúcia Souza, ex-evangélica, fez a respeito da “salvação pela fé” a um evangélico:

A doutrina teológica central das igrejas evangélicas ensina a salvação pela fé através da graça, por acreditar que Jesus morreu na cruz por nossos pecados. Entretanto, esta forma de salvação NÃO é ensinada em Mateus, Marcos e Lucas (Evangelhos Sinóticos), que são os Evangelhos mais antigos, embora se tratem de cópias de cópias, conforme já falamos. O Evangelho de Marcos é considerado o mais antigo, seguido pelo de Mateus e Lucas, e então pelo de João (escrito cerca de 90 anos d.C.). A doutrina da salvação pela fé e redenção vem do livro de João, o último Evangelho a ser escrito. Nos Evangelhos Sinóticos, NÃO HÁ UMA ÚNICA PALAVRA sobre ter que acreditar em Jesus a fim de ir para o céu. Com exceção de Marcos 16:16, que é considerado pela maioria dos estudiosos bíblicos como uma interpolação, ou uma falsificação, considerando que muitos dos primeiros manuscritos do Evangelho de Marcos não contêm este versículo, Marcos nunca escreveu nada sobre ter que acreditar que Jesus morreu por você ou sobre “salvação pela fé”. Os Evangelhos Sinóticos começaram a ser escritos por volta de 50 anos depois de Cristo. Se “ter que crer em Jesus para ser salvo” fosse a doutrina máxima do Cristianismo daquele tempo, por que é que Mateus, Marcos e Lucas não falam nada a respeito disso? Teriam omitido algo tão importante?

De fato, Jesus disse que tudo o que você tem que fazer para Deus perdoar os seus pecados é isto:

Mateus 6:14 "Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará".

Quando alguém pergunta a Jesus diretamente o que ele tinha que fazer para ser salvo e ter a vida eterna, Mateus claramente registra uma salvação pelas obras:

Mateus 19:16-21 "E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom, só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. E ele lhe respondeu: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; o que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me".

Ainda em Mateus, Jesus pregou sobre as bem-aventuranças que enfatizam

que aqueles que têm bom caráter e boas atitudes herdarão o Reino de Deus, que é uma outra maneira de dizer que eles irão para o céu.

Mateus 5:3 *"Bem - aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus".*

Mateus 5:4 *"Bem - aventurados os que choram, porque serão consolados".*

Mateus 5:5 *"Bem - aventurados os mansos, porque herdarão a terra".*

Mateus 5:6 *"Bem - aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos".*

Mateus 5:7 *"Bem - aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia".*

Mateus 5:8 *"Bem - aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus".*

Mateus 5:9 *"Bem - aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus".*

Já no Evangelho de João, que foi escrito mais ou menos 40 anos depois do Evangelho de Mateus, nós temos versículos tais como:

João 3:16 *"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".*

João 3:18 *"Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus".*

João 3:36 *"Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus".*

João 8:24 *"Por isso eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque se não credes que eu sou morrereis nos vossos pecados".*

João 11:25 *"Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá".*

Agora dê uma olhada no livro de Marcos. Ele também não menciona que você tem que acreditar em Jesus para ser salvo, exceto por um versículo no último capítulo de Marcos:

Marcos 16:16 *"Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado".*

Entretanto, repito, a maioria dos estudiosos acredita que este versículo é uma interpolação, ou uma falsificação, considerando que muitos dos primeiros manuscritos do Evangelho de Marcos não contêm este versículo, e além disso ele não se encaixa com todo o resto de Marcos que não ensina a "salvação pela fé". Tirando a parte da interpolação, Marcos nunca escreveu nada sobre ter que acreditar que Jesus morreu por você, sobre salvação pela fé ou sobre o conceito de redenção. Do mesmo modo, o Evangelho de Lucas é também como o Evangelho de Mateus e de Marcos e não menciona crença na "salvação pela fé".

É claro que os evangélicos responderão dizendo que temos que colocar todos os Evangelhos juntos para se obter a história completa. Porém, os Evangelhos Sinóticos começaram a ser escritos só por volta de 50 anos depois de Cristo, portanto, se a doutrina da salvação pela fé fosse ponto central da pregação de Jesus, não era de se esperar que tanto Mateus quanto Marcos e Lucas escrevessem sobre isto de maneira muito clara em seus evangelhos? Por que ela não é mencionada de modo algum nos três primeiros Evangelhos? A razão lógica nos diz que eles nunca ouviram tal coisa e nem apoiavam tal ideia, porque ela só se desenvolveu mais tarde quando os primeiros líderes cristãos decidiram adicionar tal doutrina, no então Evangelho de João.

O Evangelho de João foi o resultado do desenvolvimento da teologia da igreja daquele tempo. É neste livro que encontramos os versículos sobre salvação pela fé, sobre nascer de novo, sobre redenção, e sobre ter que acreditar que Jesus morreu por nossos pecados. Em muitas de suas páginas, você encontrará Jesus dizendo algo sobre ter que acreditar nele. Quando os evangélicos citam versículos do Evangelho sobre ser salvo, eles sempre se referem a João. Não é de se surpreender que para muitos evangélicos o Evangelho de João é o

favorito. Todos os versículos mencionados sobre ter fé e acreditar em Jesus são do Evangelho de João. Mas é muito estranho que apenas no último Evangelho a ser escrito, que surgiu cerca de 90 anos d.C., seja o único a falar sobre "termos que acreditar em Jesus" para sermos salvos, isso ninguém pode negar.

A Teologia da Salvação se desenvolveu no meio da Igreja enquanto os livros e cartas do Novo Testamento ainda estavam sendo escritos. Repare que, de acordo com Marcos, Cristo era um homem; mas, de acordo com Mateus e Lucas ele era um semideus; enquanto João insiste que ele era o próprio Deus. É interessante notar que Lucas, em seu Evangelho, por não ter conhecido Jesus pessoalmente, fez uma acurada investigação colhendo relatos das testemunhas oculares, e escreveu então a Teófilo um relato em ordem sobre tudo o que se passou. Dos Evangelhos Sinóticos, o de Lucas é o que foi escrito de maneira mais organizada. Ele fez o que um repórter faria hoje em dia. Entrevistou as testemunhas oculares que presenciaram tudo o que aconteceu na morte e ressurreição de Jesus e que também relataram tudo o que o Mestre ensinou. E o interessante é que no relato das testemunhas oculares, NÃO HÁ NADA sobre "ter que acreditar em Jesus" para ser salvo. Isto não é estranho?

Porém, em Atos dos Apóstolos, Lucas passa a falar sobre "salvação pela fé" e não é muito difícil adivinhar o porquê disso - ele era companheiro e colaborador do apóstolo Paulo, aquele cuja ênfase da pregação é a "salvação pela fé". É óbvio que quando Lucas escreveu Atos dos Apóstolos, ele já estava sob forte influência das ideias paulinas. A ênfase da pregação de Paulo está na salvação pela graça, pela fé e não pelas obras, como vemos em:

Efésios 2:8-9 "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie".

Entretanto, Paulo jamais se encontrou com Jesus (pelo menos não fisicamente)! Ele também nunca escreveu nada sobre o que Jesus disse. E considerando que ele nunca esteve com o Cristo histórico, ele obviamente não sabia e nem era qualificado para nos contar o que o Cristo histórico tinha ensinado quando esteve na Terra.

Em compensação Tiago, que segundo a Bíblia Anotada por Scofield (Protestante), era irmão de Jesus (Mt. 13:55; Mc. 6:3; Gl. 1:18-19 "*Decorridos três anos, então subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas, e permaneci com ele 15 dias; e não vi outro dos apóstolos, senão a Tiago, o irmão do Senhor*"), e foi o chefe da primeira igreja cristã em Jerusalém, além de ter sido irmão de sangue de Jesus e ter convivido com o Mestre, é conhecido como o apóstolo das obras, pois a ênfase de sua carta está nas boas obras:

Tiago 2:14 "Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode acaso semelhante fé salvá-lo?"

Tiago 2:17 "Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta".

Aqui há, claramente, duas doutrinas opostas em jogo... qual devemos seguir? A que nos é ensinada nos Evangelhos Sinóticos e por Tiago; ou a que está no Evangelho de João, último Evangelho a ser escrito (cerca de 90 anos d.C.) e os ensinamentos de Paulo que não conviveu e nem conheceu o Jesus histórico? Este é um questionamento justo, não acha?" (SOUZA, L. S. S. P. http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_Salvacao_pela_fe_ou_pel_as_obras.pdf)

Antes de encerrar, não podemos deixar de falar sobre os rituais de sacrifícios ou rituais de expiação pelo pecado. A maioria das pessoas nem tem ideia do que se fazia na época de Moisés, quando foram, supostamente, instituídos por Deus. Dizemos supostamente porque o profeta Jeremias afirmou que: "[quando] os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios". (Jr 7,21-22).

Lv 1,1-9: "Iahweh chamou Moisés e da Tenda de Reunião falou-lhe, dizendo: 'Fala aos israelitas; tu lhes dirás: Quando um de vós apresentar uma oferenda a Iahweh, podereis fazer essa oferenda com animal grande ou pequeno. Se a sua oferenda consistir em holocausto de animal grande, oferecerá um macho sem defeito; oferecê-lo-á à entrada da Tenda da Reunião, para que seja aceito perante Iahweh. Porá a mão sobre a cabeça da vítima e esta será aceita para que se faça por ele o rito de

expição. Em seguida imolará o novilho diante de Iahweh, e os filhos de Aarão, os sacerdotes, oferecerão o sangue. Eles o derramarão por todos os lados, sobre o altar, que se encontra à entrada da Tenda da Reunião. Em seguida esfolará a vítima e a dividirá em quartos, e os filhos de Aarão, os sacerdotes, porão fogo sobre o altar e colocarão a lenha em ordem sobre o fogo. Depois os filhos de Aarão, os sacerdotes, colocarão os quartos, a cabeça e a gordura em cima da lenha que está sobre o fogo do altar. O homem levará com água as entranhas e as patas, e o sacerdote queimará tudo sobre o altar. Este holocausto será uma oferenda queimada de agradável odor a Iahweh". (Bíblia de Jerusalém) (a mesma coisa está em Lv 1,10-13, para ofertas de gado miúdo e em Lv 1,14-17, para a de aves).

Ficamos a imaginar que "belo" quadro nós podemos "pintar" com as determinações acima: sangue dos animais para tudo quanto é lado, mais parecendo com um ritual de magia negra. (Cruz!). Não podemos deixar de classificar esses rituais como próprios de religiões primitivas, nas quais achavam que os deuses aceitavam o sangue e a vida dos animais – algumas até de seres humanos –, como forma de perdoar seus "pecados".

O ritual de expiação, segundo os tradutores da Bíblia de Jerusalém:

A Expição é o sacrifício pelo qual o homem que ofendeu a Deus, transgredindo a aliança, pode voltar à graça. O animal oferecido em sacrifício (*kipper*) foi interpretado como resgate (*koper*; cf. Ex 30,12). Nos sacrifícios de expiação, os ritos de sangue desempenhavam papel primordial (17,11; cf. 4,1+; 4,12+). Conhecida pelos assírio-babilônicos e pelos cananeus, a expiação ligou-se aos fundamentos da Lei israelita. [...] (Bíblia de Jerusalém, p. 162). (grifo nosso).

É, sem dúvida alguma, plágio dos rituais de outros povos, portanto, pagãos.

Ao quererem transferir tal barbaridade à pessoa de Cristo, é onde reside o grande problema das religiões tradicionais, pois pensam que com um ritual totalmente pagão Deus irá "apagar" os pecados da humanidade. Da forma que vemos, são até incoerentes, por que para o sacrifício de Cristo na cruz ser algo desse tipo, faltou:

- a) *"Porá a mão sobre a cabeça da vítima e esta será aceita";*
- b) *"oferecerão o sangue. Eles o derramarão por todos os lados, sobre o altar";*
- c) *"Em seguida esfolará a vítima e a dividirá em quartos";*
- d) *" o sacerdote queimará tudo sobre o altar" para que fosse "de agradável odor a Iahweh".*

Tudo isso estritamente dentro das normas do ritual de expiação, mencionadas no passo acima citado (Lv 1,1-10).

Ademais, como sempre vimos dizendo, os rituais eram feitos para pecados já cometidos, nunca para pecados futuros, daí precisamos arrumar um segundo Cristo, para ser sacrificado pelos pecados cometidos após a morte do primeiro Cristo; procedimento que teria que ser feito, novamente, com um terceiro Cristo, quarto, quinto,...

E, talvez, o que vemos de maior importância, pois trata-se do valor dos sacrifícios. Considerando que *"não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios"* (Jr 7,22) e *"aprendei o que significa misericórdia quero, e não sacrifícios"* (Os 6,6; Mt 9,13; 12,7), como atribuir algum valor expiatório aos sacrifícios, incluindo, aí, o que atribuem a Jesus?

E, finalizando, colocaremos essa frase de Jesus:

"Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é

quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai". (Jo 14,10-12).

Veja bem: as obras que Jesus faz não vem dele, mas do Pai, e ele afirma que podemos fazer essas mesmas obras e até maiores; nos dá a certeza que as obras que fazemos serão para cumprir a vontade de Deus. Mas, quais são as obras de Jesus? No tempo que passou junto de nós, curou enfermos, deu vista a cegos, curou paralíticos, libertou pessoas de espíritos maus, enfim, somente obras de amor, o amor operante de que já falamos por várias vezes.

O cerne dos sermões de Jesus é a busca da moralização do ser, nada de morrer e estão salvos. Qual foi o mandamento que nos recomendou seguir: *"amar ao próximo como a si mesmo"*, que resume toda a lei moral que devemos praticar, e repetimos, fora disso não há salvação.

PAULO NETO: Diremos como Paulo de Tarso: *"se Jesus morreu pelos nossos pecados: comamos e bebamos"*, pois já estamos salvos.

COMENTÁRIO: outra citação descontextualizada. Paulo jamais disse tal coisa! Não no sentido que Neto tenha lhe impingir. Mais uma vez, temos que apresentar o texto um pouco mais ampliado, a fim de melhor compreendê-lo. Lamentavelmente, estamos sendo levados à conclusão de que as referências bíblicas curtas, curtíssimas, que Neto apresenta têm objetivo definido: afastar o leitor da correta compreensão da mensagem. Infelizmente.

O trecho referido por Neto (se não for outro, que não localizamos) está contido em I Coríntios 15, e contém sério erro de transcrição, que distorce completamente o conteúdo da mensagem. Paulo jamais prolatou que, devido à morte redentora de Jesus, estaríamos livres para cair na gandaia. O que o apóstolo afirmou foi que, se não houver ressurreição então temos mais é que aproveitar esta vida, porque da outra nada se pode esperar. Confirmam no escrito a seguir:

I Coríntios 15:

31 Eu vos declaro, irmãos, pela glória que de vós tenho em Cristo Jesus nosso Senhor, que morro todos os dias.

32 Se, como homem, combati em Éfeso com as feras, que me aproveita isso? Se os mortos não são ressuscitados, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.

33 Não vos enganéis. As más companhias corrompem os bons costumes.

Usa como escudo a tal de *"citação descontextualizada"*. A nossa linha de raciocínio é clara demais: se Jesus morreu para pagar pelos nossos pecados, então, tudo podemos fazer o que quisermos, até cometermos os mais hediondos crimes, pois já estamos salvos. É essa a linha de pensamento que os da salvação *"de graça"* não conseguem entender. Mas como abrir não de salvar-se sem ter que fazer absolutamente nada, isso não é mais *"cativante"* do que a reencarnação?

PAULO NETO: Entretanto, essa absurda ideia contém uma contradição, uma vez que, pelo costume da época, os pecados perdoados eram os anteriormente cometidos em relação ao momento do ritual. Não havia, portanto, nenhuma relação para com os pecados futuros. Podemos confirmar isso em *"... Sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; ..."* (Hb 9,15)

COMENTÁRIO: chega a ser cansativo termos que repetir, vezes sem conta, que Paulo Neto seleciona exclusivamente o que lhe apetece, dando pleno desprezo ao contexto dos escritos bíblicos. Assim pode distorcer à vontade o sentido dos textos e chegar nas interpretações que almeja. Só que tal atitude significa um desserviço aos leitores, que pensam estar diante de boa exegese quando, em realidade, são supridos com sofismas. Mais uma vez, leiamos um trecho maior do livro de Hebreus.

HEBREUS 9

1 Ora, também o primeiro pacto tinha ordenanças de serviço sagrado, e um santuário terrestre.

2 Pois foi preparada uma tenda, a primeira, na qual estavam o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição; a essa se chama o santo lugar;

3 mas depois do segundo véu estava a tenda que se chama o santo dos santos,

4 que tinha o incensário de ouro, e a arca do pacto, toda coberta de ouro em redor; na qual estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha brotado, e as tábuas do pacto;

5 e sobre a arca os querubins da glória, que cobriam o propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente.

6 Ora, estando estas coisas assim preparadas, entram continuamente na primeira tenda os sacerdotes, celebrando os serviços sagrados;

7 mas na segunda só o sumo sacerdote, uma vez por ano, não sem sangue, o qual ele oferece por si mesmo e pelos erros do povo;

8 dando o Espírito Santo a entender com isso, que o caminho do santuário não está descoberto, enquanto subsiste a primeira tenda,

9 que é uma parábola para o tempo presente, conforme a qual se oferecem tanto dons como sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que presta o culto;

10 sendo somente, no tocante a comidas, e bebidas, e várias abluções, umas ordenanças da carne, impostas até um tempo de reforma.

11 Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens já realizados, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo (não feito por mãos, isto é, não desta criação),

12 e não pelo sangue de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no santo lugar, havendo obtido uma eterna redenção.

13 Porque, se a aspersion do sangue de bodes e de touros, e das cinzas duma novilha santifica os contaminados, quanto à purificação da carne,

14 quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?

15 E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna.

16 Pois onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador.

17 Porque um testamento não tem torça senão pela morte, visto que nunca tem valor enquanto o testador vive.

18 Pelo que nem o primeiro pacto foi consagrado sem sangue;

19 porque, havendo Moisés anunciado a todo o povo todos os mandamentos segundo a lei, tomou o sangue dos novilhos e dos bodes, com água, lã purpúrea e hissopo e aspergiu tanto o próprio livro como todo o povo,

20 dizendo: este é o sangue do pacto que Deus ordenou para vós.

21 Semelhantemente aspergiu com sangue também o tabernáculo e todos os vasos do serviço sagrado.

22 E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.

23 Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que estão no céu fossem purificadas com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes.

24 Pois Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus;

25 nem também para se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote de ano em ano entra no santo lugar com sangue alheio;

26 doutra forma, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.

27 E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois o juízo,

28 assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.

Pois bem, na interpretação que apresenta Paulo Neto mostra-se terrivelmente confuso. Mistura as dispensações do Antigo Testamento, que, segundo o escrito, eram uma “parábola para o tempo presente”, com a revelação do Novo Pacto. O relato de Hebreus é bastante objetivo e esclarecedor: os sacrifícios do Velho Testamento eram figuras do que havia de vir, por isso eram repetidos periodicamente. Entretanto, Cristo, sendo o cumprimento daquilo para o qual apontava os holocaustos de animais, ofereceu-se de uma única vez, para aniquilar o pecado.

Se o autor acha ser cansativo ficar repetindo as mesmas coisas, imagine nós, que nem ao menos tínhamos intenção de contra-argumentar nada e temos que ficar lendo sofismas em cima de sofismas e ouvindo que somos nós que fazemos isso.

Volta a insistir na velha tecla de que Jesus morreu para pagar os nossos pecados, mas não admite que tenha pago somente os pecados já cometidos, o que o próprio texto citado confirma. Acredita piamente que houve pagamento de pecados futuros, aqueles ainda não cometidos. Haja coerência! Até onde sabemos, o perdão, por exemplo, somente faz sentido as ofensas cometidas.

E quanto ao texto a questão de que Jesus morreu “*para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto*” (Hb 9,15) é clara, pois é o próprio teor do texto, pode até ser para suprir os sacrifícios de animais, o que não faz a mínima diferença, o fato é que sua morte foi para pagar pelos pecados cometidos durante o primeiro pacto, negar isso é sofismar demais e não se ater ao contexto.

PAULO NETO: Por conseguinte, a crer nessa expiação dos pecados por Jesus, haveremos de arrumar outro Cristo para pagar pelos nossos, tomando-se como ponto de partida os ocorridos da sua morte até os dias de hoje. Outra opção é, quem sabe, ficar aguardando a vinda de um próximo “cordeiro”? E como fica o “não peques mais”? (Jo 5,14; 8,11).

COMENTÁRIO: se Paulo Neto houvera lido o texto em Hebreus por inteiro, provavelmente não diria o que disse, pois ali se informa taxativamente: “uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.”

Nas culturas pagãs sempre aparecia um salvador que se imolava visando pagar os pecados da humanidade, tal e qual querem fazer com o Cristo. Seus ensinamentos, seu exemplo de vida, sua resignação diante dos acontecimentos, tudo isso não representa absolutamente nada, somente tem valor seu sangue derramado na cruz, que nem mesmo ele se ofereceu para isso, uma vez que sua morte foi por questões políticas, incentivada, obviamente, pela liderança religiosa da época que o detestava.

Nos rituais em que se oferece sangue de animais a um espírito, para que ele pratique determinada ação malfazeja o sangue tem algum valor, transferir tal coisa a Jesus é que não tem cabimento.

Quanto à questão do “salvador do mundo”, vejamos que Joseph Campbell, diz sobre isso:

III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

É impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o Buda. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], a cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. E a vida, a essa altura, tinha-se tornado mitologia-segundo um padrão característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.

Em resumo, essa biografia arquetípica do Salvador fala de:

1. o descendente de uma família real
 2. nascido milagrosamente
 3. em meio a fenômenos sobrenaturais
 4. sobre quem um santo ancião (Simão = Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e
 5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.
- Na sequência indiana, o herói do mundo:
6. casa-se e gera um herdeiro
 7. desperta para sua missão
 8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)
 9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta
 10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual
 11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o orgulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz à luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6 a 8. Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto onde se deu o confronto com Satã. Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa e a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos — sejam eles maléficos rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) — que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)
13. torna-se um pregador errante
14. prega a doutrina da salvação
15. a um séquito de discípulos e
16. a uma pequena elite de iniciados.
17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda)¹⁷, recebe o comando e se torna o modelo da comunidade leiga, enquanto
18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), está empenhado na morte do Mestre.

Em várias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos temas comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina. Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela dera à luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Igualmente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda cristã transfere a Árvore da Redenção para o estágio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é — como no antigo sacrifício Soma — a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*mokṣa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o indivíduo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato e historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C.,

mas se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação.

17. Mateus 16:23; *Mahāparinibbana-Sūta* 61.

(CAMPBELL, 1995, p. 203-205). (grifo nosso).

Se a verdade for algo que se procura, então, temos aí uma informação que deve ser levada em consideração.

PAULO NETO: 3.1.6 – João não era Elias, mas “o” Elias, ou seja, alguém com as qualidades de Elias.

Ainda em nossos dias usamos esse estilo de expressão: "Nunca mais surgirá um Rui Barbosa". "O Ronaldinho é um verdadeiro Pelé". São termos comparativos. [Se acreditais na vinda de um Elias], "e, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que havia de vir" (Mt 11.14).

Por suas mensagens vibrantes e seu corajoso desempenho diante de situações difíceis, Elias tornou-se símbolo dos profetas. Moisés, por exemplo, era símbolo da Lei (Lc 16.31). As profecias sobre a vinda de Elias não se contradizem. Muito pelo contrário. Vejam: Malaquias 4.5: "Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterei o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição". Lucas 1.15-17: "Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto". Logo, as profecias da vinda de Elias se cumpriram em João Batista. Portanto, Elias veio na pessoa de João Batista. É esta a real interpretação de Mateus 11.14 e 17.10-13.

Os que assim argumentam se esquecem de mencionar que a frase "nunca mais surgirá um Rui Barbosa" não é sinônima de "nunca mais surgirá o Rui Barbosa", da mesma forma que correto é "Ronaldinho é um verdadeiro Pelé" e não "Ronaldinho é o verdadeiro Pelé". Por este motivo não consideramos que seja de uma boa lógica concluir que a expressão "ele é o Elias", seja o mesmo que dizer "ele é um Elias". Basta, para isso, observar atentamente como Jesus se expressa, de modo a não deixar sobre isso a menor sombra de dúvida:

É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti' (Mt 11,10).

Mas eu digo a vocês Elias já veio, e eles não o reconheceram. (Mt 17,12).

COMENTÁRIO: pode ser que a argumentação contrarreencarnacionista que Neto comenta não tenha sido a mais feliz, porém a ideia seria mais ou menos essa: João Batista representa o cumprimento da promessa de envio de Elias, a fim de "preparar os caminhos do Senhor". Não cabe aí a suposição reencarnacionista, dentre outras razões, porque nenhuma das referências ao Batista como sendo Elias possui indicativo reencarnacionista. Jesus dizia: as escrituras dizem que Elias virá preparar os caminhos do Messias; pois eu digo, Elias já veio: o ministério de João Batista atendeu aos requisitos proféticos. Visto que Jesus atesta ser o Batista a concretização profética do vaticinado por Malaquias, os respeitáveis espíritas veem aí uma brecha para lançar, de pára-quebras, a reencarnação. Só que o pára-quebras não abriu...

Até palavras que Jesus não disse, o autor coloca em sua boca; "pois eu digo, Elias já veio: o ministério de João Batista atendeu aos requisitos proféticos". E os antirreencarnacionistas lançam de "paraquebras" o tal de "ministério" para fugir à realidade de que, conforme Jesus afirmou, João é Elias, e para isso acontecer somente o primeiro sendo o último em nova encarnação. Fugir disso só a custa de muito sofisma, porém, nem assim conseguem seu objetivo, quando encontra pessoas que têm capacidade de pensar e raciocinar por si mesmas. As coisas são claras: Malaquias prevê que Elias ia voltar, Jesus confirma que João Batista é Elias. Como o fanatismo cega as pessoas! E o pior é que além disso se acham de posse da verdade.

PAULO NETO: E não adianta se apegar demais a esse pormenor, tendo em vista que a expressão “é o Elias” não consta de todas as traduções bíblicas como, por exemplo: Bíblia Pastoral - Paulus, Bíblia Anotada – Mundo Cristão e Escrituras Sagradas – Novo Mundo. Por outro lado, colocar Elias como corajoso é no mínimo falta de conhecimento bíblico, pois após ele degolar os profetas de Baal, foge, como se diz popularmente, com “o rabo entre as pernas”, de Jezabel, mulher de Acab, sétimo rei de Israel (875-853), que promete matá-lo por conta disso (1Rs 19,1-3).

COMENTÁRIO: Elias foi efetivamente um profeta de coragem, contudo conforme disse Tiago “era homem sujeito às mesmas paixões que nós”; portanto, podia fraquejar em algumas ocasiões. A fuga nem sempre é sinônimo de covardia, pode significar prudência. O ódio de Jezabel contra o profeta era patente e ela estava disposta a concretizar a ameaça. Elias achou por bem “não pagar para ver”, optou por uma retirada estratégica.

Concordamos plenamente que nem sempre a fuga é sinal de covardia, porém, no caso de Elias que estava provando que a divindade na qual acreditava era maior do que a dos profetas de Baal, sua fuga diante da ameaça de ser morto é pura covardia, sim, pois um pouco mais tarde mandou que um raio queimasse os soldados do rei Ocozias, isso por três vezes, sendo “fulminados” nessa história cento e cinquenta deles (ou duzentos??); mas isso não é relevante ao nosso tema, foi colocado como uma curiosidade.

PAULO NETO: 3.2 – Objeções Genéricas

3.2.1 - Os judeus não criam em reencarnação, e sim na ressurreição dos mortos (Mc 6,14-16 e Lc 9,7-8).

Será que é isso mesmo a verdade? Analisemos para constatar. Tomemos as passagens citadas:

1ª) “O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome tinha-se tornado famoso. Alguns diziam: ‘João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem’. Outros diziam: ‘É Elias’. Outros diziam ainda: ‘É um profeta como os profetas antigos’. Ouvindo essas coisas, Herodes disse: ‘Ele é João Batista. Eu mandei cortar a cabeça dele, mas ele ressuscitou!’” (Mc 6,14-16).

Interessante a argumentação de que Jesus fazia milagres pelos poderes de João Batista que agia sobre Ele. Isso é ressurreição do corpo físico? Não! Mas o que é? É o que conhecemos por influência espiritual. Uma pessoa morre e, ressuscitada em espírito, passa a influenciar uma pessoa encarnada. Portanto, a ideia de ressurreição, nesta passagem, nada tem a ver com aquela ressurreição do final dos tempos aceita pelos dogmáticos. Ressuscitar, nesse passo, é voltar à condição espiritual.

COMENTÁRIO: escorrega nosso amigo dramaticamente. Que uma pessoa morta influencie a mente de um vivo é suposição espiritista, deveras distanciada de qualquer concepção vigente nos tempos apostólicos. O que o texto relata é a crença popularesca, que influenciara o rei Herodes, de que o Batista houvera ressurgido dentre os mortos na pessoa de Jesus. Certamente, naquele tempo, ninguém estaria pensando em influência mediúnica: Paulo Neto quer traduzir a reação de Herodes em pensamento kardecista. Herodes, ao supor que Jesus pudesse ser João Batista ressuscitado, estava externando a crença comum naqueles dias, de que os mortos pudessem retornar ao mundo dos vivos.

Vejamos um especialista em Bíblia, que comentando sobre o uso de “os demônios” contante em Mc 5,2, assim explica-o:

Esse vocábulo era empregado, no grego clássico, ocasionalmente como sinônimo do termo “theos”, “deus”. Assim usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra eventualmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo. Gradualmente esse vocábulo foi-se

limitando aos espíritos malignos em geral, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.

Do princípio ao fim as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus quanto bons. Os espíritos, tanto os bons quanto os maus, são apresentados como extremamente numerosos (ver Efé 1;21; 6;12; Col. 1;16 e Marc. 5;9). **Os espíritos malignos têm influência sobre os homens, e procuram ocupar os seus corpos** (ver Marc. 5;8 e Mat 12;43,44). São imundos (o que significa que tornam o indivíduo incapaz de entrar em contato com Deus, com o culto ao Senhor e com a adoração). Algumas vezes são obstinados, com frequência são maldosos e violentos, mas podem ser imitadores do bem, e supostamente trazem alguma luz. (ver I Tim 4:1-3). Sua inspiração não se limita a atos vis, mas essa perversa influência pode estar vinculada até mesmo ao ascetismo religioso. Um dos mais – severos – julgamentos, nos tempos do fim, consistirá da libertação de um poder demoníaco extremamente virulento neste mundo (conforme alguns consideram que ensina a passagem de Apo. 9:1-11, embora outras indicações sobre isso também existam nas Escrituras).

Nada de realmente certo se encontra sobre a origem dos demônios, nas páginas da Bíblia, ainda que muitos creiam que sejam os anjos caídos que seguiram a Satanás (Ver Apo 12:7-9 com Apo 12: 3,4). Mas outros estudiosos acreditam (conforme criam muitos dos antigos) que são espíritos dos mortos que ainda não entraram em qualquer estado bem determinado de transição. Outros ainda, sustentam que os demônios pertencem a ambas essas ordens de seres. **Muitos psicólogos modernos duvidam que exista realmente a possessão por meio de espíritos, mas a experiência universal com tais espíritos desaprova essas dúvidas.** Alguns daqueles que se ocupam de pesquisas psíquicas, nestes últimos anos, estão convencidos da realidade do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. **É uma completa tolice pensar que simplesmente porque não podemos ver os espíritos eles não existem** – todavia, alguns sensíveis (pessoas psiquicamente dotadas) asseveram que podem ver ocasionalmente aos espíritos, e alguns deles veem-nos regularmente. É fato sobejamente conhecido que os sentidos humanos são extremamente limitados, não percebendo muitas coisas que sabemos que realmente existem, como por exemplo, a força chamada lei da gravidade; e assim, a maior parte deste mundo totalmente físico continua imperceptível para os nossos sentidos (e quanto menos o mundo espiritual)! Assim, pois, afirmar alguém que algo não existe simplesmente porque os seus sentidos não são aptos a captá-lo, mostra que esse alguém se deixa levar por preconceitos. Mas uma coisa que sabemos bem é que não sabemos praticamente coisa alguma acerca do universo em que vivemos. Não obstante, existem muitas evidências inequívocas, perceptíveis até mesmo para os sentidos humanos, que confirmam a existência de um mundo dos espíritos ao nosso redor.

Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.

Tertuliano (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. Essa ideia também prevalece na teologia moderna, apesar de ainda existirem alguns que se apegam à ideia mais antiga, como Lange (do *Comentário* de Lange), o qual acredita que aquilo que conhecemos pelo título de *demônio* pertence tanto à ordem de espíritos humanos que daqui partiram e que se tornaram parte de um nível mais baixo dos espíritos como à ordem de seres angelicais caídos. Lange, portanto, aceita ambos os pontos de vista. As próprias Escrituras nada nos informam acerca da origem dos demônios, pelo menos em termos bem definidos; por isso mesmo, a sua identificação com os anjos caídos pode representar ou não a verdade. Se isso representa a verdade, mesmo assim pode *não* representar a *verdade inteira*

sobre a questão. Muitos casos de possessão demoníaca parecem demonstrar que alguns demônios, pelo menos, são de fato entidades que antes eram seres humanos comuns. Pois é possível que por enquanto, pelo menos parcialmente, estejamos dentro de um intervalo de tempo, antes do julgamento, e que os espíritos não foram ainda para o seu *destino final*; embora seja possível que exista alguma forma de comunicação entre certas dimensões espirituais (que podem até mesmo ser chamadas de *hades*) e os homens. Diversos exemplos bíblicos mostram que a comunicação com os mortos é algo que ocorre ocasionalmente. Nas Escrituras somos advertidos contra essa prática, mas não nos é dito ali que tal comunicação seja impossível. Existem evidências que parecem indicar que a posição assumida por Lange, de que os demônios pertencem a ambas as ordens: tanto espíritos humanos de mortos como seres pertencentes à ordem de anjos caídos – é a mais correta, embora nos faltem provas inequívocas quanto a isso. (CHAMPLIN, 2005a, p. 694-695). (itálico do original, negrito nosso).

É bem provável que o autor acredite que os espíritos são seres especiais criados por Deus, não sendo as almas dos seres humanos desencarnados. As informações estão aí, não nos preocuparemos em convencê-lo do contrário.

PAULO NETO: 2ª) "O governador Herodes ouviu falar de tudo o que estava acontecendo, e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. Então Herodes disse: 'Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?' E queria ver Jesus" (Lc 9,7-9).

Nessa passagem é flagrante o uso da palavra ressurreição com o significado de reencarnação. Se as pessoas acreditavam que Jesus poderia ser Elias, Jeremias (Mt 16,13) ou um dos antigos profetas ressuscitado isso não é ressurreição, mas sim reencarnação, já que se fosse Jesus um deles, estaria num novo corpo, o de Jesus, obviamente. Quem pensa assim, acredita que alguém já morto poderia voltar num novo corpo como outra pessoa. É exatamente isso o que definimos como reencarnação; portanto, provamos que na época se acreditava em reencarnação sim; só que para designá-la usavam a palavra ressurreição, que também possuía, àquela época, outros significados.

COMENTÁRIO: Paulo Neto, novamente, revela pouco cuidado reflexivo, ou embotadamente avaliativo. Só mesmo em mentes contaminadas pelo vírus da fantasia reencarnativa para entender o uso do termo "ressurreição" com sentido reencarnativo. O que o texto relata era a reação do povo diante do que ouviam a respeito de Jesus e a influência que essas idealizações populares exercia sobre a mente de Herodes. As suposições do povo, naqueles dias, não eram elaboradas em profundidade suficiente para avaliar se a suposta ressurreição de João Batista se daria no mesmo corpo ou em outro. O que pretendiam enfatizar, como solução para o espanto que as notícias sobre Jesus lhes causava, é que João poderia ter retornado à vida. Percebamos que o escrito de Lucas relatava a reação popular, em vez de avaliação exegética do mistério de Jesus.

Realmente diante de tanta insistência de que não existe reencarnação e, em função disso, procura não ver o que está óbvio num texto é coisa de merecer de nossa parte o máximo de tolerância para continuar neste trabalho.

Se Jesus podia ser algum dos profetas ressuscitados, não há como negar que o emprego do verbo ressuscitar tem, sim, sentido de reencarnar, quer goste ou não disso. Apelar é dizer o contrário, para manter-se na linha de ataque à reencarnação.

PAULO NETO: Em uma certa oportunidade, Jesus pergunta aos discípulos: "Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?" Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas" (Mt 16,13-14). Isso confirma que o povo acreditava na ressurreição em outro corpo, reencarnação para nós, só que há algo importante nessa passagem: é que Jesus não protestou contra essa crença popular, o que significa que tacitamente a confirma. É como diz um velho provérbio: "quem cala consente".

COMENTÁRIO: Paulo Neto, Paulo Neto, de onde provêm as “profundas” suposições com que nos brinda? Eis o que está a nos dizer: visto o povo revelava um compreensão muito nebulosa a respeito de quem seria a pessoa de Jesus, isso significa que pensavam reencarnativamente! Nem com muita dose de boa vontade seria possível aceitar tal raciocínio.

Jesus indagara dos discípulos o que o vulgo pensava a seu respeito. As ideias que o povo acalentava não iam além de considerações pouco consistentes, que quase nada diziam, coisa típica de opiniões elaboradas sem maiores reflexões. As considerações religiosas da população, tal qual ainda hoje muito se encontra, constitui um amálgama de suposições fracamente definidas e organizadas no embalo de circunstâncias de momento. O intento do mestre era, a partir dos opinamentos populares, chegar ao objetivo que planejava, qual o de levar os discípulos a pensar na real natureza de Cristo.

A demonstração de que se tratava de pareceres descontraídos vê-se na lista de conjecturas relatadas, havia quem dissesse que Jesus seria João Batista; outros que fosse Elias, Jeremias, ou outro profeta antigo. Então, não estavam meditando reencarnativamente, estavam simplesmente dizendo o que lhes vinha à cabeça.

Aqui mantém a mesma linha de pensamento do item anterior: nunca enxergar algum passo bíblico como algo a favor da reencarnação.

PAULO NETO: Mas ainda vamos trazer outra fonte para comprovar essa questão. Nós buscaremos esta informação no historiador daquela época chamado Flávio Josefo, que viveu entre 37 a 103 d.C. Suas obras históricas são: “Antiguidades Judaicas”, “Guerra dos Judeus” e “Resposta de Flávio Josefo a Ápio”, que, em nosso caso, fazem parte do livro História dos Hebreus.

Josefo, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

(...) Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras voltam a esta. (...) (p. 416).

E, quando alguns soldados, derrotados na guerra contra os romanos, pensavam em suicidarem-se, alerta-os dizendo:

(...) Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza. Ele lhes deu e que suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros como elas e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; (...) (pg. 600).

Assim, podemos dizer que os fariseus, grupo religioso que existia à época de Jesus, acreditavam numa ressurreição em outro corpo. Ora, isso não é nada mais nada menos do que aquilo que entendemos por reencarnação.

COMENTÁRIO: Neto parece embriagado pelos vapores da crença reencarnacionista, a ponto de não perceber a incongruência de suas assertivas. Mesmo que fosse “ressurreição em outro corpo”, o que não é, tal não caracterizaria reencarnação. Qualquer adepto das múltiplas vidas sabe que para haver reencarnação tem de haver várias vivências. Então, se os judeus acreditavam, conforme entende Neto, em um retorno à vida, em outro corpo, isso não explicitaria o conceito de múltiplas vidas.

Os hebreus não tinham concepções muito elaboradas a respeito da ressurreição. Para sermos corretos, tampouco o cristianismo consegue dizer detalhes de como ocorreria essa transformação. O que Flávio Josefo noticia é que os judeus criam que, na ressurreição, os corpos seriam “puros”. Coisa semelhante a que, atualmente, diz o cristianismo: os ressurretos terão corpos revestidos da incorruptibilidade.

Neto parece tentar criar uma figura nova, coisa como uma reencarnação-ressurrecionista, ou algo parecido...

Esse ponto mereceu um estudo especial de nossa parte e sobre o qual falamos aqui várias vezes.

Iremos transcrever de nosso texto “Reencarnação no contexto histórico” o seguinte trecho no qual citamos Flávio Josefo:

Parece-nos ser possível também comprovar isso com o historiador judeu Flavius Josephus, citado por Dr. Hernani de Guimarães Andrade, no livro *Você e a Reencarnação*, à página 28. O Dr. Hernani em referência a WHISTON (*The Works of Flavius Josephus*, trad. Willian Whiston, M.A., London: War, Loc & Co. Limited.), diz-nos:

Flavius Josephus (37 a 95 a.D.), intelectual e historiador judeu, em sua famosa obra *De Bello Judaico*, faz a seguinte advertência aos soldados judeus que preferiam desertar, suicidando-se:

“Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem no mais humilde dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas que as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevas do mundo inferior?” (Josephus, 1910).

(ANDRADE, 2002, p. 28). (grifo nosso).

Colocamos este trecho para ressaltar o teor da tradução que é diferente da que lemos na obra *História dos Hebreus*, publicação CPAD:

Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, **no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros como elas (*)** e que ao invés, as almas dos ímpios, que por uma loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno.

(*) Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose.

(JOSEFO, 2003, p. 600). (grifo nosso).

O que não fazem nas traduções para que o princípio da reencarnação não seja visto. Essa citação também consta de nosso texto “Josefo, os fariseus e a reencarnação”, que é fruto dessa contestação, que hora comentamos:

Josefo, os fariseus e a reencarnação

Ver com os próprios olhos e pensar com a própria mente não é uma operação fácil. No entanto, somente as pessoas que cultivam essas expressões de independência desfrutam de liberdade diante da vida. (BEZERRA NETO)

Vemos muitos argumentos dando conta de que Flávio Josefo, escritor e historiador judeu, que viveu entre 37 a 103 d.C., afirmou que os fariseus acreditavam na reencarnação. Entretanto, os antirreencarnacionistas logo refutavam, dizendo que isso não é bem a verdade. Mas afinal quem tem razão? Vamos analisar as informações de Josefo para tentar desvendar esse “mistério”.

Josefo dividiu o povo hebreu da seguinte forma: “Havia então entre nós três seitas, relativas às ações humanas. A primeira, a dos fariseus; a segunda, a dos saduceus e a terceira a dos essênios.” (JOSEFO, 2003, p. 307) (grifo nosso).

Ao longo de sua obra *História dos Hebreus*, especificamente quando trata da guerra dos judeus, onde dá mais notícias sobre cada uma delas, cujos dados nós

iremos transcrever, juntando-os de conformidade com as seitas mencionadas.

1ª) Fariseus

A maneira de viver dos fariseus não era nem mole nem cheia de delícias; era simples. Eles se apegam obstinadamente ao que se persuadem dever abraçar. [...] Atribuem ao destino tudo o que acontece, sem, todavia, tirar ao homem o poder de nele consentir; de sorte que, tudo sendo feito por ordem de Deus, depende, no entanto, da nossa vontade entregarmo-nos à virtude ou ao vício. **Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras retornam a esta. Eles granjearam, por essa crença, tão grande autoridade entre o povo, que segue os seus sentimentos em tudo o que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas. Assim, cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude, de sua maneira de viver e de seus discursos.** (JOSEFO, 2003, p. 416) (grifo nosso).

[...] os fariseus são tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias. O principal artigo de sua crença é tudo atribuir a Deus e ao destino; entretanto, na maior parte das coisas, depende de nós fazer o bem ou o mal, embora o destino possa ajudar-nos muito. **Eles dizem também que as almas são imortais; que as dos justos passam depois desta vida a outro corpo e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre.** (JOSEFO, 2003, p. 556) (grifo nosso).

2ª) Saduceus

A opinião dos saduceus é que as almas morrem com os corpos; que a única coisa que nós somos obrigados a fazer é observar a lei é um ato de virtude não querer exceder em sabedoria aos que no-la ensinam. Os desta seita são em pequeno número, mas é composta de pessoas da mais alta condição. Nada se faz, quase que sempre segundo seu parecer, porque quando eles são elevados aos cargos contra sua vontade e às honras, eles são obrigados a se conformar com o proceder dos fariseus, pois que o povo não permitiria que se opusessem aos mesmos. (JOSEFO, 2003, p. 416) (grifo nosso).

Os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o destino e creem que, como Deus é incapaz de fazer o mal, Ele não se incomoda com o que os homens fazem. Dizem que está em nós fazer o bem ou o mal, segundo nossa vontade nos leva a um ou a outro e as almas não são nem castigadas nem recompensadas num outro mundo. Enquanto os fariseus são sociáveis e vivem em amizade uns com os outros, os saduceus são naturalmente rudes e vivem mesmo grosseiramente entre si, como se fossem estrangeiros. ((JOSEFO, 2003, p. 556) (grifo nosso).

3ª) Essênios

Os essênios, a terceira seita, atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção, à providência de Deus. **Creem que as almas são imortais, acham que se deve fazer todo o possível para praticar a justiça e se contentam em enviar as suas ofertas ao templo, sem lá ir fazer os sacrifícios, porque eles o fazem em particular, com cerimônias ainda maiores. [...] o seu número é de mais de quatro mil. [...] Essa maneira de viver é quase igual à dos que chamamos *plistes* e vivem entre os dácios.** (JOSEFO, 2003, p. 416)

Desprezam os males da terra, vencem os tormentos com a constância e preferem a morte à vida, quando o motivo é honroso. A guerra que travamos contra os romanos fez ver de mil modos que sua coragem é invencível. Eles sofreram o ferro e o fogo, tiveram quebrados todos os ossos, mas não disseram uma palavra [...] para abrandar a crueldade dos carrascos. Ao contrário, zombavam deles, sorriam e morriam alegremente, porque esperavam passar desta vida para a melhor e acreditavam firmemente, que, como nosso corpo é mortal e corruptível e nossas almas, imortais e incorruptíveis, de uma substância etérea, muito sutil, encerrada no corpo, como numa prisão, onde uma inclinação natural as atrai e retém, mas apenas se veem livres destes laços carnis, que as prendem em dura escravidão, elevam-se ao ar e voam com

alegria. Nisto estão de acordo com os gregos, que julgam que as almas felizes têm sua morada além do Oceano, numa região onde não há chuva, nem neve, nem calor excessivo; mas um doce zéfiro a faz sempre agradável; e que, ao contrário, as almas dos maus, têm por morada lugares gelados, agitados por contínuas tempestades, onde eles gemem eternamente em sofrimentos infinitos. É assim, parece-me, que os gregos querem que seus heróis, aos quais dão o nome de semideuses, morram nas ilhas a que chamam de felizes e as almas dos ímpios estejam sempre atormentadas no inferno, como eles dizem, de Sísifo, Tântalo, Ixion e Títio.

Esses mesmos essênios julgam que as almas são criadas imortais, para se darem à virtude e se afastarem do vício; que os bons se tornam melhores nesta vida pela esperança de serem felizes depois da morte e que os maus, que imaginam poder esconder neste mundo suas más ações, por isso, são castigados com tormentos eternos. Tais os seus sentimentos com relação à excelência da alma, dos quais não se afastam uma vez persuadidos. [...]. (JOSEFO, 2003, p. 555-556) (grifo nosso).

O que já se começa a delinear é que o que acontecia naquela época é quase o que acontece hoje em dia com as igrejas ditas cristãs; cada uma com sua particular maneira de ver a alma depois da morte, não faltando, entre elas, até a que advoga o aniquilamento dela, tal e qual os saduceus da Antiguidade. A variedade de opções, em relação à salvação, dá para atender a qualquer gosto; salva-se: por crer na Bíblia, por crer em Jesus, por ser batizado, pelo sangue de Jesus, por pertencer a determinada igreja, porque Deus nos ama, porque fomos predestinados; pela reencarnação etc.; e a lista segue...

A seita, que nos interessa ao estudo, é a dos fariseus, inclusive, que é a que Josefo diz ter abraçado (JOSEFO, 2003, p. 477). De fato, em seu discurso, a fim de demover os soldados, que pensavam em se suicidarem, para não caírem vivos nas mãos dos romanos, ele tentava persuadi-los; dentre seus argumentos retiramos:

[...] E verdade que nossos corpos são mortais, porque são feitos de uma matéria frágil e corruptível; mas nossas almas são imortais e participam de algum modo da natureza de Deus. Assim não podemos sem impiedade tirar aos homens essa graça, que eles., dele recebem como um depósito que lhes quis confiar. E se alguém quiser fazê-lo, poder-se-á iludir em ocultar aos olhos de Deus a ofensa que lhe faz? Todos estão de acordo em que é justo castigar um escravo que foge de seu senhor, embora esse senhor seja mau e nós julgaremos poder sem crime abandonar a Deus, que não somente é nosso senhor mas um senhor soberanamente bom? Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de terem chamado para junto de si, entregaram em suas mãos a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltarem, no correr dos séculos, a animar corpos que sejam puros como elas(*) e que ao invés, as almas dos ímpios, que por uma loucura criminosa, dão a morte a si mesmos, são precipitadas nas trevas do inferno; e que Deus que é o pai de todos os homens vingará as ofensas dos pais nos filhos? [...]

(*) Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose.

(JOSEFO, 2003, p. 600) (grifo nosso, a não ser o da nota que é do original)

Há, portanto, coerência com o pensamento que ele disse possuírem os fariseus.

O que, em primeiro lugar, nos chamou a atenção, nessa transcrição, é que o tradutor Padre Vicente Pedroso, presume que Josefo acreditava na metempsicose, embora, pelo texto, não se pode afirmar, que Josefo acreditava que uma alma humana pudesse animar o corpo de um animal, que é a hipótese contida na metempsicose. Mas, de qualquer forma, já é um lucro, pois isso significa dizer que Josefo acreditava que uma alma pudesse voltar a animar um corpo humano, que não é outra coisa senão o que entendemos como reencarnação. Champlin e Bentes, confirmam que “Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus,

em seus dias, ensinavam tal doutrina [reencarnação]". (CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 585)

Surge a pergunta: mas não parece que sua crença é igual ao conceito moderno, que não admite a reencarnação humana em corpos de animais? Sim, isso é bem certo, e podemos dizer até mais: que a forma que ele entendia de "voltar, no correr dos séculos, a animar corpos puros", coloca as almas dos justos tendo um "prêmio" ao voltar a viver aqui na terra, enquanto que a ideia hodierna é o contrário, ou seja, são os "ímpios" que voltam para "purgar seus pecados". Por outro lado, os bons podem também habitar corpos saudáveis exatamente porque são bons (carma positivo)

Conseguimos chegar a essa conclusão, que não foi fácil, levando-se em conta que:

- a) sendo a alma imortal, ela vive para sempre (óbvio);
- b) que somente as almas dos maus é que ficarão "eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida";
- c) que as almas dos justos vão, "no correr dos séculos", voltar a animar corpos; e
- d) que todos os corpos são mortais, incluindo os "corpos puros" que as almas justas receberam;

Então, concluímos que as almas dos justos estarão dentro de um ciclo de "ida e volta", por todos os tempos, ou seja, um verdadeiro ciclo sem fim. Talvez poderíamos até dizer que estão presas ao que, em sânscrito, dir-se-ia: "*samsara*", ou seja, numa "roda das reencarnações", embora às avessas, porquanto, não estão sendo punidas; ao contrário, parece-nos ser-lhes isso um prêmio.

Acreditamos que essa nossa percepção pode ser confirmada com o que os autores Champlin e Bentes citam de Adam Clarke:

[...] Clarke dá a entender que o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem. Seria uma espécie de "recompensa", pois ofereceria uma oportunidade renovada. Com efeito, a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores. (CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 586). (grifo nosso).

Se o que estamos pensando estiver correto, então agora é fácil entender porque Nicodemos, que, como sabemos, era um fariseu, rebateu a Jesus, que lhe disse "*Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus*" (Jo 3,3), dizendo: "*Como pode um homem nascer sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?*" (Jo 3,4). É certo que Nicodemos não tinha pleno conhecimento do processo, razão pela qual Jesus retribui-lhe taxativo: "*És mestre em Israel e ignoras essas coisas?*" (Jo 3,9).

Voltando aos fariseus, mais duas coisas nos chamaram a atenção. A primeira, é que não acreditavam em Juízo final e, a segunda, nada foi falado sobre crerem na ressurreição dos mortos. Inclusive, Josefo, em sua obra, só usa o verbo ressuscitar para os casos de voltar à vida no mesmo corpo, como supõe-se ter acontecido com o filho da viúva, que foi ressuscitado por Elias (JOSEFO, 2003, p. 217), o defunto Eliseu ressuscitando um homem, cujo corpo fora lançado em cima do seu (JOSEFO, 2003, p. 234), ao citar Jesus (JOSEFO, 2003, p. 418), embora, neste caso, alguns estudiosos dizem ter sido um acréscimo ao texto original, e Agripa, em carta a Caio, ao se comparar a um ressuscitado (JOSEFO, 2003, p. 779).

Interessante é que, segundo os tradutores bíblicos, a ideia de ressurreição só vem aparecer pela primeira vez, e com clareza, no segundo livro de Macabeus (Pastoral, p. 622; de Jerusalém, p. 777; Santuário, p. 716; Vozes, p. 617), o qual se ocupa da perseguição religiosa de 175 a 161 a.C. (Bíblia Barsa, p. 801); é,

portanto, uma ideia mais tardia. Logo, esse fato só vem confirmar que a ressurreição entrou na vida dos judeus por influência de culturas pagãs, com as quais tiveram contato - os egípcios, os gregos, os persas, os romanos, etc.

E Carlos T. Pastorino, explicando a questão do verbo ressuscitar em hebraico, quando de seus comentários sobre os passos Mt 14,1-2, Mc 6,14-16 Lc 9,7-9, que tratam do mesmo episódio, disse o seguinte:

Aparecem dois; *egeirô* e *anístêmi*, ambos traduzidos correntemente com a mesma palavra portuguesa: "ressuscitar". Mas o sentido difere bastante de um para outro.

EGEÍRÔ, composto de GER com o prefixo reforçativo E (cfr. o sânscrito *ajardi*, que significa "estar acordado") tem exatamente o sentido de "despertar do sono, acordar", ou seja, passar do estado de sono ao de vigília. Era empregado correntemente com o sentido de ressuscitar, isto é, sair do estado de sono da morte, para o da vigília da vida. Para não haver confusão, acrescentava-se ao verbo o esclarecimento indispensável: *egeirô ek* (ou *apô*) *nekrôn*, "despertar de entre os mortos".

ANÍSTÊMI, composto de ANÁ (com três sentidos: "para cima", ou "de novo" ou "para trás") e ÍSTÊMI ("estar de pé"). De acordo com as três vozes, teríamos os seguintes sentidos:

a) voz ativa (transitivo) - "levantar alguém", "elevá-lo"; ou "tornar a levantar", ou então "fazer alguém voltar";

b) voz média - "levantar-se" (do lugar em que se estava sentado ou deitado, sem se cogitar se se estava desperto ou adormecido), ou "tornar a ficar de pé", ou "regressar" ao lugar de onde se viera;

c) voz passiva - "ser levantado por alguém", ou "ser posto de novo em pé", ou "ser mandado embora de volta".

Esse verbo, portanto, apresenta maior elasticidade de sentido que o anterior, podendo, inclusive, ser interpretado como "ressuscitar"; com efeito, não só a ressurreição pode ser compreendida um "despertar do sono da morte" (*egeirô*, que é o mais exato tecnicamente), como também pode ser entendida como um "levantar-se" de onde se estava deitado (o caixão); ou como um "tornar a ficar de pé"; ou como um "regressar ao lugar de onde se veio". No sentido de ressuscitar foi usado por Homero (*Ilíada*, 24, 551), por Ésquiles de Elêusis (*Agamemnon*, 1361), por Sófocles (*Electra*, 139), etc.

No entanto, esse verbo *anístêmi* apresenta outro sentido muito importante, e que geralmente é desprezado pelos hermeneutas, que procuram esconder as idéias originais dos autores, quando não estão de acordo com a sua, e isso até em obras "cientificamente" organizadas (*Não estamos fazendo acusações levianas. Para só citar um exemplo moderno, tomemos a obra "Lexique de Platon", publicada em dois volumes (1964) pelas edições "Les Belles lettres" (portanto editora crítica, da qual se espera fidelidade absoluta ao original). Pois bem, nessa obra, preparada pelo padre Édouard des Places, jesuíta, não figuram anístêmi, nem egeirô, nem o substantivo anástasis, nem qualquer outra palavra que signifique "reencarnação" ...*), e é o sentido de "reencarnar". Realmente, a reencarnação é um "levantar-se" para reaparecer na Terra; é um "tornar a ficar de pé", e é sobretudo um "regressar ao lugar de sua vida anterior". Nesse sentido foi bastante empregado pelos autores gregos. Anotemos, todavia, que esse não era um verbo especializado nesse sentido, como o é, por exemplo, *ensómatóô* ou o substantivo *paliggenesía*. Numerosas vezes é usado, mesmo nos Evangelhos, com a simples acepção de "levantar-se" do lugar em que se estava sentado (cfr. Marc. 3:26; Luc. 10:25; At. 6:9, etc.).

Daí a necessidade de interpretar, pelo contexto, qual o sentido exato em que foi empregado.

Ora, nos textos em estudo, os três sinóticos referem-se à opinião de Herodes com o mesmo verbo *egeirô* (que sistematicamente traduzimos por "despertar", seu significado real e etimológico). No entanto, o próprio Lucas que empregou *egeirô* para exprimir a ideia de "ressurreição", nesse mesmo versículo 8, para exprimir o "regresso à Terra" de algum dos antigos profetas, muda o verbo, e usa *anístêmi* ... Então, não era a mesma coisa: João "ressuscitara", despertara do sono da morte; mas o antigo profeta "regressara à Terra", ou seja, em linguagem moderna, "reencarnara". E assim traduzimos, acreditando haver agora justificado nossa tradução afoita.

Para antecipadamente responder à objeção de que não havia esse rigor “literário” nos evangelistas, queremos chamar a atenção para o verbo usado com referência a Elias. Era crença geral que Elias não desencarnara, mas fora raptado num carro de fogo (cfr. 2.º Reis, 2:11). Ora, nesse caso especial, não podia ser empregado egeirô (despertar dentre os mortos), nem *anístêmi* (reencarnar); e de fato, nenhum dos dois foi usado por Lucas, e sim um terceiro verbo: *epháne*, isto é “apareceu”. (PASTORINO, 1964, p. 87-88).

Estão corretos os que dizem que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia, motivo pelo qual não acreditam nela; porém, não se dão conta de que a ideia de voltar a viver num outro corpo, lá se encontra de forma bem explícita, por sinal. Por outro lado, poderemos devolver-lhes o argumento, dizendo que não devem acreditar na Trindade, porque não existe essa palavra na Bíblia. Para “quem tem olhos de ver”, basta prestar a atenção no verbo ressuscitar que, algumas vezes, é empregado no sentido de voltar à vida, ou seja, reencarnar, ainda que só uma vez. Porém, pode não ser apenas uma, pois, segundo Champlin e Bentes, temos que: “A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema. (CHAMPIN e BENTES, 1995, p. 585).

Paulo, em Atos dos Apóstolos, é quem vai falar da crença dos fariseus; faz isso de propósito diante do Sinédrio, para ver se conseguia salvar sua pele, pois tinha certeza de que a assembleia contra ele não iria adiante, dada a divergência entre as seitas dos fariseus e a dos saduceus. Assim se expressou: *Irmãos, eu sou fariseu, e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado* (At 28,6); foi o bastante para instalar-se a divisão da assembleia, pois *“os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo nem espírito, enquanto os fariseus sustentam uma e outra coisa”* (At 23,8).

Ora, mas o que devemos entender por ressurreição dos mortos, fora as explicações de Pastorino? Vejamos o passo:

Lc 10,27-38: “Aproximando-se alguns dos saduceus – que negam existir ressurreição – interrogaram-no: ‘Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, tomará a viúva e suscitará descendência para seu irmão. Ora, havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem filhos. Também o segundo, e depois o terceiro a tomaram; e assim os sete morreram sem deixar filhos. Por fim, também a mulher morreu. Essa mulher, na ressurreição, de qual deles vai se tornar mulher? Pois todos os sete a tiveram por mulher’. Jesus lhes respondeu: ‘Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo e na ressurreição dos mortos, não tomam nem mulher nem marido; como também não podem morrer: são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: o Senhor Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó. Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele’”. (ver também Mt 22,23-33; Mc 12,18-27).

Por este passo, fica claro que a “ressurreição dos mortos” nada tem a ver com ressurreição física, mas ressurgir, no outro mundo, em um corpo espiritual; corpo do qual falou Paulo (1Cor 15,44), o que se pode também deduzir da comparação acima dos “filhos da ressurreição” com os anjos.

A parábola do rico e Lázaro é por demais conhecida; por isso vamos tomar dela apenas o que será útil ao presente estudo.

Lc 16,19-23: “Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou

os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio”.

Esse último versículo é importante, porquanto, ele reflete a crença da época de que todos os mortos iam para o *hades*, que algumas traduções vertem como “mansão dos mortos”, sem qualquer tipo de distinção entre bons e maus. Ainda não se tinha a ideia de “céu” e “inferno”. Então, todos os personagens citados no passo estão no *hades*; tanto é verdade que bastou o rico, remoído pelo mal que fez, levantar os olhos para ver ao longe Abraão e Lázaro. Aliás, concordamos plenamente com o escritor Francisco de Castro, que disse:

Não há suporte para reduzir tudo à formulação simplista de que parte das almas das pessoas está predestinada a gozar a felicidade da convivência com Deus, indefinidamente, enquanto que outra parte tem por destino o tormento do fogo. *Céu e Inferno*. É uma concepção difundida, porém a mais vazia de consistência. (BEZERRA NETO, 2010, p. 59).

Então, é totalmente impróprio se afirmar que na ressurreição haverá uma volta coletiva das almas a seus corpos físicos, pois Jesus pregava a ressurreição espiritual. É como se dará isso, porquanto os corpos não existem mais, por terem sido decompostos nos elementos químicos que os formaram e devolvidos à natureza.

Podemos, assim, entender que a crença dos fariseus era mesmo na ressurreição, pela qual a alma voltava a um outro corpo, o que era comum àquela época. Fácil de se comparar com as passagens nas quais o povo judeu atribui a Jesus a possibilidade de ser João Batista, Elias, Jeremias, ou alguns dos profetas (Mt 16,14; Mc 6,15; 8,28; Lc 9,7-8; 9,19), que só poderiam voltar em um novo corpo, ou seja, ressurgir dos mortos, para “nascer de novo”. Ressalva deve ser feita em relação a João Batista, que era contemporâneo de Jesus; e essa referência de que Jesus seria João Batista demonstra claramente que eles não entendiam bem o assunto.

Aqui cabe uma ressalva; com relação à possibilidade de se pretender afirmar que o fato do povo entender que Jesus seria João Batista nega a ressurreição, na forma como ela hoje é entendida (reencarnação), porque ambos foram contemporâneos, contrariamos tal pretensão, justamente porque a resposta no sentido de que Jesus seria um dos antigos profetas demonstra, claramente, que o povo tinha consciência plena da sua existência, apenas ignorando a forma como ela ocorria, pelo fato de supor que Jesus fosse João Batista.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2011.

Referência bibliográfica:

- Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada. 5ª ed. Aparecida, SP: Santuário, 1984.
Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
BEZERRA NETO, E. C. *Inferno e céu: desafio a inteligência. Refletindo sobre o conhecimento no século XXI*. Fortaleza: Premius, 2010
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Edit. Dist. Candeia, 1995.
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 3. Rio de Janeiro, 1964.

Com este estudo não intencionamos convencer o autor, que nos contesta, apenas, oferecer aos de mente aberta a alternativa de ver as coisas por um outro ângulo.

PAULO NETO: 3.2.2 - Fica claro que Jesus nunca ensinou a reencarnação.
Dizer que Jesus nunca ensinou a reencarnação é forçar a barra, ignorando que

ele não disse, em momento algum, que estavam em erro os que o supunham ser Elias, Jeremias, ou algum dos antigos profetas.

COMENTÁRIO: Jesus não rebatia as crenças populares. Transmitia seus ensinamentos, plantando na mente dos ouvintes a semente da melhor compreensão a respeito da mensagem de salvação. Não se encontra passagem nos evangelhos onde Jesus debata com doutores da lei assuntos polêmicos. Quando era o caso, Ele simplesmente mostrava o erro, como quando dizia: vós errais não conhecendo as escrituras.

A indagação que Cristo fez aos seus discípulos, não objetivava discutir o pensamento do povo, sim levar os discípulos a pensar em quem Cristo realmente era, leiamos o texto:

13 Tendo Jesus chegado às regiões de Cesareia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

14 Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.

15 Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou?

16 Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

17 Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.

18 Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela;

19 dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus.

20 Então ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.

Notem, Jesus colhe dos discípulos notícias das ingênuas ideias do povo a seu respeito; depois arremata: e vós, o que dizeis? Era nesse ponto que Cristo pretendia chegar, o que aqueles homens que o seguiam tinham a dizer. Pedro tomou a iniciativa de expor o que pensava e foi por Jesus louvado por ter intuído a resposta correta. Vê-se, pois, que a conversa entre eles de modo algum passava pela reencarnação, tampouco se destinava a alguma eventual avaliação das singelas deliberações do vulgo.

É certo que Jesus não rebatia as crenças populares, mas a questão é saber o porque ele agia assim. Nós preferimos crer que o motivo é que ele respeitava a forma de pensar das pessoas. Muito diferente de uns e outros que fazem de tudo para condenar o que os outros pensam ou acreditam. A maioria quer com isso impor sua maneira de crer, supondo-se dono da verdade, quando, na verdade, está tão longe disso, que dá até uma certa pena em ver.

Só que diante de afirmações que ele poderia ser algum dos profetas e ele calando-se, seria uma atitude lamentável para um Mestre, pois sabendo seus discípulos em erro, nada faz para instruí-los da verdade. Assim, para nós, a lógica é: se não negou que ele poderia ser algum personagem que viveu no passado, é porque admitia que isso poderia ocorrer.

Vejamos o que Champlin diz, quando analisa o passo Mt 16:14: *"Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; e outros Jeremias, ou algum dos profetas"*.

"Uns dizem: João Batista". Mat. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: "Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos". Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. Dificilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João foram contemporâneos. Tal teoria, portanto, reflete a doutrina da *transmigração* da alma. É óbvio que essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus, e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos (provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira. Conforme tais ideias se tinham desenvolvido nas escolas dos fariseus, dizia-se que ainda viviam as almas dos grandes profetas, e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas poderiam tomar corpo novamente. No caso de João Batista, não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da "reencarnação", mas deve ser interpretada como "transmigração" ou "possessão". Porém, uma vez admitida a ideia que Jesus

era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à “reencarnação”. O termo “transmigração” é usado por muitas vezes como sinônimo de “reencarnação”. A identificação de Jesus com João Batista, pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado, e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias.

“OUTROS: *Elias*”. A estatura espiritual de Jesus é demonstrada por esta comparação, pois Elias era reputado um dos maiores profetas, e sua volta estado de renovação, ao voltar numa nova missão, (porque a história bíblica declara que ele não morreu), seria o precursor do Messias. É possível que alguns, por temerem as autoridades, se recusassem a confessar que Jesus era o Messias; mas ainda assim não quiseram desfazer-se da esperança que o Messias apareceria no tempo deles. Assim sendo, provavelmente essa era uma explicação apresentada como recurso psicológico, para nutrir a esperança no cumprimento das profecias, ao mesmo tempo que era evitado qualquer problema com as autoridades religiosas. Talvez outros cressem nisso sinceramente; contudo, perderam de vista a verdade maior, a presença real do Messias, entre eles. Mas, o fato que alguns dos milagres operados por Jesus tinham paralelo com os de Elias, provavelmente reforçava essa ideia. Por outro lado, o fato que o ministério de Jesus não tinha o caráter de fogo e violência que caracterizava o ministério de Elias, não entrava nessas considerações, como também o fato que as profecias sobre o ministério de Elias, como precursor do Messias, declaravam que esse ministério também seria um ministério de julgamento. Jesus não cumpriu as exigências proféticas, mas, a despeito disso, persistia tal ideia.

“*Outros: Jeremias*”. Diversas lendas circulavam acerca da personalidade de Jeremias, bem como acerca de seus diversos ministérios na terra. Alguns judeus acreditavam que Zacarias era Jeremias *reencarnado*. Outros criam que as profecias de Deut. 18:15,18 aludiam a Jeremias e seu ministério. II Macabeus 2:1-12 prediz que Jeremias, em algum período indeterminado do futuro, devolveria a arca original que ele escondera em uma caverna, à nação de Israel. Nesse mesmo livro acha-se a história que Jeremias apareceu em uma visão a Judas Macabeu, como homem de “cabelos grisalhos e muito glorioso”. A lenda se disseminou, incluindo a ideia que Jeremias teria o ministério de ser uma espécie de “anjo da guarda” da nação. Por motivo de suas profecias sobre o Messias, Jeremias, à semelhança de Isaías, estava identificado à esperança messiânica. Portanto, entre o povo judeu, alguns não se surpreenderiam ante a volta de Jeremias. Tal como Jesus, esse profeta foi “desprezado, e o mais indigno entre os homens; homem de dores e experimentado nos trabalhos”. É possível que essa semelhança entre Jeremias e Jesus tivesse feito com que algumas pessoas pensassem que Jesus era Jeremias reencarnado. Pelas doutrinas dos judeus, sabemos que não era impossível que alguns pensassem em Jeremias ressuscitado, ou em outro dos profetas ressuscitados; mas, provavelmente, a ideia da reencarnação era mais comumente aceita como explicação.

“*Ou algum dos profetas*” (Luc. 4:8, diz: “...ressurgiu um dos antigos profetas”). Alguns judeus estavam extremamente impressionados com os milagres operados por Jesus, porquanto sabiam que um homem comum não seria capaz de fazer o que ele realizara. Todavia, não havia ideia sobre sua identidade, nem alguma hipótese que fosse além da observação de que tal ministério deveria ser resultante da tradição profética, lê: mais provável que todos esses não fizessem qualquer vinculação entre Jesus e a esperança messiânica, e, assim sendo, não davam o valor devido à verdadeira identidade de Jesus. Essas diversas respostas indicam o seguinte: 1. Que Jesus gozava de alguma popularidade entre o povo; pois todos reconheciam sua elevada estatura espiritual. 2. Que a fé da maioria diminuira ou fora desviada em face da influência das autoridades religiosas, resultando disso que poucos aceitavam que Jesus fosse o Messias. 3. Que a confusão em torno da identificação de Jesus com o Messias, de modo geral, só serviu para diminuir sua influência e popularidade. 4. Que, nesse ponto dos acontecimentos, a esperança de estabelecer o reino literal dos céus, na terra, tornara-se uma luz bruxuleante e desmaiada. (CHAMPLIN, 2005a, p. 443-444). (grifo nosso).

Quanto à afirmação de que Jesus “Quando era o caso, Ele simplesmente mostrava o erro, como quando dizia: vós errais não conhecendo as escrituras”, é pura especulação do autor querendo safar-se de uma situação constrangedora, pois Jesus disse isso **SOMENTE UMA VEZ** (Mt 22,29 = Mc 12,24). E ainda nos acusa de fugir do contexto bíblico.

Anda muito preocupado em dizer que a conversa não tinha objetivo falar da reencarnação; mas e daí, se dela fica claro que acreditavam que uma pessoa já morta podia voltar a viver. Isso é o que chamamos de reencarnar, o negar é direito de quem assim achar melhor, porém, tal atitude não muda os fatos ou o que deles podemos entender do texto.

Se a reencarnação não for uma verdade é lamentável que Jesus tenha permitido que continuassem a ter “ideias ingênuas do povo a seu respeito”, especialmente, para alguém com missão de ensinar aos homens o caminho da verdade, aquele que disse: “*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8,32).

PAULO NETO: É recusar a ver o que disse a Nicodemos “é necessário nascer de novo” (Jo 3,3). Certo é que em algumas Bíblias não diz “nascer de novo”, mas “nascer do alto”. Entretanto, podemos ponderar que a tradução da palavra grega *anóthem*, segundo alguns estudiosos, tanto pode ser uma quanto a outra; daí, para não realçar a ideia da reencarnação, foi melhor colocar aquela que não levasse as pessoas a acreditarem nela. Mas, pela dúvida de Nicodemos, fica claro que o sentido era nascer de novo mesmo: “Como é que um homem pode nascer de novo, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?” (Jo 3,4).

COMENTÁRIO: Paulo Neto mais se complica. Se o diálogo entre Jesus e Nicodemos fosse reencarnacionista, o doutor da lei jamais proporia a indagação que fez: pode um homem entrar de novo no ventre materno e nascer? Ele saberia que reencarnar não seria isso e, também, teria imediatamente compreendido que Jesus falava de múltiplos nascimentos. O questionamento de Nicodemos demonstra que ele estava confuso em relação ao que ouvia. Fosse o pensamento reencarnacionista comum aos judeus – mesmo que veladamente, conforme propõe Neto e outros – Nicodemos, doutor da lei, conhecedor das escrituras, prontamente perceberia que Cristo fazia menção à necessidade de voltar a viver várias vezes quando disse: necessário é nascer de novo. Qual nada, essa conjectura sequer passou pela mente do doutor da lei.

O interessante é que os textos bíblicos que o estimado Paulo Neto apresenta para indicar retorno à vida, os quais, na visão do articulista, são indicadores de reencarnação, todos, sem exceção, dão ideia de retorno único. Não deparamos unzinho que, mesmo vagamente, denotasse referimento a vidas sucessivas. Os prezados espíritas se agarram a textos que falam de voltar a viver e esquecem que essa volta não pressupõe outros retornos.

Mas exatamente por ter dito como pode um homem velho voltar ao ventre de sua mãe e nascer de novo que podemos deduzir que acreditava nessa possibilidade, porém, ignorava como isso aconteceria. Além disso, Nicodemos era um fariseu e, como visto, os dessa seita acreditavam na volta a um novo corpo.

Sim, era de se esperar que dissesse que todos os textos bíblicos que apresentamos não indicam reencarnação, mas uma só vida: pior cego é aquele que não quer ver.

PAULO NETO: Na sequência, Jesus não nega que seja sobre isso que está dizendo, mas reforça com outras palavras: “Eu garanto a você: ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito”, donde devemos tomar a água como símbolo da origem da matéria.

COMENTÁRIO: um arrazoado que começa falacioso não pode terminar de forma diferente. Houve um reencarnacionista “iluminado” que propôs a seguinte explicação: nascer da água é referência ao líquido amniótico, no qual o feto fica imerso durante a gestação: era a isso que Jesus se referia. E, “nascer do espírito” quer dizer o espírito voltar a ocupar novo corpo.

Essa pseudoexplicação vem sendo repetida sem maiores avaliações por diversos apologistas do vaivém de vidas. No trecho acima, Paulo Neto inova um pouco, informando que se deve entender o termo “água” como simbologia da matéria. Mas onde é que, nesse diálogo, Jesus dá a entender que estivesse proferindo

informação biológica conjugada com doutrinação reencarnacionista? A interpretação tradicional, de que água representa o batismo, e “nascer do espírito” indica uma nova disposição de vida, é solenemente ignorada pelos reencarnacionistas, que preferem buscar explicações mui distanciadas do que o escrito possa significar.

Vamos consertar um pouquinho a frase e dizer que “a interpretação tradicional dogmática é que diz que a água representa o batismo”, isto é que é “pseudoexplicação” o mais é bobagem, pois, numa cultura onde o ritual de iniciação religiosa era a circuncisão, o batismo nada representava. Isto prova que fizeram os diabos para mudar a ideia reencarnacionista do texto. E ainda acusa de sermos falacioso, podemos até ser, porém o que estamos fazendo é apenas buscar o contexto. E, especificamente, quanto ao ritual do batismo, recomendamos que leia o nosso texto: [“O ritual do batismo”](#).

A água é o elemento gerador do princípio material, veja que até na Gênese ela já existia antes da criação do céu e da terra: Gn 1,1-2: *“No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas”*. Não temos aí a criação da água, mas do céu e da terra, o que, por lógica, pode-se concluir que ela já existia.

PAULO NETO: Por outro lado, mesmo que Jesus não tivesse ensinado, isso não significa que ela não exista, pois convém lembrar que ele disse: *“Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar”* (Jo 16,12).

COMENTÁRIO: aqui nosso amigo viajou alto e distante nas asas da fantasia. Em vista de Jesus informar aos discípulos que não era chegado o momento de revelar certas coisas, Neto conclui que entre essas coisas estivesse a reencarnação! Seguindo por essa imaginosa trilha, poderíamos supor que Jesus estivesse falando de duendes, de fadas, do anãozinho gigante...

O autor está indo além do texto, o que afirmamos é que não se pode negar a reencarnação porque Jesus não a teria ensinado, pelo motivo dele não ter ensinado tudo, portanto, ela pode existir, mas ele não falou nela. Não estamos concluindo que existe porque Jesus não falou. O argumento é para os que acham que tudo que Deus criou ou que todas as suas leis estão contidas num livro escrito por homens, muitos dos quais ignorantes das leis da natureza, e em função disso diziam, por exemplo, que o trovão era a voz de Deus, os raios eram flechas disparadas por Deus (2Sm 22,15; Jó 36,32-33; 37,4-5; Sl 18,15-16; Is 30,30; Zc 9,14), etc. Aliás, tem pessoas que ainda acreditam em Adão e Eva, serpente falante, Josué parou o Sol, Moisés abriu o mar em duas muralhas e outras crendices mais. Sobre os dois últimos itens, se interessar leia, respectivamente, os nossos textos: [“Os dois milagres de ordem cósmica”](#) e [“Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu”](#).

PAULO NETO: 3.2.3 - A Bíblia combate tal ensinamento

Curioso que a Bíblia não fala em momento algum em reencarnação, conforme não se cansam de nos afirmar, mas quando o assunto é combater, aí sim, ela diz algo. Parece brincadeira! Só que, quando apresentam as passagens para comprovar o que alegam, verificamos que é pura interpretação equivocada, já que sempre as usam fora do seu contexto. Vejamos algumas, normalmente citadas.

“... aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto o Juízo” (Hb 9,27).

Essa é uma das mais interessantes, já que nem mesmo se sabe quem é o autor; daí é singular que usem um autor completamente desconhecido para contestar o que Jesus afirmou: *“João é Elias que devia vir”*. Poderia ser um argumento forte contra a reencarnação se o autor tivesse dito: *“... aos homens está ordenado viverem uma só vez”*.

COMENTÁRIO: certo está o distinto comentarista: a Bíblia não condena a reencarnação, pelo simples fato de sobre ela nada comentar. Entretanto, indiretamente, a inaceitabilidade da suposição reencarnacionista é achada na Bíblia, uma vez que a proposta nela contida conduz a outra idealização diversa da concepção de viver-se muitas vidas.

Que saibamos, o escrito em Hebreus 9:27 não é utilizado para descartar palavras de Jesus. Conforme vimos, “o Elias que havia de vir” significava o cumprimento da profecia a respeito do anunciador da salvação. A inserção de leitura reencarnacionista nesse texto é procedimento arbitrário, que não está coerente com o contexto da profecia, menos ainda com a anunciação, por Jesus, de que o dito profético se cumprira em João Batista.

No entanto, se o digno Paulo da Silva Neto dedicasse miúda parcela de seu tempo para examinar por inteiro o registro em Hebreus se surpreenderia como tão claramente o reencarnacionismo se mostra impossível de ser inserido na mensagem neo-testamentária. Deixamos para o leitor esse desafio (a leitura do capítulo 9 do livro de Hebreus), noutra oportunidade explanaremos mais amplamente o significado daquela mensagem.

Não nos surpreendemos, pois algumas coisas em Hebreus são muito interessantes, por exemplo, fala que depois da morte há um juízo, então o juízo nos fins dos tempos não tem sentido, porquanto, havendo dois julgamentos, o segundo invalidaria o primeiro. Assim, supondo-se alguém condenado no primeiro ao fogo do inferno, poderia pelo segundo ficar livre dele? Transcrevemos do nosso texto [“Antiga ou nova aliança, qual delas devemos seguir?”](#):

Hb 7,18-22: "Assim, fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil; de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus. Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: 'O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre'. Por essa razão, Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor".

Então, não devemos cumprir a Lei anterior, antiga Aliança (Antigo Testamento), que foi abolida por ser fraca e inútil, uma vez que Jesus nos trouxe uma aliança melhor (Evangelho).

Hb 8,6-7.13: "Jesus, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios. De fato, se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança. Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo".

Então, se Jesus trouxe uma aliança melhor (Evangelho), que, inclusive, promete melhores benefícios, é porque a primeira aliança (Antigo Testamento) continha defeitos; assim, com essa “aliança nova” (Evangelho), Deus declara antiquada a primeira [antiga Aliança (Antigo Testamento)].

E apesar da clareza dos textos, os dogmáticos, em sua maioria, ainda seguem o Antigo Testamento.

Podemos também, na mesma linha de raciocínio do autor, dizer que “a Bíblia não condena jogar bomba atômica em cima dos outros, pelo simples fato de sobre ela nada comentar”.

PAULO NETO: Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo, entre outros que ressuscitaram, morreram duas vezes, provando que a “ordem” contida na passagem é inconsistente. Mas, de qualquer forma, esse autor não está completamente errado, pois fisicamente em cada vida só morremos uma vez mesmo e em definitivo, por sinal.

COMENTÁRIO: pensar conforme propõe Paulo Neto equivale a alegar que Jesus era herege porque fazia curas no sábado. A regra sabática era clara e rigorosa, entretanto Jesus a desobedeceu em várias ocasiões. Por que o Mestre agiu daquela maneira? Para provar que a determinação atinente ao sábado era inconsistente? Obviamente que não: tratavam-se de situações específicas, nas quais o descumprimento do mandamento se justificava. Não se deve discutir a

validade de regras apelando para casos exceptivos. Por outro turno, a ressuscitação de Lázaro e de outros era diferente da ressurreição de Cristo, o qual foi "a primícia dos que dormem", conforme se lê em I Coríntios 15:

16 Porque, se os mortos não são ressuscitados, também Cristo não foi ressuscitado.

17 E, se Cristo não foi ressuscitado, é vã a vossa fé, e ainda estais nos vossos pecados.

18 Logo, também os que dormiram em Cristo estão perdidos.

19 Se é só para esta vida que esperamos em Cristo, somos de todos os homens os mais dignos de lástima.

20 Mas na realidade Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.

21 Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos.

O declarado no texto acima, contido no livro de Coríntios, harmoniza com a mensagem do livro de Hebreus, a qual Paulo Neto pretendeu desqualificar, por ser o autor não identificado. Sendo Jesus as "primícias dos que dormem", foi o primeiro a vivenciar a nova dispensação divina que, conforme o ensino bíblico, se consubstanciará por meio da ressurreição dos mortos.

Em resumo: os citados na Bíblia, que passaram por ressuscitações, retornaram à mesma existência em que viviam. Poderiam ser comparadas a pessoas em estado de coma profundo que, após certo tempo nessa condição, retomam a consciência. A sentença contida no livro de Hebreus ("Aos homens está determinado morrer uma vez") estabelece que ninguém voltará a viver outra existência após a morte.

Mas é claro: Jesus foi o maior herege de todos os tempos, pois constantemente fazia algo que era contrário a legislação mosaica estabelecida, embora creditem que todas elas procedem de Deus.

Voltando ao nosso texto "Antiga ou nova aliança, qual delas devemos seguir?", transcrevemos:

Eis algumas citações diretas das leis de Moisés que Jesus modificou:

Mt 5,21-22: *"Ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento'. Eu, porém, vos digo que todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo".*

Moisés: Não matarás. Jesus: que não devemos nem mesmo irar contra ou insultar ao nosso irmão.

Mt 5,27-28: *"Ouvistes que foi dito: 'Não adulterarás'. Eu, porém, vos digo: Qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela".*

Moisés: Não adulterarás. Jesus: só o fato de olhar para uma mulher com intenção impura, já cometemos adultério.

Mt 5,31-32: *"Também foi dito: 'Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio'. Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério".*

Moisés: poder-se-ia repudiar a sua mulher. Jesus: se a repudiares estás expondo-a ao adultério.

Mt 5,33-37: *"Também ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não jurarás*

falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos'. Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno".

Moisés: Não jurarás falso. Jesus: De modo algum jureis.

Mt 5,38-42: "Ouvistes que foi dito: 'Olho por olho, dente por dente'. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes".

Moisés: Olho por olho, dente por dente. Jesus: Quem te ferir na face direita, volta-lhe também a outra.

Mt 5,43-48: "Ouvistes que foi dito: 'Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo'. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

Moisés: Odiarás o teu inimigo. Jesus: Amai os vossos inimigos.

Essa então, teve revogação completa.

Interessante a maneira com a qual explica os casos de ressurreição na Bíblia:

Em resumo: os citados na Bíblia, que passaram por ressuscitações, retornaram à mesma existência em que viviam. Poderiam ser comparadas a pessoas em estado de coma profundo que, após certo tempo nessa condição, retomam a consciência. A sentença contida no livro de Hebreus ("Aos homens está determinado morrer uma vez") estabelece que ninguém voltará a viver outra existência após a morte.

Para nós, todos os casos de ressurreição podem ser classificados ou como estados de coma profundo ou letargia, que de fato houve uma verdadeira morte: nenhum deles. Mas a conclusão é deveras típica de um antirreencarnacionista, para admitir que Hb 9,27 tenha somente estabelecido "que ninguém voltará a viver outra existência após a morte".

Nossa desqualificação do autor de Hebreus foi em relação ao fato de que os bibliólatras aceitam tudo o que ele disse, em detrimento do que Jesus ensinou. Qualquer autor bíblico que venha contrariar um só dos ensinamentos de Jesus, será prontamente desqualificado. Entretanto, quando ele diz que o Antigo Testamento não tem valor, conforme demonstramos um pouco acima, fingem não ver, desconsiderando o contexto.

PAULO NETO: Ainda em relação a essa passagem: até o presente ninguém conseguiu nos esclarecer se haverá dois julgamentos ou não. Se "depois disto o Juízo", e em algumas Bíblias, está "logo depois", qual será a utilidade de mais um juízo no final dos tempos? Quem for condenado no primeiro, poderá se salvar no segundo? Mas, se ficarmos no que se diz nessa frase, então ninguém ficará esperando a ressurreição no último dia para ser julgado.

COMENTÁRIO: Neto está correto, as duas ideias estão presentes em textos que falam da ressurreição. Uma forma de entender essa aparente discrepância é supor que o morto já adentre imediatamente na condição de ressuscitado (com

um “corpo espiritualizado”) e que o “juízo final” seja um modo alegórico de descrever a plena e definitiva manifestação de Deus na história.

É para tentar explicar as discrepâncias qualquer coisa que se supor vale, mesmo que não esteja no contexto bíblico.

PAULO NETO: 3.2.4 – O homem não pode se salvar por si mesmo

A Palavra de Deus, nos diz que é em Jesus que o homem consegue a expiação dos seus pecados (Jo 8,24; 1Jo 1,7-9). O homem só é salvo pela graça de Deus, sem nenhum esforço meritório (Ef 2,8-9; At 4,12; Rm 4,4-5).

Se isso for verdadeiro então o “Sede perfeitos como é perfeito o vosso pai celestial” (Mt 5,48) torna-se um ensinamento inoperante que Jesus nos passou, pois, certamente, numa vida só, espírito algum conseguirá ser perfeito como o Pai o é.

COMENTÁRIO: a questão da salvação pela graça de Deus demandaria estudo específico, que levaria esta réplica a se estender demasiadamente. De momento deixamos a seguintes considerações:

1 – a “salvação” pela graça é doutrina facilmente extraída dos escritos do Novo Testamento, portanto é legítima;

2 – o sacrifício redentor de Cristo também é claramente explicitado nos evangelhos e nas cartas apostólicas. É claro que podemos achar a mensagem errônea e rejeitá-la, mas afirmar que o recado não esteja presente no texto bíblico é faltar com a verdade.

O “sede perfeitos” em Mateus 5:48 pode ser entendido como o modelo de conduta que Deus desejaria de nós, no Antigo Testamento várias vezes a recomendação é proferida, conforme veremos abaixo.

Gênesis 17

1 Quando Abrão tinha noventa e nove anos, apareceu-lhe o Senhor e lhe disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença, e sê perfeito;

2 e firmarei o meu pacto contigo, e sobremaneira te multiplicarei.

Deuteronômio 18

10 Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro,

11 nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos;

12 pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti.

13 Perfeito serás para com o Senhor teu Deus.

Tentando traduzir a declaração de Jesus reencarnacionistamente, Neto afiança que em uma única existência ninguém conseguiria atingir o grau de perfeição exigido. Diante disso, imagina ele, as múltiplas existências estariam implícitas nas palavras de Cristo. Porém, mais uma vez o raciocínio de Paulo Neto é falacioso: se uma única existência é insuficiente para que se atinja perfeição em nível divino, quantas seriam necessárias? Mil, um milhão, cem bilhões? O ser humano por mais que vivesse e progredisse sempre estaria infinitamente distante da perfeição do Criador. Portanto, a recomendação de Cristo deve ser entendida como modelo a ser seguido, não meta a ser atingida.

Está indo além do que dissemos. A reencarnação entraria como o processo pelo qual todos nós conseguiremos atingir a perfeição, não que nós tenhamos dito que a ideia estava implícita em alguma fala de Jesus.

Mas em resposta sobre a quantidade de reencarnações necessárias para se atingir a perfeição, podemos dizer que cada um de nós terá o seu tempo. Imagine numa escola nem todos os alunos aprendem o que deveriam, inclusive, alguns podem nem passar de ano. Quanto tempo ficarão na escola? O tempo necessário para adquirir todo o conhecimento que ela pode dar, levando-se em conta o nível de ensino a que se propõe. Se um aluno insistir em não estudar, será mandado procurar outra escola, daquela será desligado.

Sendo meta ou modelo tanto faz, o fato é que devemos agir no bem para conseguir a

perfeição possível a um ser humano. Olhando a nossa volta, podemos dizer que ninguém consegue isso, colocando essa recomendação de Jesus como algo inatingível. Porém, acreditar num inferno eterno é mais fácil do que acreditar em milhares de reencarnações...

PAULO NETO: Mas ninguém disse que não conseguimos a salvação a não ser por Jesus; entretanto, ela não será pela graça e nem será pelo seu sangue derramado na cruz, porém unicamente seguindo os seus ensinamentos: "É pelo evangelho que vocês serão salvos" (1Cor 15,2) ou "Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o Evangelho que os salva" (Ef 1,13).

COMENTÁRIO: continua Paulo Neto a enveredar por raciocínios tortuosos. Diz que não seremos salvos pelo sangue de Cristo, sim por seguir os ensinamentos de Jesus. Para confirmar, cita dois textos: "É pelo evangelho que vocês serão salvos"; e, "Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o Evangelho que os salva". Contudo, Neto não atenta para o sentido neotestamentário de "evangelho". Esta palavra significa "boa nova". E qual é a boa nova que o evangelho anuncia? Simples: que Cristo morreu por nossos pecados!

Se Neto se desse ao trabalho de ler um pouquinho além do trecho que citou, em I Coríntios 15:2, veria o seguinte:

I Cor 15

1 Ora, eu vos lembro, irmãos, o evangelho que já vos anunciei; o qual também recebestes, e no qual perseverais,

2 pelo qual também sois salvos, se é que o conservais tal como vo-lo anunciei; se não é que crestes em vão.

3 Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras;

Vê-se, pois, como o admirável Paulo Neto se confunde: diz que não somos salvos pelo sangue de Cristo, sim pelo evangelho, o qual diz que somos salvos pelo sangue de Cristo...

Preferimos mil vezes andar por raciocínios tortuosos do que admitir que o sangue de Jesus tenha salvado alguém. Isso, conforme já o dissemos, é ritual pagão e dos puros. Somente os que querem a salvação "de graça" é que aceitam em tal barbaridade.

Do filósofo Pietro Ubaldi, citado por José Pinheiro de Souza:

é absurdo que Deus seja submisso ao poder de Satanás, e tenha enviado Seu Filho primogênito para pagar com Seu sangue o resgate da humanidade, que foi induzida ao pecado pelo próprio Satanás. Como pode Deus justificar esta culpa, a ponto de reconhecer uma dívida Sua para com Satanás? [...] Justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás. (UBALDI, 1988, p. 272).

(SOUZA, 2011, p. 145).

Se Jesus morreu para nos salvar, os que acreditam que ele é Deus, terão que admitir que Deus oferece o seu sangue a si mesmo para nos salvar, conforme já dissemos antes. Haja falta de lógica nisso.

Mt, 9,13: *"Aprendam, pois, o que significa: 'Eu quero a misericórdia e não o sacrifício'. Porque eu não vim para chamar justos, e sim pecadores".*

Mc 12,33: *"E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios".*

A frase "amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos" resume tudo, não precisamos de mais argumentos contra essa ideia absurda de que o sangue de Jesus salva.

PAULO NETO: Certamente que, não fosse a graça de Deus em nos dar outra

oportunidade, estaríamos fritos; portanto, é pela graça de Deus mesmo que somos salvos. Entretanto, não é salvação “de graça” como muitos pensam, pois haverá de ser “segundo a suas obras” a crermos no que Jesus disse.

COMENTÁRIO: a salvação é pela graça e, portanto, gratuita. De graça no sentido de que nada poderíamos fazer para conquistar a aceitação divina; ficamos dependentes da misericórdia de Deus, que se manifestou no sacrifício de Jesus, conforme a mensagem do evangelho. As boas obras são demonstrativos de que o redimido está se esforçando por trilhar os retos caminhos, e, com isso, conquistando um modo de viver produtivo, pois é melhor ser bom que mau.

A reencarnação é a misericórdia e justiça divinas se manifestando aos homens, não fosse isso estaríamos fritos. Nada mais podemos fazer para conquistar a aceitação divina a não ser mudando de comportamento, amando ao próximo como a nós mesmo, síntese do seu Evangelho.

Mas que boas obras são essas agora?, se não cansa de afirmar que o sangue de Jesus salva dos pecados, elas são inúteis, porquanto, já estamos salvos, daí vale: “comamos e bebamos”, ou seja, vamos aproveitar a vida que amanhã morreremos.

Embora não confesse, o que quer mesmo é o que já muitas vezes apontamos: salvação “de graça”.

PAULO NETO: Por outro lado, se a nossa salvação não estivesse em nossas mãos, então, Deus certamente salvaria a todos, já que isso só dependeria da vontade dele.

COMENTÁRIO: a Bíblia diz que Deus não quer que nenhum dos seus se perca. Podemos supor que todos se salvarão, embora deva haver formas de castigo para os que cometeram atrocidades. De qualquer modo, pelo que se depreende do conteúdo bíblico, o julgamento dos homens está nas mãos do todo-poderoso, portanto, devemos supor que as reparações necessárias serão exigidas por quem sabe avaliar em total profundidade os atos do homem.

Eita, agora ficamos totalmente perdidos, pelo fato de não ter argumentado que o sangue de Jesus já salvou a todos nós. Mas, de qualquer forma, um ponto positivo é que crê que todos serão salvos, um dia, quem sabe, aceitará a reencarnação como sendo a única forma disso realizar-se.

O que disse acima, realmente, não há como fugir. Temos que “pagar” pelas nossas atrocidades. Se haverá “o julgamento dos homens” então a sangue de Jesus não salvou ninguém, eis a contradição que se vê nos argumentos do autor.

PAULO NETO: Uma crença que se opõe à reencarnação é a do inferno eterno, mas não há como explicá-lo diante disso: “O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades” (Sl 103,8-10).

Uma coisa que ainda estamos esperando é alguém nos provar que Deus tenha criado o inferno, lugar destinado ao suplício eterno dos contraventores de Suas leis. Que nos mostrem que a pena para os que não cumprissem os Dez Mandamentos seja ir para o inferno, já que é nesse momento que Deus deveria tê-lo, certamente, criado.

COMENTÁRIO: a ideia de um inferno eterno serviu para que muitos malandros ameaçassem desafetos com as chamas da punição divina. Somos da opinião que o inferno significa que a justiça divina se realizará; ou seja, alguns, ou todos, passarão por castigos (talvez até mesmo já estejam vivendo seus castigos nessa vida). Não creio que possamos afirmar contra qualquer outra opinião que o inferno será para sempre. A concepção de um inferno eterno parece entrar em choque com a afirmação bíblica de que Cristo morreu por toda a humanidade. Sendo assim, todos estariam abrangidos pelo sacrifício libertador, desde Gandhi, Madre Teresa, Chico Xavier, até Hitler, Stálin, Nero.

Parabéns pelas conclusões acima. Só que poderia ter ido mais longe e ter afirmado que

a concepção de um inferno eterno entra em choque com a afirmação bíblica de que Cristo morreu por toda a humanidade.

Se o autor acredita que “alguns, ou todos, passarão por castigos” então deveria também aceitar que haverá um julgamento. Ora, julgamento pressupõe que as ações das pessoas serão medidas e não haverá portanto salvação “de graça” somente porque o sangue de Jesus tem poder.

Parece-nos um pouco indeciso, pois no início afirmou que “Jesus apresentou-se objetivamente como o enviado divino para redimir a humanidade de forma ampla, geral e irrestrita”, o que não coaduna com julgamento, nem com castigos.

PAULO NETO: 3.2.5 - A proposta de uma vida feliz através da reencarnação não é atestada pela Bíblia.

E nem poderia ser de outra forma, já que *“Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar”* (Jo 16,12). Como, naquela época, não tinham uma noção clara quanto a isso, não adiantaria explicar o que não eram capazes de entender.

COMENTÁRIO: depois de se esforçar por inserir a crença reencarnacionista na mente dos judeus, Neto resolve apelar para o texto comentado há pouco: tenho outras coisas para dizer, mas por enquanto vocês não estão preparados, assegurando que nessas “outras coisas” estaria a reencarnação. Seria a reencarnação conceito tão complicado que os discípulos não a compreendessem? Não dá para aceitar esse tipo de argumentação. Um ufologista místico poderia reivindicar para seu sítio o declarado por Jesus e defender que a referência era a respeito de Asthar Sheran. Por essa estrada se vai loooungue...

Não iremos repetir os argumentos colocados anteriormente. Apenas para lhe demonstrar que a reencarnação é mesmo um “conceito tão complicado” que nem ele, que percebemos ser uma pessoa inteligente, ainda o aceitou.

PAULO NETO: O que assegura uma vida feliz é a vivência do Evangelho em toda a sua plenitude, e a reencarnação é a oportunidade oferecida para todos aqueles que viveram e morreram, sem haverem tido a chance de ouvir o Evangelho. A reencarnação pode até não garantir uma vida feliz, mas garante a oportunidade de vivê-la. Em contrapartida, nossos críticos evitam dizer que a proposta contrária, a de vida única, não dá essa mesma garantia para todos. Aliás, nem mesmo os que se acham merecedores de uma vida futura feliz apenas por pregarem o Evangelho, sem o praticar, têm essa garantia.

COMENTÁRIO: seria um belo fecho reencarnacionista ao arrazoado de Paulo Neto, se a Bíblia efetivamente apoiasse a reencarnação, o que, conforme vimos, não ocorre. Os prezados espíritas ficariam em melhor situação se simplesmente alegassem que a proposta reencarnacionista é mais aceitável que a mensagem bíblica de salvação pela graça de Deus. Distorcer a mensagem evangélica, para que esta apanigue o reencarnacionismo, certamente não é exercício saudável para o espírito.

A reencarnação além de ser a melhor hipótese que explica as diversidades da vida, pode também ser tirada das narrativas bíblicas, porém, é preciso deixar de lado preconceitos e, especialmente, o dogmatismo religioso que, infelizmente, não permite que as pessoas vejam que é somente por ela que a justiça de Deus se torna justa (redundância proposital).

Quanto a estar ou não na Bíblia, isso vai depender apenas de que lado a pessoa está sobre o assunto; porém, uma coisa é certa todos aqueles que deixaram de lado seus preconceitos e dogmatismo se convenceram que ela está lá.

Um primeiro ponto positivo é que, por ela, todos se “salvarão”, ninguém fica de fora. Um segundo, apenas para exemplificar, é por ela que poderemos entender qual o sentido da vida para um deficiente mental, o porquê de uns nascerem com saúde e outros não, o porquê a idiotia convive ao lado da genialidade, e milhares de outras coisas que diferem umas pessoas das outras.

PAULO NETO: Conclusão

Procuramos desenvolver esse estudo de forma a provar que essa questão de João Batista ser Elias é muito clara no Evangelho, tão clara como a luz do Sol ao meio-dia, num céu de brigadeiro. Entretanto, percebemos que por interesses, que não nos cabe aqui citá-los, as lideranças religiosas procuram esconder isso de seus fiéis, mantendo-os na ignorância. Qualquer pessoa de bom senso ou que não se encontra atrelada a dogmas, verá que isso é ponto irrefutável. Só não vê quem não quer; ou usando as palavras de Jesus: *"Quem tem ouvidos, ouça"*.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Out/2005. (revisado jan/2007)

NOSSA CONCLUSÃO: conduzimos a réplica no sentido de demonstrar que o reencarnacionismo não cabe na Bíblia, e que as tentativas de inseri-lo no conteúdo testamentário são realizadas ao arrepio da boa leitura e pelo mutilamento das mensagens do livro santo.

Moizés Montalvão

Conforme já dissemos muitas vezes, no decorrer de nossa fala, esperar que um antirreencarnacionista veja como nós vemos as passagens bíblicas, é pedir muito. Somente o tempo irá demovê-los de suas ideias, porquanto, também estando sujeitos a reencarnar, numa vida futura irão compreender melhor e aceitar sem grandes traumas.

Algo que Bezerra Neto disse faz sentido:

Há doutrinas que por razões diversas são criadas no decorrer do tempo. São aceitas como verdadeiras pela autoridade de quem as cria. Ou pela repetição automática, estimulada por ministros mais envolvidos nessas doutrinas de suas Igrejas, do que no comprometimento isento com a Palavra divina. (BEZERRA NETO, 2010, p. 142).

Por isso é fácil entender porque alguns ficam obstinados em sustentar o que aprenderam.

PAULO NETO: Referências bibliográficas

A Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, Brasília, DF: SBB, 1969.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
 Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.
 ANDRADE, Você e a Reencarnação. Bauru – SP: CEAC, 2002.
 JOSEFO, F. História dos Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
 IANDOLI JR, D. A Reencarnação como Lei Biológica. São Paulo: FÉ, 2004.
 CHAVES, J. R. A Reencarnação Segundo a Bíblia e a Ciência. São Paulo; Martin Claret, 2002.
 _____, A Face Oculta das Religiões. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Nossas referências bibliográficas:

ALVES FILHO, GILBERT MOREIRA. A Doutrina da Graça. Rio de Janeiro; Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999.
 CHAVES, JOSÉ REIS. A Reencarnação Segundo a Bíblia e a Ciência. 3ª ed. São Paulo; Martin Claret, 1998.
 DAVIDSON F. e colaboradores. O Novo Comentário da Bíblia. São Paulo; Edições Vida Nova, 1976.
 DOUGLAS J.D. org. O Novo Dicionário da Bíblia. Edições Vida Nova, 1979.
 GEISLER, NORMAN; HOWE THOMAS. Manual Popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia. Tradução Milton Azevedo Andrade. São Paulo; Mundo

Cristão, 1999.

KARDEC, ALLAN. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro da 3ª ed. Francesa. 112ª ed. Rio de Janeiro; Federação Espírita Brasileira, 1996.

REIS, ANÍBAL PEREIRA. Aos "Cristãos" que não crêem na Divindade de Cristo. São Paulo; Edições "Caminho de Damasco", 1971.

As Grandes Religiões. São Paulo; Abril Cultural, 1973.

Bíblia Sagrada. Versão Matos Soares. 35ª ed. São Paulo; Edições Paulinas, 1979.

Bíblia Eletrônica. RKSoft Desenvolvimento. Versão 3.2.0. 2001-2011.

Bíblia Sagrada. WebExe. Baseada na versão Ferreira de Almeida. 1998.

Finalizando, deixaremos estes dois pensamentos:

Todos somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou em nada crer, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade germens de perturbação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade. (KARDEC, 1995, p. 14).

Fica patente que a natureza humana é afligida com este obstáculo, se pensarmos na dificuldade que sentimos em mudar de opinião uma vez que ficamos na prevenção, ainda mesmo em favor das mais vergonhosas e mais fúteis tradições dos antepassados e concidadãos. (ORÍGENES, 2004, p. 95).

Tomando-se desta afirmativa de que "... *Deus que faz os mortos viverem e que chama à existência aquilo que não existe*" (Rm 4,17), então não seria impossível que Ele pudesse dar uma nova vida a um espírito ou quantas achar conveniente, visando o seu progresso rumo à perfeição. Certamente, que isso vai proporcionar que cada um consiga isso com o seu próprio esforço, o que justificaria conquistar a sua evolução pelos seus próprios méritos. Dessa forma Deus permitiria que todos os espíritos pudessem no decorrer dos tempos chegar ao topo da evolução, quando então gozará a felicidade de estar junto a Deus. É dentro dessa ideia que a reencarnação é o mecanismo pelo qual Deus age a favor de todos.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2011.

Referência bibliográfica texto atual:

ANDRADE, H. G. *Você e a reencarnação*. Bauru, SP: CEAC, 2002.

ARANTES, J. T. Vida no Espaço. In *Revista Galileu*, nº. 106, Rio de Janeiro: Globo, maio de 2000, p. 28-38.

BEZERRA NETO, E. C. *Inferno e céu: desafio a inteligência. Refletindo sobre o conhecimento no século XXI*. Fortaleza: Premium, 2010.

CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus – mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1995.

CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*, vol. 1, São Paulo: Hagnos, 2005a.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 2005b.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 5. São Paulo: Candeia, 1995.

CÔRTEZ, C. e MORAES, R. De volta do passado in *Revista ISTOÉ*, nº. 1710, São Paulo: Editora Três, 10 de julho de 2002, p. 76-78.

DONINI, A. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Civilização, 1965.

GOSWAMI, A. *A Física da Alma*, São Paulo: Aleph, 2005.

HASSANAIN, F. *Jesus, a Verdade e a Vida*, São Paulo: Madras, s/d.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.

- KARDEC, A. *O céu e o inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 1995
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP, 1993a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP, 1993c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- KASCHER, W. e ZIMMER, R. *Dicionário da Bíblia de Almeida. Versão eletrônica*. Barueri, SP: 2005.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 6*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.
- PINHEIRO, L. G. *O perispírito e suas modelações*. Capivari, SP: EME, 2009.
- Revista Planeta, edição 402, São Paulo: Editora Três, mar/2006.
- ROHDEN, H. *Que vos parece do Cristo?* São Paulo: Martin Claret, 4ª ed. s/d.
- STEVENSON, I, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, São Paulo: Difusora Cultural, 1970.
- SOUZA, J. P. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- SOUZA, J. P. *Paulinismo: a doutrina de paulo em oposição à de Jesus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010.
- SOUZA, J. P. *Mitos cristãos: desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis, MG: GEEC, 2007.
- UBALDI, P. *Cristo*. Campos, RJ: Fundação Pietro Ubaldi, 1988.
- WAMBACH, W. *Recordando Vidas Passadas – depoimento de pessoas hipnotizadas*, São Paulo: Pensamento, 1999.
- WEISS, B. L. *A cura através da Terapia de Vidas passadas*. São Paulo: Salamandra, 1996.
- TEIXEIRA, I. J. Terceira Revelação - O Consolador - Princípio da Reencarnação nos EUA e na Inglaterra, disponível em:
<http://www.terraespiritual.locaweb.com.br/espiritismo/artigo1920.html>, acesso em 20.04.2011, às 09:41hs.